

ENTREVISTA

A trajetória de J. Chasin: teoria e prática a serviço da revolução social

*Entrevista com os Profs. Drs. Antonio Rago Filho e Ester Vaisman
Por Lúcia Ap. Valadares Sartório e Vânia Noeli Ferreira de Assunção*

Por ocasião dos dez anos do falecimento do filósofo J. Chasin (1937-1998), reunimos em São Paulo dois de seus mais antigos e fiéis companheiros e interlocutores, Antonio Rago Filho e Ester Vaisman, para conversar sobre o legado teórico e prático deste grande marxista brasileiro. A escolha desses dois nomes não foi, de modo algum, aleatória ou arbitrária, ao contrário: entre as pessoas que conviveram com Chasin, Rago e Ester se mostraram os mais capacitados e confiáveis para uma entrevista desse teor. Das histórias lembradas por aqueles que estiveram a seu lado em boa parte de sua vida adulta impõem-se algumas constatações: a coerência prática, a lucidez teórica, a convicção pelo acerto científico-filosófico do pensamento marxiano, a aposta no homem e a luta pela sua emancipação. E, acima de tudo, o ineditismo e a densidade de sua personalidade, marcante para todos aqueles que conviveram com ele. Como demonstra o longo depoimento a seguir, Chasin abraçou com paixão e coerência toda uma série de atividades, muitas das quais hoje desconhecidas, esquecidas pela história. Só por este registro a entrevista já é válida, mas ainda constam dela análises sobre a realidade nacional efetuadas pelo filósofo, desdobramentos sobre o pensamento de Marx, comentários sobre autores e aspectos da sua vida particular, sempre atada à sua vida pública, as amizades sólidas e as traições sórdidas. Conteúdo, do começo ao fim, que busca dar conta desta grande figura humana que foi J. Chasin e que torna a sua leitura obrigatória.



Da esquerda para direita: Vânia Noeli F. de Assunção, Ester Vaisman, Antonio Rago Filho e Lúcia Ap. Valadares Sartório

Vânia: *Nosso objetivo hoje é realizar uma entrevista sobre a trajetória de vida e a obra do filósofo J. Chasin, com Ester Vaisman e Antonio Rago Filho. Ester, o que você pode falar sobre a infância dele, onde nasceu, quem era sua família?*

Ester: Bom, esse relato que eu vou fazer é baseado naquilo que ele me contou, naquilo que, nos curtos períodos de contato que eu tive com a mãe dele, ela pôde me narrar. São características, são aspectos da vida dele enquanto criança, enquanto adolescente, que ele me contou, e é nessa condição que isso tem de ser levado em consideração, já que eu não fui testemunha dos fatos. Mas o que é importante ressaltar, em primeiro lugar, é que Chasin nasceu em 1937 e é de origem judaica e, embora seja uma “contradição nos termos”, é de uma família judaica pobre. Ele nasceu na Mooca, que, na época, era um bairro em que viviam, principalmente, trabalhadores. Teve uma infância cheia de dificuldades financeiras. Os pais não nasceram no Brasil: a mãe nasceu na Romênia, o pai nasceu na Polônia, provavelmente num lugarejo que fazia fronteira com a Lituânia. Ambos vieram na leva de imigração judaica, nas primeiras décadas do século XX, ou seja, antes da Segunda Guerra Mundial. Não se instalaram, como a maioria dos judeus dessa leva, no bairro do Bom Retiro, mas na Mooca. O pai de Chasin chamava-se Nochun Chasin, mas era conhecido por Nelson. Muitos judeus mudavam o nome porque eram comerciantes e, para que a

clientela pudesse chamá-los pelo nome, entendê-los etc., mudavam o nome original, aportuguesavam, e virou Nelson. Era, realmente, um homem muito bonito quando jovem: isso é possível ver nas poucas fotografias que existem. A mãe também era igualmente bonita. O nome dela era Pepi Chasin. Chasin também tem um irmão chamado Jaques, nove anos mais novo que ele. Mas o que mais ele lembrava e contava a esse respeito era a avó. A família se estruturava em um esquema matriarcal, centrado na avó, mãe da mãe dele. Um esquema matriarcal, segundo o qual na casa da avó é que se reuniam todos os parentes, sempre na cozinha. A avó sempre tinha algo no fogão para servir para as visitas. Esquema, inclusive, semelhante ao italiano ou espanhol, muito característico desse tipo de imigração, em que as pessoas se reuniam na cozinha para conversar, para contar as novidades. A primeira língua que Chasin aprendeu não foi o português, e sim o iídiche. Ele começou a falar em iídiche, porque era a língua que se usava na casa da avó, na vida familiar. O pai era vendedor de roupa de porta em porta, algo que era muito característico dessa leva de imigrantes judeus, o vender roupa de cama ou peças de vestuário de porta em porta. Infelizmente, o pai foi internado duas vezes por tuberculose, por longos períodos, em Campos do Jordão. Foram momentos marcantes para a família, que se viu às voltas com a resolução de problemas de sobrevivência, inclusive, é óbvio, com o sentimento da ausência paterna. A mãe teve, então, de assumir a criação dos filhos, as funções domésticas, mas também prover a casa. Então, ela saía com pacotes pesados de roupa de cama, pegava o bonde para bater de porta em porta, e vender – tentar vender – essas mercadorias. Então, era muito difícil. E, enquanto a mãe saía, dada a diferença de idade, que num determinado período da vida sabemos que é importante, Chasin ajudou a criar o irmão, cuidava de sua alimentação etc., porque, como já disse, a criança era pequena e a mãe tinha de sair para vender mercadorias.

Vânia: *Ele não chegou a trabalhar nessa época?*

Ester: Não chegou a trabalhar. Ele cuidava da casa e cuidava do irmão. Ele ficava encarregado dessas funções, da função doméstica e tarefas afins. Houve um período em que a situação melhorou e eles contaram com o apoio de uma ajudante, de uma empregada doméstica. Mas houve períodos bem difíceis; eles não chegaram, evidentemente, a passar fome, mas foram períodos difíceis. Eu não sei perfeitamente a idade, mas foi ainda na primeira infância que Chasin teve reumatismo infantil. Na época, imagino que não havia tratamento à base de corticóides, de forma que ele teve de ficar deitado por um ano. Eles moravam em uma casa que só tinha um quarto, então, ele teve de ficar deitado na sala, onde todo mundo ficava quando chegava,

o que era bem constrangedor. Era uma casa que ficava na vila e ele via os meninos jogando futebol e não podia jogar também... Não podia brincar...

Vânia: *Eles eram judeus praticantes?*

Ester: A mãe, principalmente. Era ortodoxa. O pai nem tanto... A mãe era ortodoxa, então, a comida servida na casa era *kasber*. Mas, enquanto a mãe era bastante séria e rígida, sob vários aspectos, o pai era mais brincalhão, era mais *light*, vamos dizer assim, e às vezes fugia do esquema *kasber*, ia ao boteco da esquina e comia arroz, feijão com lingüiça!! Era um cara muito brincalhão, gostava muito de futebol. Tinha um lado brincalhão que Jaques, o irmão do Chasin, tem, o próprio Chasin tinha, os filhos também têm, que é esse hábito de contar piadas etc. Quando ele ia à feira para fazer compras, todo mundo o conhecia, e ele ficava apertando os tomates e, evidentemente, fazia comentários não muito... publicáveis a respeito do estágio de maturação dos tomates. Todo mundo na feira o conhecia: “Ah, o Sr. Nelson tá chegando...” Ele já vinha contando piada, fazendo comentários, todo mundo o conhecia. E Chasin, inclusive, quando esteve em Moçambique, mandou uma longa carta para o irmão, lamentando a morte do pai, ocorrida no início de 1978, pouco tempo antes de Chasin partir... Nessa carta, uma carta muito bonita, muito poética – Chasin tinha um traço poético, um traço literário na escrita –, ele comentava essas características do pai. Ele nunca se deu bem com a mãe, exatamente pelo rigor, pela ortodoxia religiosa dela. Ele veio a estabelecer um contato melhor com ela pouco tempo antes de ela morrer, dois anos antes de Chasin, em 1996, de um câncer na garganta.

Vânia: *Eles tinham relações no meio judaico? Como era, nessa época, a circulação dele?*

Ester: Eu não sei bem, mas acho que era um relacionamento mais familiar, mesmo. Chasin estudou o antigo primário numa escola judaica, de que eu não lembro o nome, e depois ele começou a estudar em escola pública, e terminou o segundo grau em um colégio estadual de referência. Acho que ainda existe, fica no Parque D. Pedro [em São Paulo]. E o relacionamento com a comunidade judaica era mais via família propriamente. Na família, a única pessoa que tinha uma condição de vida melhor era o irmão da mãe, o tio, que possuía em casa um rádio. O Chasin menino gostava de ir à casa desse tio, porque lá ele tinha condições de ouvir o rádio, era um aparelho que tinha um botão ou alguma luz vermelha que o encantava enquanto criança. Não só porque a caixa falava, mas porque tinha uma luz vermelha que o hipnotizava na caixa... Então, era lá que ele ouvia rádio, música etc., na casa desse tio, que era irmão da mãe dele.

Vânia: *Ele conservou amigos de infância no decorrer da vida?*

Ester: Não, não... Mas, por outro lado, há uma coisa muito característica da primeira geração de judeus que nasceram aqui no Brasil. Eu li, certa feita, um estudo socioantropológico sobre isso, que afirmava o seguinte: os filhos de imigrantes tentam se integrar de toda forma ao país. Eles querem se integrar para não ficar no limbo... Vejam, a primeira língua que Chasin aprendeu foi o iídiche, e a segunda, o português. Assim, ele fez um esforço muito grande de se integrar ao bairro, ao país, aos costumes, aos hábitos. Ele fez questão, inclusive, de fazer o CPOR¹ quando estava na faculdade. Era tenente da reserva. Fez questão de servir ao Exército, porque considerava, achava – certo ou errado, ingenuamente ou não – uma forma possível de se integrar. Acho que isso é muito característico dessa primeira geração que nasce de pais que vieram na imigração. Mas, enfim, ele teve uma infância muito difícil, conflitos domésticos, principalmente com a mãe... E conflitos domésticos com os pais, porque ambos tinham modos de ser muito diferentes: a mãe, muito rígida, muito ortodoxa, e o pai mais aberto, alegre, enfim, encarava a vida de uma forma um pouco mais positiva que a mãe.

Vânia: *Nesse período de infância e adolescência se manifestava, de alguma maneira que ele tenha transferido a você, uma tendência para a questão social, filosófica?*

Ester: Não. O que se manifestou na adolescência foi o interesse por discutir questões que estavam na ordem do dia. Por exemplo, no antigo colegial, ele organizou um grande debate à época, na década de 1950 – imagina como isso deve ter gerado um *frisson* –, ele organizou uma série de palestras sobre amor livre. Por outro lado, em meados da década de 50, Chasin, com cerca de 18 anos, escrevia poemas. Evidentemente, poemas livres. Ele chegou a participar de concursos de poesias, mas nunca chegou a ganhar nada. As poesias dele, realmente, não eram grande coisa, mas, enfim... Ele escreveu poesias... Mais tarde, tentou pintar... Artes plásticas... Os quadros que ele produziu também não são grande coisa (*risos*), mas, enfim... Havia essa veia... E são poesias niilistas, pessimistas, de amores fugidios, enfim, realmente, transparece um niilismo acentuado... E ele escreveu também nesse período, uma coluna num jornal que se chamava *União*, um pequeno jornal comercial. Então, ele era mais da leitura, principalmente nesse ano em que ele ficou de cama, ainda na infância... O tratamento era repouso e ele lia muito. Então, ele leu na juventude, na

1. “O Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) é a unidade de ensino do Exército Brasileiro responsável pela formação básica, moral, física e técnico-profissional do oficial subalterno da 2ª Classe da reserva. /.../ através de seus Cursos de Formação de Oficiais da Reserva (CFOR), formam aspirantes-a-oficial, habilitando-os ao desempenho de funções de comando das frações elementares da tropa, tanto na guerra como na paz”. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/CPOR>>, acessado em 14 set. 2008. Cursar uma universidade dispensa o serviço militar, mas habilita o interessado a fazer o treinamento para oficial da reserva nos fins de semana, caso de Chasin.

adolescência, tudo aquilo que a gente deveria ler, que são os autores clássicos, tanto nacionais como da literatura universal: Tolstói, Dostoievski, Balzac... Então, tudo que era livro que lhe caía na mão, ele lia. O dinheiro que ganhava, com o pouco dinheiro que ele tinha ele não ia comprar nem gibi, nem brinquedo, mas livro. Então, era alguém que desde cedo demonstrou uma preocupação, uma atenção, um gosto, um prazer pela leitura, pela escrita. Ele tentou desenvolver uma veia poética, mas não conseguiu.

Vânia: *E ele saiu do colégio direto para a faculdade ou demorou para ingressar?*

Ester: Acho que ele demorou um pouco. Ele não foi direto. Ele ingressou em 1959... Houve uma época em que ele trabalhou como bancário, ele estudava à noite e trabalhava em um banco. Ele fez o colegial à noite e foi nesse período, no colégio, que os amigos dele eram Luiz Weiss² e Vladimir Herzog³. Eles saíam sem rumo pelas ruas do centro de São Paulo, entravam em algum bilhar ou coisa parecida. Ele andava muito, pois não tinha dinheiro para a condução, então, ele saía da Mooca e ia até o centro da cidade etc. É isso, eles andavam muito, porque os três não tinham dinheiro para pagar condução, bonde, seja o que for.

Rago: *Há nesse período a formação de uma esquerda judaica, vamos dizer assim, de origem judaica, que milita no trotsquismo e no PCB.*

Ester: Sim. A primeira esposa de Chasin, Hannah Profis, participava dessa esquerda judaica. Ela era professora, inclusive, de iídiche, numa escola que fica no Bom Retiro, Scholem Aleichem. Hannah Profis é que participou dessa esquerda judaica desde a juventude. Os pais dela vieram da Ucrânia, eram de esquerda e ela foi da Juventude Comunista. Já Chasin não teve participação na esquerda judaica.

Vânia: *E ele decidiu estudar filosofia na USP.*

Ester: Exatamente. Antes de ingressar na faculdade, ele ficou muito impactado, foi muito influenciado pelas leituras que fez de Bertrand Russell, que era um agnóstico. Então, o agnosticismo de Bertrand Russell, os textos dele, nessa época, o influenciaram muito, e eu penso que Chasin decidiu pelo curso de filosofia exatamente por conta da leitura que fez de Russell. Além disso, era alguém muito preocupado com as relações humanas, interesse já demonstrado nos temas das palestras que ele organizou quando cursava o colegial. Ele só veio a conhecer Marx e a esquerda na universidade, pelas mãos de Hannah Profis, que, como já disse, era da esquerda.

2. Jornalista e sociólogo, atualmente no Observatório da Imprensa e no jornal *O Estado de S. Paulo*.

3. Vlado Herzog (1937-1975), cuja morte, decorrente de tortura, nos porões do Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) desencadeou uma onda internacional de protestos e marcou uma inflexão da ditadura militar.

Vânia: *Eles se conheceram na universidade?*

Ester: Sim. Ela fazia o curso de ciências sociais, ele fazia o curso de filosofia. E, de uma forma bastante esperta, atraída por ele, ela pediu umas aulas particulares de filosofia. Eles freqüentavam a Biblioteca Mário de Andrade, começaram a namorar lá, durante as aulas de filosofia que Chasin dava para Hannah. E foi lá, exatamente, que ele conheceu Maurício Tragtenberg e conviveu com ele e um grupo de intelectuais que freqüentava a Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Ele estudava lá e namorou lá também, entre os livros.

Rago: Isso é interessante, porque recentemente, em torno da morte de Bento Prado Jr., passou na TV Cultura o depoimento de amigos, como Giannotti e outros... E eles recuperaram como grupos de intelectuais freqüentavam a Biblioteca Municipal e a troca intelectual que se tinha ali. Maurício Tragtenberg, certa feita, nos contava de sua aproximação da esquerda, em especial dos trotskistas. Contava como esses intelectuais liam e debatiam textos que não tinham tradução em português. Então, eles liam em francês, a pessoa anotava, o outro depois comentava... Uma vez perguntei a Maurício como ele aprendeu literatura, história, língua estrangeira... Maurício salientava o “grupo da Biblioteca” como fundamental para sua formação. Citava o próprio Bento Prado Jr., Flávio Rangel, Leôncio Martins Rodrigues, Antunes Filho, Aracy Rodrigues, entre outros, como seus companheiros da Biblioteca. Ele aprendeu muito com esse “método”, com esses núcleos, nos quais se incluía a família Abramo – Leila, Athos, Perseu, Fúlvio. Maurício, posteriormente, relia a tradução que faziam, anotava, e depois confrontava com o texto original, de posse de dicionários. Isso nos faz pensar no tipo de intelectuais que freqüentava aquele ambiente, que permitia esse intercâmbio.

Ester: No caso, Hannah e Chasin eram estudantes, e enquanto tal absorviam esse clima, o aproveitavam, além do fato de que lá encontravam livros. Não se comprava, eles não tinham condições de comprar livros. Eram poucos aqueles que conseguiam adquirir livros na época da faculdade.

Vânia: *Ele trabalhava na época da faculdade? Ou só estudava?*

Ester: Eu não tenho idéia, mas acho que trabalhava, porque a família não tinha condição de mantê-lo apenas estudando. Lembro-me que ele dava aulas no cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia, em certo período.

Vânia: *Ele contou como foi o primeiro contato com Marx, como ele começou a se aproximar das questões marxistas e sociais, propriamente ditas?*

Ester: Foi no saguão da [unidade da USP na R.] Maria Antônia. Porque, da mesma forma que havia essas discussões na Biblioteca Mário de Andrade, ele dizia que as discussões, aquilo de vivo que acontecia na faculdade de filosofia ocorria no saguão da Maria Antônia. Então, ali é que se travavam os grandes debates, as grandes discussões, e ele tomou conhecimento de Marx ali.

Vânia: *Então, ele não tinha aulas que abordassem o pensamento marxiano, que o tivessem influenciado...*

Ester: Não, não me parece que Marx era uma matéria... Não tenho certeza, mas me parece que Marx não era um tema, naquele período, muito presente no curso de filosofia. Talvez no curso de ciências sociais, que ele conhecia por Hannah, que fez este curso. Inclusive, quando FHC foi eleito pela primeira vez, numa foto que foi publicada da defesa de tese de doutorado dele, Hannah aparece assistindo...

Rago: É bom demarcar o período. Ele entra em 1959?

Ester: Exato! É importante ressaltar isso... Ele se envolveu no movimento estudantil, na época, logo de início, influenciado por esse relacionamento com Hannah e com outros que vinham do curso de ciências sociais. Ele viu nascer e acompanhou o famoso grupo de estudos sobre Marx que surgiu exatamente nessa época, em 59, e foi até 63, do qual participaram Giannotti, FHC, Ruth Cardoso, Weffort... Bento Prado participou num período, Roberto Schwarz também, como estudante. Enfim, Chasin acompanhou isso. Ele tinha um ótimo relacionamento com Cruz Costa, que foi seu professor, e foi aluno de Giannotti, de Michel Debrun, de Gilles-Gaston Granger, enfim, de toda essa geração que vinha para a USP para lecionar. Ele conheceu também Gérard Lebrun... enfim, teve uma formação em filosofia bastante sólida, graças ao fato de que as turmas eram reduzidíssimas e os professores eram de primeira linha. Além de que foi um momento de intensa polêmica, de intenso debate sobre questões nacionais, questões intelectuais, que ele teve o privilégio de viver, enquanto estudante, nesse momento pré-64, no Brasil, participando também do movimento estudantil nesse período. Ele teve uma atuação muito intensa nesse período no movimento estudantil.

Vânia: *Ele falava de amigos desse período, de companheiros do movimento?*

Ester: Ele comentava de casos como Goldman, Alberto Goldman, que foi contemporâneo dele e estudava na Poli...

Rago: É preciso lembrar que em 1958 Giannotti volta do doutorado na França. Ele propõe o Seminário de Marx. O estudo de *O Capital* é proposta de Fernando

Novais. Nessa organização havia, por exemplo, alguns estudantes, como Paul Singer e Roberto Schwarz – que eram, inclusive, os que entendiam alemão, uma língua que muitos não dominavam. Esse seminário produziu uma irradiação teórica muito grande entre os vários ramos das ciências humanas no Brasil, fenômeno que Chasin, mais adiante, passa denominar de *analítica paulista*, que inclui as teorias do populismo, do autoritarismo, da dependência e da marginalidade. Nela há esse marxismo reductor, adstringido, com seu viés epistemologizante das leituras de *O Capital*. Está claro que paulatinamente os desenvolvimentos epistêmicos desse marxismo adstringido serão expulsos desse corpo teórico. Mas eu só queria demarcar isso, nesse momento da entrevista: a presença desses dois braços na universidade, o braço do Partido Comunista – com o marxismo vulgar – e esta linha da filosofia uspiana. De todo modo, Chasin sempre nos lembrava o feito da leitura dos textos que era realizada à época, sobretudo seu rigor, o seu caráter de análise imanente.

Ester: Na época, chamava-se de análise estrutural, mas não tem nada a ver com o estruturalismo, evidentemente.

Rago: O fato de Chasin ter recebido uma formação séria por parte de Granger, de Debrun, do próprio Giannotti... foi muito importante para ele. Ao mesmo tempo, assiste-se à própria movimentação da realidade e dela se participa, pois era um ano de muita transformação, ou seja, a modernização é acelerada naquele momento, e no Brasil a modernização acelerada é excludente, como o próprio Chasin sempre analisou. Então, acho que esse ambiente que se apresentou na universidade obrigou-o a tomar certas posições. Nesse momento ele vai ter expressão enquanto estudante.

Ester: É. Ele tinha uma expressão, uma influência, uma irradiação, uma liderança importante nesse período, mas, como ele dizia: “eu entrei para o PCB porque, na época, não havia nenhuma outra organização”. As organizações trotskistas ou paratrotskistas eram muito restritas, quer dizer, o partido de esquerda que existia era o Partidão, mas desde o início a relação de Chasin com o PCB, mesmo enquanto estudante, foi extremamente problemática, conflituosa. As propostas do Partidão para o movimento estudantil, ele sempre as questionou, a relação foi bastante tensa desde o começo, desde o início. Nunca foi uma relação de subserviência, de simples aceitação das diretrizes que o Comitê Estadual ou a direção do movimento estudantil determinavam... Exemplo desse tipo de comportamento foi a campanha pela escola pública, na qual ele foi representante da UNE.

Rago: Eu soube disso tardiamente, quando Chasin falou que era vice-presidente e Florestan era o presidente da Campanha pela Escola Pública. Em princípios dos anos 1960, Chasin foi convidado a participar do Congresso do PCB, por conta de

sua atuação nos movimentos sociais. Mencionou, inclusive, que ele foi decisivo na discussão do Congresso. E, depois, temos a posição que ele assume no CPC⁴. Até então, eu não sabia que Chasin teve uma presença importante, aqui, em São Paulo, no CPC também. Infelizmente, num livro de Marcelo Ridenti, *Em Busca do Povo Brasileiro*, aparece uma pequena nota sobre o conflito com o Partido Comunista, mas que dá a impressão de que Chasin teve uma posição negativa em relação ao CPC. E não localizam o problema no plano *estético*. Quer dizer, Chasin condenava a posição de levar a programática do Partido para o campo da arte. Aí, já aparece um tipo de vínculo com Marx e com Lukács. Aproveito a ocasião para mencionar a importância de Caio Prado Jr. na formação intelectual de Chasin e da pesquisa que ele fará depois, porque isso poucas pessoas conhecem. Chasin é citado por conta de sua “Contribuição para a Análise da Vanguarda Política no Campo”, que foi publicada na *Revista Brasiliense* de finais de 1962⁵.

Ester: Muitas pessoas desconhecem...

Rago: Muitas pessoas desconhecem, porque não há citações de autores n’*A Revolução Brasileira*, que é de 1966, de Caio Prado Jr., a não ser a de Chasin. Assim, creio que, nesse momento, Marx, Lukács e Caio Prado Jr. são influências importantes e que, sem dúvida, permitiram que Chasin desenvolvesse uma posição extremamente crítica em relação ao PCB. Nós sabemos qual posição tinha Caio Prado Jr., mas sabemos também qual lugar ele ocupava frente aos stalinistas, ao marxismo vulgar. Chasin atuou na *Revista Brasiliense*, e isso foi fundamental, porque nessa revista ele publicará sob a forma de dois artigos a crítica a Mannheim⁶, que elabora já sob a influência do pensamento de Lukács⁷. Acho que é bom recuperar que a militância de Chasin nessa época: de um lado, há a figura de Caio Prado Jr. – Chasin, mais tarde, aprofundará certos aspectos da análise histórica caiopradiana – e, de outro, a presença de Marx e Lukács, que também serão alvo de estudos profundos e minuciosos por parte dele.

Ester: Veja, aquilo que eu falei há pouco: ele assistiu ao nascimento do Seminário sobre Marx, ou seja, ele foi testemunha ocular daquilo que estava acontecendo na USP. Evidentemente, esse seminário surgiu, me parece, por duas razões fundamen-

4. Os Centros Populares de Cultura (CPCs) foram criados em 1961, no Rio de Janeiro, e eram ligados à União Nacional dos Estudantes (UNE). Esses Centros reuniam diferentes segmentos artísticos que atuavam junto às classes populares.

5. CHASIN, J. “Contribuição para a Análise da Vanguarda Política no Campo”. *Revista Brasiliense*. São Paulo, n. 44, nov./dez. 1962. Republicado na coletânea *A Miséria Brasileira*.

6. Karl Mannheim (1893-1947), sociólogo judeu nascido na Hungria. Publicou *Ideologia e Utopia* em 1929, entre outras obras.

7. Trata-se do trabalho intitulado “Dissertação sobre a Sociologia do Conhecimento de Mannheim”, orientada pelo Prof. Michel Debrun. O texto foi publicado em dois números da *Revista Brasiliense*.

tais, uma teórica e outra política. A primeira razão era a insatisfação dessas figuras em relação ao estágio em que se encontravam as ciências sociais ou o pensamento social no Brasil. Essas figuras estavam insatisfeitas com o ensaísmo brasileiro, ou seja, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Em outros termos, eles não consideravam toda essa produção propriamente científica. Ao mesmo tempo, os membros do *Seminário Marx* não concordavam nem com as teses de Nelson Werneck Sodré, nem com as de Alberto Passos Guimarães, nem com as de Caio Prado sobre a formação social brasileira. Então, eles foram ler Marx influenciados pela polêmica gnosiológica em torno do pensamento marxiano... Eles foram ler Marx com o intuito de perseguir aquilo que poderia ser um *método científico*, existente, implicitamente, na obra econômica. Supostamente, a partir da apreensão deste método, pleiteavam a sua utilização para a investigação da formação social brasileira e, nessa medida, oferecer um contraponto para a produção teórica direta ou indiretamente vinculada à esquerda ou ao ensaísmo de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. É curioso, como Rago bem chamou a atenção, que, enquanto esse pessoal, professores e dois estudantes, rumavam por uma trilha desta natureza – evidentemente, Chasin foi alijado, e foi alijado exatamente porque ele tinha um vínculo com o movimento estudantil, ele tinha uma militância política e isso, na época, para esses digníssimos professores, era um ponto contra Chasin, era uma mácula. Chasin era um aluno que se destacava entre os demais, não só por conta de seu perfil teórico, mas por sua dimensão crítica. Imaginem uma sala de aula, final da década de 50, começo da década de 60, na Maria Antônia, na USP. Os rapazes iam de terno e gravata, as moças todas bem vestidas... Havia todo um comportamento respeitoso do aluno em relação ao professor. Tão respeitoso que era muito difícil ou mesmo impossível um aluno se manifestar em sala de aula! Um episódio que Giannotti nunca esqueceu foi que, numa aula de lógica – Giannotti era professor de lógica –, Chasin teve a “ousadia”, digamos assim, de se contrapor a ele em sala de aula. Uma coisa que não era admissível à época! Cruz Costa, certa feita, chegou para Chasin e disse: “Você é muito inteligente, você é um rapaz de grande capacidade, mas aqui você não vai ter futuro em função de sua militância política no movimento estudantil e de sua postura em sala de aula”. A partir desse momento – é bom lembrar que nós estávamos sob o regime de cátedra ainda –, a partir daquele momento, Chasin viu que, em função da sua postura teórica, sua postura crítica e de alguém vinculado ao movimento estudantil, as portas da academia já estavam fechadas para ele. Isto ficou claro nessa fala muito sincera, muito honesta de Cruz Costa, com quem ele tinha um ótimo relacionamento. Mas é bem verdade que, quando Chasin optou pelo curso de filosofia, ele não tinha grandes ambições de fazer carreira como professor universitário. Ele queria ser professor de

filosofia de segundo grau, além de escritor. Era isso que ele queria naquela época, ao contrário do que a família pressionava, principalmente a mãe. A mãe judaica quer que o filho seja médico... Tenha *status* de médico... Mas, para horror de Dona Pepi, Chasin optou pela filosofia, ele queria ser professor e escritor. Infelizmente, como sabemos, o ensino de filosofia foi retirado do ensino médio, quando da reforma de 68. Assim, Chasin não tinha diante de si muitas alternativas. Mesmo porque o golpe de 64 foi devastador para ele também em termos pessoais.

Vânia: *Antes de entrar no período da ditadura, só queria pontuar: Ester comentou certa vez que o primeiro contato que ela teve com Chasin foi justamente num grupo de estudos de Evolução Política do Brasil, de Caio Prado Jr. Chasin achava o livro muito importante, bem como diferenciava Caio Prado de todos os outros teóricos que tentavam compreender a realidade nacional. E A Revolução Brasileira foi um livro que marcou época e que menciona a pesquisa feita por Chasin, que resultou no “Contribuição para a Análise da Vanguarda Política no Campo”. Havia proximidade entre eles no diagnóstico da situação rural no Brasil?*

Rago: Chasin partilhava da análise concreta da situação dos trabalhadores rurais em nossa formação social, que não identificava os nossos trabalhadores do campo com os camponeses de extração feudal. Nesse Congresso⁸, buscava-se compreender os interesses, as perspectivas dessa categoria social do campo brasileiro. Chasin sempre se pautou pela busca da compreensão racional do mundo, e também pela militância, pela intervenção prática. O que, como Ester colocou, “atrapalhou na academia”, mas atrapalhou também na esquerda. Porque, diante da luta interna do Partido Comunista, ele assume a luta anti-stalinista. E isto vai lhe custar a hostilização típica do stalinismo, tanto nos anos 60, por sua participação naquele Congresso, como no período da Escola de Sociologia e Política, a formação de intelectuais vacinados contra o stalinismo e a vulgata marxista... Tanto que, num congresso para o qual ele foi convidado ele faz uma intervenção radical. No sentido de mostrar os crimes stalinistas, as ações oportunistas e um pouco além.

8. I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, promovido pelo CPC de São Paulo em Belo Horizonte (MG) em novembro de 1962.



Da esquerda para direita: Rosa Maria Vieira, Caio Prado Jr., J. Chasin e Antonio Rago Filho.

Ester: E contra as teses da Terceira Internacional, contra o *etapismo*⁹ etc... E contra as diretrizes, vamos dizer, culturais do Partidão. Então, em relação a essa história do CPC, é preciso que se diga o seguinte: primeiro, é preciso fazer ainda a história do CPC, pois isso não foi feito. Aqueles que se voltaram para a análise da atuação do CPC fizeram essa análise por um viés, viés esse que joga no lixo da história toda a movimentação do pré-64, e foi o que caracterizou a esquerda não marxista e toda a teoria produzida pelo marxismo adstringido no que diz respeito ao movimento sindical. Aí, nós pegamos, por exemplo, Weffort e José Álvaro Moisés... Em suma, toda a movimentação do pré-64 foi rejeitada, negada *in totum*, como se tivesse sido meramente, para usar a expressão utilizada por esses dois autores, *correia de transmissão* do Partido Comunista. Então, o CPC foi visto como uma espécie de braço do Partido Comunista no movimento estudantil – e mais, como uma espécie de instrumentalização política da arte, contra a qual Chasin logo se colocou. Mas é preciso lembrar que a história do CPC é muito mais complicada que isso, mais complexa que isto, porque nós precisamos lembrar que se trata de um período na história do Brasil em que havia uma intensa movimentação social e, evidentemente, os inte-

9. O Partido Comunista, seguindo as teses stalinistas, defendia a idéia de que as transformações históricas se realizavam pela sucessão de etapas invariáveis e predeterminadas e que todas as sociedades eram subordinadas a elas, isto é, que há estágios fixos de desenvolvimento que todas as sociedades deveriam atingir – o sistema escravista, o feudal e o capitalista – e ultrapassar historicamente até atingir o socialismo.

lectuais e artistas, teatrólogos, enfim... todos os que militavam nessa área queriam, parafraseando a música de Milton Nascimento, queriam estar onde o povo estava, de alguma forma, queriam contribuir... Então, é preciso analisar caso a caso os trabalhos que surgiram nesse período e resgatar, se assim for possível... Guarnieri¹⁰, Juca de Oliveira¹¹, Vianinha¹², Paulo Pontes¹³... Quer dizer, as principais figuras... Disso resultou o Teatro de Arena, *Arena conta Zumbi*. Não é possível uma pessoa, alguém minimamente razoável, pegar toda essa experiência e simplesmente negá-la, rejeitá-la *in totum*, como sendo uma experiência que significou o braço do Partido Comunista no interior do campo artístico no Brasil, dentro do movimento estudantil, e rejeitar, por isso, toda a produção cultural que o CPC produziu. Igualmente, é um despropósito ver Chasin como alguém que levava as teses do Partido para o interior da UNE ou do CPC. Ao contrário... Foi aí que ele encontrou Lukács, foi aí que a questão sobre a obra de arte, sobre a função da obra de arte, se pôs, e desde aquele momento Chasin se manifestou contrário a qualquer tentativa de instrumentalização política da arte, o que lembra, inclusive, a polêmica de Lukács e Brecht. É interessante resgatar isso exatamente porque Lukács sempre foi contra isso. Como Chasin se interessa por Lukács? Como Chasin encontra Lukács? Evidentemente, poucas obras de Lukács eram conhecidas no Brasil, mas, se pegarmos a história do marxismo no século XX, vamos reconhecer que foram poucos os comunistas que se debruçaram sobre o campo da cultura ou sobre o campo da formação ideal, das ideologias, não no sentido pejorativo. Chasin estava interessado pela situação social brasileira – e a aproximação com Caio Prado se deu em função disso –, mas, ao mesmo tempo, interessado em analisar aquilo que se chama de *pensamento conservador* ou pensamento das classes dominantes ou a ideologia das classes dominantes no Brasil. Desde estudante ele se interessou por isso. Quando colocou essa questão a Giannotti, este o desaconselhou fortemente que ele se voltasse a isso, dizendo que era uma questão menor. Se lermos a apresentação de *O Integralismo de Plínio Salgado*¹⁴, nós veremos ali que, indiretamente, Chasin, em vários trechos, refere-se a essa questão – quer dizer, nem o Partido Comunista considerava esta uma questão de maior importância e nem Giannotti, nem os acadêmicos a consideravam um objeto, um tema que deveria ser estudado. Então, ali Chasin foi *contra a corrente* duplamente, na academia e em relação

10. Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006), ator, diretor, dramaturgo e poeta ítalo-brasileiro. Autor, entre outras, de *Eles não Usam Black-Tie*, de 1958.

11. Juca de Oliveira (*1935) é ator e dramaturgo consagrado. Passou pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e pelo revolucionário Teatro de Arena, além de ter sido militante da esquerda comunista.

12. Oduvaldo Viana Filho, o *Vianinha* (1936-1974) – um dos maiores nomes da dramaturgia brasileira e um dos fundadores dos CPCs.

13. Paulo Pontes (1940-1976) atuou nos CPCs e nos teatros de resistência no período da ditadura militar.

14. CHASIN, J. *O Integralismo de Plínio Salgado*. Forma de regressividade do capitalismo híper-tardio. 2. ed. Santo André, Estudos e Edições Ad Hominem, 2000.

ao Partido. Ele dizia: “nós precisamos entender, nós precisamos identificar como pensa a burguesia, o arremedo de burguesia, o que é o pensamento conservador no Brasil, para poder entender a dinâmica das classes”. Algo que destoava completamente daquilo que, no período, era considerado prioritário. Onde ele foi buscar o apoio, o elemento teórico fundamental para isso? Em Lukács. Mannheim foi objeto da monografia de final de curso de Chasin, de 1962, que foi publicada em dois números da *Revista Brasiliense*. Na época, Mannheim exercia uma influência muito grande na academia. Havia como que uma posição que endossava, que aceitava, que acatava a teoria, a posição de Mannheim. E, mais uma vez, Chasin teve a coragem de ir *contra a corrente* e fez uma monografia de final de curso amparando-se em Lukács, mas pegando o texto de Mannheim e mostrando as suas deficiências por dentro. O que é algo muito difícil de fazer e ninguém faz isso até hoje, e ainda critica quando nós fazemos, dizendo que isso é mera paráfrase. Definitivamente, não é. Então, é preciso sinalizar também este momento. Quer dizer, enquanto outros autores são festejados por terem traduzido ou introduzido o pensamento de Lukács no Brasil, nós não podemos esquecer que um estudante de filosofia fez sua monografia de final de curso contra Mannheim, que gozava de uma aceitação, de uma influência muito grande na época, inspirando-se em Lukács.

Rago: Eu acho importante, mais para registrar, que, num certo sentido, nós podemos até dizer que Mannheim predomina ainda na academia, no sentido de que o intelectual é pensado sem liames sociais, sem vínculos e determinações sociais. Como se isso fosse possível! Quer dizer, o intelectual ficar livre das conjunções, das lutas sociais, das classes etc. Então, eu acho importante isso, porque era uma característica da academia essa dimensão, e depois, obviamente, a direita também recuperava Mannheim no sentido da racionalidade do planejamento. Celso Furtado e outros se referem a essa dimensão. E a esquerda social-democrática ainda crê na racionalidade do Estado, agora, como interventor democrático ante a aceleração das forças produtivas materiais. Então, havia uma confluência de um pensamento de esquerda da academia com outras intervenções políticas que, no fundo, se cruzavam. E Chasin dava esse corte. Uma coisa que acho que seria bom pontuar, é óbvio que está na cabeça de todos nós esse momento, é o significado do golpe de Estado de 1964 na vida de Chasin. Eu acho que é óbvio que 64 é uma fenda, um corte. Chasin se valia de uma frase de Marx, que diz que, como no caso da Comuna de Paris e outros, uma derrota para o movimento operário poderia significar muito. No sentido de você compreender, de fato, as posições das classes, as estratégias, os seus limites, erros etc. e dar um salto. E eu acho que, a partir desse momento que eles

procuram Prestes¹⁵, tanto Caio Prado Jr., Elias Chaves Neto¹⁶ e outros do núcleo da “Brasiliense”... Estou falando Brasiliense entre aspas, porque eles não configuravam uma tendência, mas eram uma tendência de fato, no sentido da linha teórica. E esse momento é um divisor de águas, porque Chasin vai colocar que houve um fracasso, porque, quando foi procurado por esse grupo, Prestes achava que a esquerda estava quase no poder.

Ester: Aqui é preciso lembrar o comício do Partido Comunista em 1963, no Pacaembu, quando Prestes, no discurso, dizia: “Estamos no poder”.

Rago: Algo como: “Não somos o governo, mas estamos no poder, porque influímos mais do que Goulart”. Mesmo que Prestes, depois, tenha dito que nunca falou isso. Todavia, a consciência que o Partido disseminava era exatamente essa dimensão de que as rédeas do poder “estão nas nossas mãos”, “temos o sindicato, o PTB está com a gente, frações do exército estão com o partido”, e assim por diante. E quando isso é colocado, um golpe estava prestes a ocorrer, então, é muito importante que isso seja grifado, que um grupo de intelectuais marxistas, entre os quais o jovem Chasin, já tinha uma visão de que algo desastroso estava para ocorrer e o Partido estava completamente desarmado. Então, só para pegar uma coisa disso tudo: desta derrota Chasin se propõe a produzir alguma coisa – o que viria a se constituir com o Movimento Ensaio –, imbuído da idéia de que “ter lucidez é um ato revolucionário”. O que implicava dedicar-se em tempo integral aos estudos e formação de pessoas. Levar às últimas conseqüências a consigna de que era condição *sine qua non* a superação da carência teórica da esquerda – veja que Caio Prado Jr. começa com essa questão seu livro sobre *A Revolução Brasileira* de 1966. Aí é que Chasin sai definitivamente do Partido, em 1963...

Ester: Quer dizer, ele, na verdade, nunca esteve no Partido. Ele se mirava muito no exemplo de Caio Prado, que tinha um pé fora e um pé dentro. É uma expressão que ele sempre utilizava e um posicionamento que ele sempre defendia e justificava.

Rago: Caio Prado falava também muito disso, da necessidade de, na militância, ter sempre os pés nas condições vividas, um pé dentro e outro fora. Eu acho que isso é visceral, porque o golpe de estado de 1964 vai se refletir na vida de Chasin por uma quebra, uma ruptura violenta de um projeto. Além disso, no plano estritamente profissional, ele tinha sido convidado por Maurício Tragtenberg para lecionar

15. Luís Carlos Prestes (1898-1990), conhecido como *Cavaleiro da Esperança*, liderou a famosa Coluna Prestes antes de ingressar no Partido Comunista, do qual foi dirigente.

16. Elias Chaves Neto (1898-1981) estava à frente da Editora e da *Revista Brasiliense* junto com Caio Prado Jr., de quem era primo.

em uma faculdade que estava sendo estruturada em São José do Rio Preto e, com a intervenção ditatorial, houve o cerceamento da continuidade daquilo que seria uma carreira promissora, porque Chasin vai ficar afastado por um tempo, para só mais tarde retomar o magistério superior. Enfim, gostaria de fazer mais alguns comentários sobre esse período, porque é um momento em que o Brasil assiste a movimentações sociais ímpares, movimento sindical, movimento rural, Ligas Camponesas no Nordeste, mas também no Sudeste, movimento estudantil... Havia programas, projetos sociais, e não como hoje, em que a “esquerda” está totalmente desarmada. Veja a CUT ante o governo Lula e a crise mundial do capital.

Ester: Embora Chasin não tivesse sido preso ou torturado, por exemplo, em 1973, convidado pelo Ceupes – o Centro de Estudos e Pesquisas, que era o Centro Acadêmico do curso de ciências sociais da USP –, Chasin foi dar uma palestra sobre *ideologia* ou *ciência*, na USP. No dia seguinte, parou uma veraneio, em frente à casa dele, “convidando-o” para depor no Dops. Então, a cada momento que ele aparecia publicamente, ele era “convidado” a depor. Então, ele era acompanhado, *pari passu*, pelos órgãos da repressão, embora nunca tivesse sido preso nem torturado – mas temos de convir que há outras formas de tortura também... Não somente a física. Há formas de acabar com a vida de uma pessoa além da prisão... Isso deve ficar registrado.

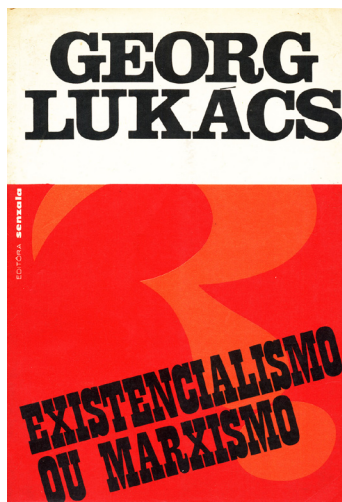
Vânia: *Eu queria incluir nessa discussão, voltando um pouquinho, também a revelação dos crimes stalinistas, como isso repercutiu no Brasil e como isso entrou nessa questão de que vocês estão falando, nessa movimentação toda de 64...*

Ester: Na verdade, é o seguinte: Chasin teve sempre um pé atrás em relação a tudo o que dizia respeito à União Soviética e aos Partidos Comunistas. No entanto, é bom deixar claro, porque alguém pode perguntar: “Por que ele se vinculou?” Porque era a única arena, o único espaço, único lugar no qual se podia atuar e discutir. Nunca passou pela cabeça dele, mesmo enquanto estudante, tomar uma posição de *voyeur*, como Marilena Chauí, que entrou na universidade depois dele e que confessa que apenas assistiu a tudo aquilo, como *voyeuse*. A partir do momento em que Chasin, pelas mãos de Hannah, entrou no Partido, tomou essa decisão, considerou necessária essa atuação para mudar as coisas, ele não tinha melindres, mas sempre foi crítico em relação a uma série de aspectos, seja em relação ao marxismo vulgar, seja à forma de organização política do PCB no Brasil, seja em relação às teses que o Partido disseminava à época – como a do capitalismo autônomo, da necessidade de uma revolução burguesa para depois chegar ao socialismo e outras. E por isso ele se aproximou de Caio Prado. Ele sempre teve uma postura crítica em relação a isso.

Embora ele tenha sido visto por muitos como comunista stalinista, ele nunca o foi, em nenhum aspecto. Ele só atuou nesse organismo porque se tratava de um espaço que considerava o único por meio do qual se poderia efetivamente fazer alguma coisa, e eu creio que, passados todos esses anos, ele não se enganou e percebeu claramente, como Rago frisou, os erros teóricos. A aproximação com Caio Prado e o grupo da Brasiense se deu justamente em função da precariedade, da mediocridade teórica que caracterizava o Partido aqui no Brasil. Isso sempre foi um problema para Chasin. Naquela época, a esquerda tinha um programa, mas era um programa que foi construído em bases teóricas totalmente equivocadas. Era algo que estava claro na cabeça daquele estudante, ele sabia, ele constatava a mediocridade, a fraqueza e a debilidade teóricas; para ele isso sempre foi um problema, sempre foi algo que ele queria mudar. Queria, de alguma forma, contribuir para que a esquerda, no Brasil, produzisse teoricamente algo rigoroso, para que a esquerda pudesse ler a realidade de forma rigorosa e identificar na realidade as possibilidades de transformação. Então, desde estudante, isso estava absolutamente claro. Em dezembro de 1963 ele dizia que o golpe estava sendo articulado. Ele procurou diversas pessoas, foi até ridicularizado: “Como você, um jovem, vem dizer que vai acontecer isto ou aquilo? Você está delirando”. O primeiro filho dele já havia nascido, em outubro de 1962. Hannah havia abandonado a faculdade por causa do nascimento do primeiro filho... Eles moravam num prédio que ainda existe, na Martinho Prado, em frente à sinagoga. Existia embaixo um bar, chamado *Ferro's Bar*, eu não sei se existe ainda. Chegando o golpe, há esse episódio na faculdade de São José do Rio Preto... eles tiveram de tirar rapidamente todos os documentos que haviam colocado na secretaria da faculdade, a partir dos quais eles iam ser contratados, para que não fossem presos, Maurício [Tragtenberg] e ele... Eles começaram a pegar tudo quanto é documento e jogar e queimar no vaso sanitário, até que o vaso sanitário explodiu! Logo em seguida, eles começaram a mudar – Chasin, a mulher, Hannah, e a criança pequena, Ibaney, mudando de casa para não serem localizados, para não serem pegos e aprisionados. Eles rodaram bastante. Chasin ficou desempregado por um longo período, vivendo graças a contribuições da família. Foi um período difícil. Ele não chegou a ser preso ou torturado, mas... o golpe de 64, para a geração dele, foi uma ruptura, foi um corte, foi o final de um projeto. Em 64 nasce o segundo filho dele, prematuro, evidentemente por conta do sofrimento todo, de todos esses problemas que a mãe teve e, então, emocionalmente atingida, fisicamente atingida, ele dá à luz um menino aos seis meses de gestação.

Rago: Nesse quadro complicado, Chasin mantém a consigna de “manter a lucidez” como ato revolucionário. Dedicar-se à tarefa de estudar e pesquisar como nunca. Mas, ao mesmo tempo, ele tinha que trabalhar em empresa para garantir uma situação financeira para a família, pois, para ele, qualquer necessidade humana que afetasse um dos seus exigia sua dedicação exclusiva e integral. E esta dedicação o obrigou a atuar em um campo completamente hostil a tudo aquilo que ele gostaria de ter realizado. Assim também foi a história de Marx: Marx queria ser professor de filosofia, queria dar aulas, mas foi impedido pela vida. E Chasin também foi impedido pelo golpe de 1964, pois o convite de Maurício Tragtenberg não pôde ser cumprido e houve a intervenção dos conspiradores na Faculdade de Filosofia, já no primeiro dia de abril de 1964. Em consequência disso ele foi buscar outros espaços para sobrevivência. Tem até uma história curiosa que Chasin me contou, que foi a inovação das embalagens dos remédios. Ele inovou a venda de comprimidos... Sabe o comprimido Cibalena, que você compra em conjunto de quatro? Foi Chasin que criou isso no Brasil. Criou a cartela de comprimidos. E isso lhe permitiu comprar seus livros. Enfim, com esse ideal de manter a lucidez, de estudar sem trégua, acabou por criar uma grande biblioteca. Ele tinha a história completa da esquerda, história da América Latina, história européia, filosofia, história da arte, tudo o que você possa imaginar. E em várias edições. E não era uma pessoa que só lia na língua portuguesa, mas ele garimpava a todo instante, qualquer obra inédita, recém-lançada, falando de Marx, Lênin ou do próprio Lukács, ele ia atrás. E é desse empenho que nasce a Senzala¹⁷. Porque a Senzala, para quem não sabe, é uma editora e Chasin em 1967 publica *Marxismo ou Existencialismo*, de Lukács, com tradução de José Carlos Bruni. Ele fez o prefácio do livro e a Senzala publicou também Baby Jean sobre a China, o próprio Maurício Tragtenberg e o romancista Marcos Rey. Seria necessário, por isso, fazer uma rápida história da Editora Senzala. Quer dizer, as pessoas pouco falam disso, porque desconhecem. As que sabem ocultam...

17. Editora dirigida por José e Jacques Chasin, que publicou: *As Grandes Divergências do Mundo Comunista*, em que Baby Jean discutia as divergências sino-soviéticas a partir de meados dos anos 50; *Marxismo ou Existencialismo*, de G. Lukács; *Não Podemos Esperar*, de Martin Luther King; *Planificação: desafio do século XX*, de Maurício Tragtenberg; *Hai-Kais*, de Millôr Fernandes; *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos; *Psicanálise do Anti-Semitismo*, de Rodolphe Loewenstein, além de livros sobre a questão negra, da mulher e outros.



Capa do Livro *Existencialismo ou Marxismo* de Georg Lukács com Introdução e Tradução de José Carlos Bruni. Publicado em 1967 pela Editora Senzala.

Veja, Caio Navarro de Toledo fez uma resenha do livro organizado por Sérgio Lessa e Maria Orlanda Pinassi¹⁸ sobre aquelas entrevistas de Carlos Nelson Coutinho com Leandro Konder. E ele fala: “Que absurdo, vocês não citam a *Revista Temas*¹⁹, vocês não citam a *Ensaio*, não citam Chasin”. Vejam, Caio Navarro, uma pessoa distante de nós, mas com a coerência de apontar: “Vocês não deram o tratamento devido”. E ninguém fala disso. Assim como eles citam a autobiografia de Lukács²⁰, que foi preparada por Chasin, antes de vir a falecer, publicada pela Ad Hominem, editora pensada por ele para dar continuidade à *Ensaio*, com a Universidade Federal de Viçosa; eles não mencionam como surgiu, quem propôs, a importância da publicação do último trabalho de Lukács e como surgiu toda essa história. Então, Chasin fica nulo nesse processo atual. Porque o livro é de agora, desse século. Voltando, então, ao século passado, para ressaltar a importância daquele momento. Por que fazer a Senzala? Chasin dava prosseguimento à sua linha de “manter a lucidez”, dedicando-se a publicações fundamentais para o debate da esquerda, já no período de con-

18. Trata-se de *Lukács e a Atualidade do Marxismo*, publicado pela Boitempo Editorial em 2002, organizado por Maria Orlanda Pinassi e Sérgio Lessa. Entre outros textos, está ali coligida a correspondência de Lukács com Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder entre 1961 e 1970. A resenha de Caio Navarro de Toledo mencionada pelo entrevistado está disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/resenhatoledo.pdf>>.

19. *Revista Temas de Ciências Humanas*, publicada entre 1977 e 1981, primeiro pela Grijalbo, depois pela Livraria Editora de Ciências Humanas. Retoma-se o histórico da revista mais à frente.

20. LUKÁCS, G. *Conversando com Lukács*. Autobiografia em Diálogo. Santo André, Ad Hominem/Universidade Federal de Viçosa, 1999.

solidação da dominação autocrático-burguesa em nosso país. Diante da carência teórica, é necessário que essa esquerda mude, na ditadura, e a Senzala foi um esforço considerável de Chasin nesse sentido. Ele não dormia à noite, para estudar, e depois descansava muito pouco. Então, Chasin foi criando um hábito de leituras sistemáticas sobre vários assuntos. Ele era muito focado nos seus temas, praticava a análise imanente às últimas conseqüências, e ele tratava desde uma questão brasileira, uma questão teórica, questões de várias ordens que faziam com que ele trabalhasse num sentido múltiplo de pesquisa...

Ester: Só para reforçar o argumento de Rago. Ele era alguém da área de filosofia, mas que destoava completamente de todo e qualquer professor de filosofia. Quer dizer, ele tinha uma formação filosófica densa, mas, simultaneamente, um olhar voltado para a realidade brasileira. Então, ele era capaz de fazer ciência e filosofia ao mesmo tempo, o que é absolutamente original, inédito, porque normalmente nós temos uma coisa ou outra – ou nem uma coisa nem outra. O mais comum é nem uma coisa nem outra...

Rago: Então, nesse sentido, ele tem já em mira influir com edições de livros e revistas, suprir essa carência. Disso, mais adiante, resultará em seu projeto da *Temas* e da *Ensaio*. Isso longe de concordâncias plenas, mas para fomentar a polêmica. E aí tem também um traço em Chasin, e isso para mim ficou muito evidente quando a gente criou a *Ensaio*, quando ele veio com a proposta da [revista] *Ensaio* e, particularmente, com a publicação de um texto de Lênin – “Carta a um Camarada”²¹. Com essa proposta, não apenas ficava claro o conhecimento que ele tinha das obras de Lênin, mas também como ele assimilou um traço do pensamento leniniano: o papel de jornais e revistas como instrumento de luta e organização. Agora, vejam só, basta pegar o Partido dos Trabalhadores, que nunca teve um jornal que fosse orientador. Ele pode ter revistas, mas aí é um suplemento literário, não é um elemento de polêmica. E Chasin tinha como exemplo a *Iskra* quando foi criada a *Revista Temas de Ciências Humanas* em 1977. Chasin sabia da importância de uma revista, da importância de acolher a polêmica no seio de uma revista. Ele sempre procurou criar instrumentos para problematizar, e – não só isso – também mobilizar e organizar, ao contrário do que é muito difundido por seus detratores, isto é, que Chasin queria criar uma revista que seguisse apenas uma linha: a dele. Foi justamente o contrário que aconteceu em todas as suas tentativas de criar um instrumento de debate e polêmica! Além disso, Chasin teve uma característica muito marcante na sua personalidade, que é essa diretriz de pensar o mundo permanentemente. Ele não é o intelectual que pensava, por

21. LÊNIN. “Carta a um Camarada”. *Revista Nova Escrita/Ensaio*. São Paulo, Escrita, ano IV, n. 8, pp. pp. 111-33, 1981.

exemplo, o marxismo voltado apenas para questões sociais, econômicas e políticas, mas também para a vida pessoal. Ou seja, ele não separava as duas facetas, vida privada de um lado e vida pública, de outro. A construção do caráter se dá no processo da vida. Chasin diferenciava instrução de educação, porque a educação se põe no processo de vida, não se resume à apreensão de conhecimentos na universidade. É o espírito da educação humanista e radical. O autorevolucionamento permanente implicava uma luta cotidiana. Não é o fato de se apossar da teoria marxiana que livra o indivíduo das mazelas do mundo. Chasin brincava dizendo que ninguém escapava das contradições da via colonial. Ou seja, ter consciência revolucionária não suspende a determinação social dos indivíduos, de sua vida e seu pensamento. Essa dimensão, Chasin a põe como roteiro de vida. A Editora Senzala já era este embrião, de influir e de formar, mas só quando ele vai para a [Escola de] Sociologia e Política é que ele vai ter a possibilidade, aí sim, de disseminar aquilo que já era o resultado anterior.

Ester: Agora, lembrando que, no caso de Marx, um grande momento de atuação política dele – que a gente sabe que foram raros, que foram poucos, embora todo mundo tenha a visão de um Marx militante nas 24 horas do dia, o que é inverídico, completamente inverídico – foi a *Nova Gazeta Renana*, de 1848. Foi o modo pelo qual Marx pensou e interveio na Revolução de 48 na Alemanha – foi por intermédio de um jornal. Isso estava muito claro para Chasin, reforçando essa idéia que Rago colocou. Tomando como parâmetros o próprio Marx e Lênin, a existência de um órgão jornalístico... Não foi por acaso que a gente publicou “Carta ao Camarada” de Lênin, exatamente porque Lênin concebeu o Comitê Central (CC), de um lado, e o Órgão Central (OC), de outro, este último como órgão de divulgação, de elaboração teórica e como meio de intervir, mobilizar e conscientizar na luta, e era mais uma dimensão que estava presente em Chasin. Isso na década de 60. Quem trabalhou com ele naquela pioneira editora: Hannah, a esposa, um sócio cujo nome eu não me lembro, que rapidamente saiu, e o irmão Jaques ajudando nessa editora que, por razões óbvias, não se sustentou, mas que foi um primeiro ensaio, um primeiro embrião, que ganhará novo corpo quando Chasin voltar de Moçambique.

Vânia: Ester, já que estamos falando em atuação política, eu gostaria que você recuperasse a questão da candidatura de Chasin nesse processo. Ele foi candidato a deputado, não é isso?

Ester: Sim. A candidatura em 1970 foi algo de que ele próprio se arrependeu profundamente. Em 1970, ele tinha 33 anos. Ele foi procurado, à época, por pessoas que haviam participado do PCB ou que tinham alguma ligação com o Partido: “Olha, a gente precisa de um candidato...”. E Chasin considerava: “Bom. Deputado estadu-

al, eu não quero. Quer dizer, se é para se candidatar a alguma coisa, é para deputado federal, porque é ali que as questões decisivas passam.” Um segmento do Partido, na época, prometeu que o apoiaria, mas, no fim, não apoiou; fizeram com ele a mesma coisa que, mais tarde, fizeram com Resk²². Resk acabou se elegendo, porque a gente o apoiou. Então, a mesma coisa, na hora H, não apoiaram Chasin... Goldmann foi eleito. E foi um momento em que os setores de esquerda propagavam o voto nulo E mesmo assim... Eu não me lembro exatamente, mas acho que Chasin teve 3 mil, 4 mil votos... E não foi uma coisa tão ruim. E a plataforma dele era pelo *desenvolvimento do mercado interno; pela educação...* Mas de imediato ele percebeu que tinham puxado o tapete dele. E ele se arrependeu, inclusive, de tentar ser candidato.

Rago: Eu queria ainda continuar os comentários sobre o livro *Marxismo ou Existencialismo*, porque se trata de um momento em que Chasin escreve para Lukács, pois pretendia publicar *História e Consciência de Classe*²³. Todavia, Lukács não autorizou, explicando que era um livro com o qual não mais se identificava. Lukács responde para Chasin comentando que queria que *História e Consciência de Classe* fosse publicado com um prefácio em que faria alguns apontamentos corretivos. Chasin espera, então, Lukács escrever o prefácio. É bom esclarecer isso muito bem, porque circulou entre os lukacsianos no Brasil a notícia de que havia um oportunista que pretendia publicar o livro sem o prefácio, à revelia de Lukács. Não sei se falam de Chasin, mas, se assim for, isso é completamente falso, pois eu mesmo fiz a leitura da carta.

Ester: E a Senzala, que, infelizmente, vai à falência... Havia funcionado entre 1966, 1967, 1968... Publicou livros de Plínio Marcos – *A Navalha na Carne* –, de Marcos Rey, *Hai-Kais* de Millôr Fernandes, livro de Maurício Tragtenberg – publicou vários títulos. Chasin também criou um jornal, chamado *Jornal da Senzala*, que traz, em seu único número – parece os *Anais Franco-Alemães* –, no seu único número, de janeiro de 1968, uma entrevista, justamente, com Caio Prado. E um artigo que Florestan Fernandes havia escrito em 1965 para a *Brasiliense*, mas que havia ficado inédito por causa da proibição da *Revista*, “O Problema da Universidade”, republicado como o primeiro capítulo do livro *Universidade Brasileira: reforma ou revolução?*, de 1975.

Vânia: *Nesse período, ele se dedicou integralmente, profissionalmente à Senzala?*

Ester: Houve um período em que ele abandonou tudo para se dedicar profissionalmente à Senzala, depois não deu certo e ele teve de voltar a trabalhar em indústria

22. Antonio Resk (1933-2005), jornalista e político, teve participação ativa nos movimentos sociais durante a ditadura militar. Foi membro do MDB e do PCB e vice-presidente do Instituto Astrojildo Pereira, além de membro do Conselho Editorial da *Revista Novos Rumos*.

23. Obra de Georg Lukács publicada originalmente em 1936, que teve enorme impacto e foi objeto de grande polêmica, tendo em vista os apontamentos críticos feitos pelo próprio autor.

farmacêutica. Ele entrou para a Ciba Geigy, na qual ficou responsável pela área de publicidade; e como publicitário é meio esquisitão, ele usou cabelo comprido, camiseta, não tinha horário de trabalho certo e fez questão de aparecer como publicitário “doidão” para fazer seu próprio horário e conseguir tempo para estudar, sem precisar permanecer na empresa por oito horas. Durante o dia, ou parte do dia, ele trabalhava e criou peças publicitárias importantes. Ele tinha um gosto para isso, que acabou se revelando depois, na forma como a Ensaio trabalhava, essa coisa de usar papel pólen, meio amarelado, que depois outros editoras usaram, a mancha [a distribuição do texto numa página], o cuidado com a diagramação interna, com a capa etc. Todo esse talento, esse *know-how* que ele desenvolveu na área de publicidade, acabou sendo aproveitado para o caso da *Ensaio*. Mas é importante, então, ressaltar que ele vai para a Ciba Geigy e trabalha nesta empresa por 15 anos. Não sei como ele agüentou, mas ele conseguiu isso, e, mais uma vez, quero ressaltar que todo o dinheiro que ele ganhou foi para comprar livros, foi para financiar a pesquisa sobre Plínio Salgado e o integralismo...

Vânia: *Eu só queria entender bem como foi esse período em que ele trabalhou na empresa.*

Ester: Foi terrível, avassalador... Essa “vida dupla” – essa expressão é dele –, essa vida dupla que ele levava foi uma coisa, assim, terrível. Gerava um mal-estar, uma frustração terrível.

Vânia: *Mas, ao mesmo tempo, ele era um profissional e seguia determinados padrões. Ou seja, ele se dispunha a ser um bom profissional naquilo que estava fazendo.*

Ester: Pois é. Até que chegou a um ponto, e isso acontece em qualquer multinacional... Quando certo padrão de executivo chega a um determinado nível, ele é convidado a ir para a matriz, no caso era na Basileia, na Suíça, para depois assumir a superintendência em outro país. Ele se negou... Ele não queria sair do Brasil. Porque, dizia: “O meu lugar é aqui, é aqui que eu tenho de trabalhar, que eu tenho de estudar... Eu tenho de contribuir para a – digamos entre aspas –, para a ‘revolução brasileira’, eu tenho que contribuir para o entendimento teórico desse país, eu não quero sair”. Ele deu lá uma resposta dizendo que a sogra, ou mãe, que alguém estava doente, mas, evidentemente, não colou essa desculpa e ficou claro que, afinal de contas, Chasin não “vestia a camisa” da empresa. Foi bom porque ele pediu demissão, ele sentiu que realmente iam mandá-lo embora, mais cedo ou mais tarde, exatamente porque ele tinha se negado a ir para a Suíça, e durante um ano ele viveu com o Fundo de Garantia [do Tempo de Serviço], para terminar a tese de doutorado, que foi sobre Plínio Salgado. Isso porque um tema fundamental para Chasin, para a compreensão

da dinâmica das classes no Brasil, era exatamente entender o que foi o pensamento conservador. Ele o fez fundamentado naquilo que Lukács, na *Destruição da Razão*, dizia que era o tripé metodológico: a análise imanente e da determinação social do pensamento pela análise da gênese e da função social. Ele procurou seguir esses três pontos na tese de doutorado, o que o fez ficar acordado durante as madrugadas ao longo de vários anos, porque ele escreveu ainda no regime antigo, ou seja, antes da criação do atual regime de pós-graduação, no qual o indivíduo faz uma seleção, tem de fazer créditos etc. Ele se inscreveu no Conselho Estadual de Educação para defender na Escola de Sociologia e Política. Era o modo como antigamente se defendia uma tese: você solicitava à congregação de uma faculdade para se matricular e para esta congregação compor uma banca e nomear o orientador, pois não havia cursos de pós-graduação como os de hoje. Ele se inscreveu no sistema antigo e, durante anos a fio, à própria custa, como diz na apresentação do livro, ele coletou jornais, trabalhos escritos, ele pegou toda a obra escrita, todos os discursos de Plínio Salgado como deputado, todos os romances... E ele só pôde contemplar do tripé a análise imanente, e mesmo assim o trabalho se transformou em um volume imenso, porque ele tinha, a todo preço, a todo custo, de mostrar como o discurso integralista tinha características completamente diferentes do nazi-fascista. Ele tinha de demonstrar, tinha de provar que eram dois fenômenos ideológicos distintos, apesar das semelhanças no plano aparente. Isso não significa, como ele mesmo fez questão de esclarecer nas primeiras páginas da tese, que o integralismo era mais positivo! Isso é uma grande besteira ventilada por certos leitores mal-intencionados. Ele provou que, em termos ideológicos, o integralismo era mais regressivo que o nazi-fascismo! Então, a tese ganhou um tamanho gigantesco, Cruz Costa até fez uma piada – Chasin fez questão de levar a tese pessoalmente, Cruz Costa já estava doente... Como sempre, este, mesmo doente, fazia piada: “Chasin me trouxe a tese, mas eu não posso fazer a leitura do volume deitado...”. De tão imensa que ela era. Na época, tinha de datilografar, não tinha computador... Teve mil e não sei quantas páginas...

Rago: A tese tem dois volumes, dois catataus que estão dispostos no Arquivo do Estado e na USP também. Eu queria comentar, e é uma coisa muito interessante, que, mesmo seguindo aquilo que Chasin chamava à época de *ontometodologia da história* (depois ele abandona esse termo, mas há pessoas que até hoje falam dessa construção que ele usava), o que eu acho importante é que nós somos formados por Chasin *inteiramente*, em história, filosofia, nas análises críticas de outros autores... Além disso, Chasin insistia na idéia de iniciar o processo da compreensão do pensamento conservador, mas indo até o limite da *análise imanente*, coisa que Lukács não teve como fazer no livro *A Destruição da Razão*. Chasin sempre pensou essa



Edição póstuma da tese de doutorado de J. Chasin.
Prefácio de Antonio Candido e Posfácio de Antonio Rago Filho

pesquisa como um processo coletivo. Seriam várias monografias, que incluíam Gustavo Barroso, Miguel Reale, Olbiano de Melo, Severino Sombra, entre outros. Quer dizer, só se poderia multiplicar esse tratamento indo até à saturação, para daí, sim, efetuar a síntese do movimento e suas concepções, visões de mundo. Existiam integralismos... Observem os novos livros sobre a AIB e o fenômeno do integralismo: eles continuam na ladainha da *análise convencional*, segundo a qual esse fenômeno é uma imitação, uma cópia, um recurso mimético: já que as condições históricas não permitiram fluir o fascismo e nazismo como na Europa, os integralistas recorreram a empréstimos ideológicos, tendo como suposto a noção de “idéia fora de lugar”, então o fenômeno se deu no Brasil por via da mera imitação. E era precisamente o que Chasin contestava: “Ora, se isso é verdade, que mostrem pela imanência de sua entificação histórica.” Chasin, ao contrário, em sua pesquisa, pratica a *análise imanente*,

coisa que, aliás, nós demoramos muito tempo para entender como fazer... Na verdade, é aquela idéia de Marx já explícita em 1843, que compreender significa captar “a lógica específica do objeto específico”²⁴. Por isso é que Chasin nunca separou a análise imanente da determinação social e da função social do pensamento na análise das ideologias. Tanto é que, no caso da pesquisa sobre o integralismo de Plínio Salgado, ele extrai a perspectiva social do pequeno proprietário rural que se volta para um mundo utópico. As dimensões de *regressividade*, de um *anticapitalismo romântico*, Chasin vai evidenciá-las por dentro da obra, e não como aplicação de um modelo, de uma teoria pré-fabricada. Ou seja, Chasin extrai essas características do discurso ideológico pliniano, da própria lógica concreta do objeto. Essa é uma dimensão da pesquisa que ele fez, passo a passo, com muito rigor, colado aos textos de Salgado. Posteriormente, Héglio Trindade²⁵ foi dizer que Chasin leu só alguns trechinhos para tirar uma idéia fora do lugar.

Ester: A reação negativa despropositada de Héglio ocorreu também porque Chasin foi para o Rio Grande do Sul conversar com ele a respeito do integralismo, que Héglio já havia pesquisado, e este deu acesso às fontes que tinha. E depois Héglio ficou muito irritado e levou a discordância teórica para o campo pessoal, de forma completamente descabida. Isso é um absurdo e eu acho que esta é uma oportunidade também para esclarecer.

Rago: De fato, Héglio Trindade escreve que Chasin leu o Plínio [Salgado] *pós-integralismo* e, portanto, que teria feito uma leitura falsa, anacrônica. Isso é completamente falso, porque Chasin contemplou todo o discurso de Salgado, o conjunto de seus escritos, não uma pequena porção deles, e chegou a encontrar uma bibliografia específica: o primeiro livro alemão, escrito da ótica nazista, criticando o integralismo! Trata-se de um livro no qual o *nazismo* reivindica do *integralismo* o *elemento rácico*, denuncia a ausência do racismo em Plínio Salgado! E, vejam, Chasin, na análise do texto, havia já identificado a ausência desse racismo e, a partir desta e de outras características, mostrou as diferenças entre o discurso pliniano e o nazi-fascista. Chasin sempre ponderou... Não se pode usar uma teoria como passaporte universal. A concepção está em Marx: “Portanto, eventos de chocante analogia, mas se passando em *milieu* (meios) históricos diferentes, levaram a resultados bem diferentes.” Ou seja, não se pode usar uma teoria supra-histórica, como passaporte universal para se ex-

24. Trata-se de citação da *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, escrito por Marx em 1843, texto de transição para seu período propriamente marxiano.

25. Héglio Henrique Casses Trindade (*1939), cientista político, estudou o integralismo e foi reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992-96). Foi também o primeiro presidente da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes), órgão do Ministério da Educação que desde 2003 tem a prerrogativa de supervisionar a avaliação do ensino superior. Atualmente, é membro do Conselho Nacional de Educação.

plicar realidades distintas, sem mais, como modelo! Deve-se partir, obviamente, das realidades específicas e concretas, e aí sim vale o momento comparativo. Comparar, diz Chasin, é próprio do conhecimento. Agora, Chasin praticava (e isso se torna muito claro na *teoria das abstrações*, que ele extrai de Marx) essa *intensificação ontológica*. Chasin levava em conta fundamentalmente a dimensão histórica e assim chegou às conclusões de sua pesquisa. Quer dizer, no integralismo não há o *elemento rácico* que há no nazismo e não há o expansionismo imperialista.

Ester: Imperialista mobilizador para a guerra...

Rago: Isso mesmo! Chasin dizia: “O nazismo é uma ideologia de mobilização para a guerra. É um imperialismo...”. Tem também um caráter nacionalista. Mas, cuidadoso, acrescentava: “Existem muitas formas de ser nacionalista”. Nacionalismo não é um molde, um tipo ideal que se aplica de modo indiscriminado a realidades concretas diferentes, coisa que caracteriza o procedimento usual. Quando estudei [Gustavo] Barroso²⁶, ficou inteiramente provado que Chasin tinha toda razão, porque há essa dimensão regressiva e não o *elemento rácico* mobilizador para anexações, para a busca do espaço vital. Por isso, acho que Chasin abre e faz uma revolução teórica nos estudos sobre ideologia.

Vânia: Nesse processo de tentar suprir as carências da esquerda é que se insere a Revista *Temas de Ciências Humanas*? Como se deu a criação dela?



Revista *Temas de Ciências Humanas* nº 7

26. Dissertação de Mestrado em História defendida na PUC-SP em 1989, intitulada *A Crítica Romântica à Miséria Brasileira: O Integralismo de Gustavo Barroso*. Gustavo Barroso (1888-1959) foi um dos ideólogos do movimento integralista e redator do *Jornal do Comércio*.

Rago: O primeiro número da *Temas* saiu em 1977. O grupo que coordenava a revista era composto por Chasin, Werneck Sodré, que estava no Rio, Marco Aurélio Nogueira e Gildo Marçal Brandão, que foram professores da Escola de Sociologia e Política. Mais tarde esses dois últimos demonstraram um comportamento altamente reprovável. Mas o que importa nesse momento é que, quando a *Revista Temas* é criada, Chasin se propõe a chamar para dentro dela os lukacsianos que estavam no exílio em vários países: Leandro Konder estava na Alemanha, Carlos Nelson Coutinho na Itália, e José Paulo Netto em Portugal. Chasin recebeu, já em Moçambique, uma carta de José Paulo Netto elogiando a sua obra sobre *O Integralismo de Plínio Salgado*, falando que aquela era a maior obra que ele tinha visto de análise marxista no Brasil sobre ideologia etc. Citei o caso da *Revista Temas*, em primeiro lugar, para indicar a ação agregadora que caracterizou sempre a atuação do Chasin, em qualquer nível em que ele tenha se dado, e em segundo para mostrar esses dois aspectos. Chasin vai à raiz, na análise imanente, e compreende que deve orientar outras pessoas a fazerem o mesmo. Isso quer dizer: ele não dava como completa a análise do integralismo e achava que outros pesquisadores deveriam levar adiante outras pesquisas para entender mais profundamente a ideologia burguesa no Brasil. Guardadas as devidas proporções, Chasin já propunha fazer com a ideologia nascida da *miséria brasileira* aquilo que Marx fez com a ideologia alemã. Aqui a referência também é Marx: a *miséria alemã*.

Lúcia: *Quando Chasin começou a lecionar na Escola de Sociologia e Política?*

Ester: Chasin começou a lecionar no início da década de 1970. A Escola de Sociologia e Política era um anexo à USP, era um casarão, na Rua General Jardim... E Chasin lecionava lá na segunda à noite e no sábado à tarde. Era para o primeiro e quarto anos... Por alguma razão que desconheço, a Escola de Sociologia e Política ficou fora da atenção dos órgãos de repressão, durante certo período. Depois, como veremos, essa situação privilegiada se inverteu, pois a ESP acabou por se tornar um palco de disputas acirradas, em que a repressão intervém. Mas, de início, ali havia, além desse ponto para o qual Rago está chamando a atenção, um clima de discussão, um clima de liberdade que a USP não conhecia naqueles tempos sombrios... Eu fiz a graduação em Ciências Sociais na USP e os estudantes desconfiavam que até o pipoqueiro era agente do Dops!!! Na Escola de Sociologia e Política, ao contrário, havia festas onde rolava de tudo, havia debates em que podia falar o que se bem entendesse, porque até aquele momento a repressão não tinha percebido o que estava acontecendo ali...

Vânia: *Quem mais estava na ESP naquele momento?*

Rago: Quando eu entrei na Sociologia e Política, já sabia da fama de seus intelectuais. Porque lá estavam Chasin, Maurício Tragtenberg, Moniz Bandeira e uma série de outros professores que, de um modo ou de outro, defendiam claramente suas posições. Um era adorniano, defendia a Escola de Frankfurt até à raiz; o outro era gramsciano, o outro era trotskista e assim por diante... E Chasin, no primeiro ano – acreditem ou não – não iniciava o curso com o pensamento de Marx. Ele abria o curso com Sócrates, com *A Apologia de Sócrates*, para comentar o problema da liberdade do indivíduo e da condenação dessa mesma liberdade. As aulas de Chasin eram muito marcantes. Por exemplo: ele indicava um texto. Nós líamos e ele rodava a classe para saber de nossa leitura, comentava o texto e nossas interpretações, as nossas versões. E era muito engraçado, porque você falava tal coisa, o outro falava outra coisa e Chasin ia amarrando e falava: “Olha, a posição de fulano é mais próxima de Demócrito, porque ele acredita que o mecanismo...”. E a gente exclamava: “De onde ele tirou isso?!” “A posição de fulano é aristotélica, porque...” Então, era muito engraçado, porque ele não era o professor comum, que dava a matéria e ia embora. Ele fazia a gente pensar. Então, uma característica de suas aulas era essa capacidade que ele possuía de fazer a gente pensar...

Vânia: *Que disciplina ele ministrava?*

Rago: No primeiro ano, metodologia e no quarto, filosofia social, disciplinas que introduziam a *Ontologia do Ser Social* de Lukács, as posições ontológicas de Marx. Geralmente, a sala dele era superlotada. Não só por nós, mas também por pessoas que eram convidadas, e mesmo pelos temas que ele desenvolvia...

Ester: Eu, por exemplo...

Vânia: *Então, você não foi aluna regular de Chasin?*

Ester: Não, eu estudava na USP. Fui convidada para ouvir as aulas de Chasin.

Rago: E Carlos Eduardo Berriel convidou Ricardo Antunes, que fazia FGV²⁷. Havia também o pessoal do primeiro ano, mas que também freqüentava as aulas do quarto ano...

Ester: E a sala era pequena.

Rago: Era muito pequena, então, aquilo transbordava de gente... De pessoas que vinham de fora, porque já se colocava o alto nível de suas aulas, o domínio que

27. Fundação Getúlio Vargas.

ele tinha em certas questões para as quais não encontrávamos respostas em outros intelectuais.

Ester: Eu tenho essas aulas preparadas dele, até hoje, em um pequeno fichário.

Rago: Isso eu nem posso imaginar, mas só para ver se isso bate com o que você tem em mãos... Chasin, por exemplo, fazia crítica daquilo que estava em voga.

Ester: Exato.

Rago: Uma teoria que estava em voga naquele momento era a de Reich²⁸. *A Função do Orgasmo* etc., pegava a garotada inteira. Tinha até um tratamento psicológico reichiano, em São Paulo. As pessoas colocavam uma máscara e um maiô elástico, e ficavam se tocando... Como se isso liberasse a humanidade... E Chasin criticava duramente. Havia um setor reichiano na Escola de Sociologia e Política que ficava visceralmente ofendido... Como alguém tem a coragem de falar de Reich nesses termos? Como alguém se atreve a denunciar os limites de Adorno? Então, era uma verdadeira guerra! Porque os outros professores também criticavam aquilo que Chasin falava. Desde essa época – eu entrei em 1973, após deixar a Faus, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos –, ele já fazia a crítica do *populismo*. Então, foi por esse período a primeira vez que eu ouvi que o populismo era um modelo, de talhe *weberiano*, de *extração liberal-democrática*, um *tipo ideal* que nascera de necessidades na Europa e que os nossos sociólogos uspianos, incluindo Francisco Weffort, assimilam de Gino Germani, Torcuato di Tella, na Flacso [Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais], no Chile, e que se dissemina num Brasil muito empolgado com a *sociologia da modernização*, acabando por aplicar essa teoria aqui no Brasil. E Chasin já questionava o núcleo da sociologia da modernização de Gino Germani e Torcuato di Tella. Além disso, no período da ditadura militar, vão se tornando moeda corrente a *teoria do populismo* e a *teoria da dependência* de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto. Chasin, desde aquela época, situa a falsidade dessa analítica: a questão do “vácuo político”, das “artimanhas da burguesia”, dos conceitos de elite/massa substituindo as categorias ontológicas de classe e dominação de classe, e assim vai... A primeira crítica que Chasin fez a FHC, o “príncipe da sociologia”, como era apelidado, na sala de aula, os alunos e alunas se revoltaram, dizendo: “Esse cara é um marxista, professor, esse cara é um socialista”. Chasin respondeu: “tudo bem, mas vamos mostrar o *ecletismo metodológico*, o viés social-democrata, a tipologização, que estão presentes nos textos de Cardoso”. Essa postura, esse rigor marcaram muito os alunos. Na época, havia um grupo de alunos chamado Práxis. Eu nunca pertenci ao Práxis.. Mas o pessoal do Práxis me considerava próximo, porque eu criticava todo

28. Wilhelm Reich (1897-1957), psiquiatra e psicanalista áustro-americano.

professor que não fosse marxista ou que não estivesse próximo daquilo que Chasin ensinava. De minha parte, entretanto, nunca me atrevi a procurá-lo, a não ser mais para o final do curso...

Vânia: *Então, na época que era estudante você nunca teve nenhum contato pessoal com o Chasin e a família?*

Rago: Sim, tive... Uma vez nos encontramos em um restaurante italiano no Biga que eu frequentava com minha família. Timidamente me dirigi à mesa em que ele estava sentado com a família e começamos a conversar. Foram vários os assuntos e acabei dizendo que era músico, que tocava violão. Ao saber disso, Chasin e Hanna me convidaram para dar aulas de violão para o filho mais velho, então adolescente, Ibaney. Vocês sabem que hoje Ibaney é um profundo conhecedor da música de Monteverdi, do Renascimento, do Iluminismo, além de regente, um formulador de estética musical. Assim, ao frequentar sua casa tomei conhecimento de seus gostos musicais, por exemplo, Astor Piazzolla²⁹. E, assim, percebi que tínhamos gostos em comum. Além disso, constatei que era alguém que dominava e gostava não só de boa música, mas de boa literatura também. Tudo isso fez com que eu viesse a admirar Chasin. Mas, fundamentalmente, após da morte de Herzog e, depois, no ano seguinte, de Manuel Filho³⁰, em 1976, já se colocava para nós a necessidade de militância, quando Chasin conversa com a gente, mostrando que a esquerda estava fragmentada e a gente teria que organizar alguma coisa... Chasin já criticava o politicismo das esquerdas, que separava a luta política da base material da vida. A esquerda não questionava a plataforma econômica da ditadura militar. Nesse sentido, Chasin acreditava que, se levássemos a discussão de um programa econômico alternativo para o seio de movimento operário, da independência ideológica para a classe trabalhadora, se aproximássemos as esquerdas divididas – pensava, inclusive num fórum de esquerdas –, se nos atássemos aos movimentos sociais, poderíamos colocar uma cunha, ainda que pequena, na luta contra a ditadura militar e seu projeto de auto-reforma. A gente se empenhou em estar em contato com operários, em estar na militância. Com todos os riscos que a militância continha. Porque havia muitos infiltrados nos movimentos de esquerda...

Ester: Era comum na época.

29. Astor Pantaleón Piazzolla (1921-1992), músico argentino, compositor de tango mais importante da segunda metade do século XX,

30. Manuel Fiel Filho (1927-1976), metalúrgico morto por tortura pela ditadura militar, sob acusação de pertencer ao Partido Comunsita. Sua morte provocou o afastamento do general Ednardo D'Ávila Melo do comando do III Exército.

Rago: Era comum, dada a debilidade da própria esquerda. Tanto é que na Sociologia e Política, por exemplo, você tinha na cúpula da diretoria Vicente Unzer de Almeida. Você tinha esse aluno, Luiz Brum, se não me falha a memória, e outras pessoas que também representaram um papel de direita, de extrema-direita. Veja o caso do Nelson Brissac, um intelectual que trabalha com o pensamento de Jean Baudrillard, com essa questão do irracionalismo pós-moderno. Este jovem vai ter uma posição muito ruim na Ala Vermelha³¹. Em sua tese doutoral intitulada *Ala Vermelha: revolução, autocrítica e repressão judicial no Estado de São Paulo*, Tadeu Dix Silva denuncia o papel covarde a que se prestou esse jovem e o papel de seu pai na denúncia do grupo dirigente. Alípio Freire³² e outras pessoas que militaram com ele na Ala Vermelha são claros em dizer que ele não foi torturado, que ele ficou do lado de fora, e vendo depois eles sendo torturados... Tanto é que um policial chama Alípio Freire de um codinome que poucos sabiam, e ele intui quem passou a informação. O aparelho é descoberto dessa maneira, com a Oban atuando, por conta dessas relações, e o pai negocia a ida do filho para o exterior. E esse menino retorna na Fundação Escola de Sociologia e Política, em São Paulo, e será um agente detonador no movimento estudantil de operações difamadoras contra Chasin. Havia outra colega minha, a gente estudava na casa dela. Eu ia estudar num grupo de estudos, para fazer as atividades de pesquisa, e o marido dela também era do Deops. A gente não sabia. Ele controlava essa menina por todos os lados. Eu não me lembro do nome dele, mas quando alguém foi preso e depois solto, nos disse: “Encontrei o fulano de tal dentro do Deops e com visíveis intimidades...”. Então, esse marido de uma colega nossa também era infiltrado. Os vários grupos que atuavam ali, dos stalinistas aos trotsquistas, mais essa penca de infiltrados, se exasperam quando vêem a liderança de Chasin se impor e o curso se transformar de ponta a ponta numa escola de marxismo. Mas um tipo determinado de pesquisa marxista. O tormento se apresenta quando Chasin amarra o curso. E isso começa a mobilizar todos esses agentes...

Vânia: *Amarra o curso?*

Rago: Eu vou explicar. Do primeiro ao quarto ano, essa linha que Chasin chamava, à época, de “ontometodologia de história”, “centralidade do trabalho”, “crítica ontológica à analítica paulista”, já começa a se pôr. Marx se torna figura central. Gildo Marçal Brandão trabalhava a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel e dissecava os

31. A Ala Vermelha foi uma das duas cisões surgidas do Partido Comunista do Brasil (PC do B) em 1966 – a outra foi o Partido Comunista Revolucionário, formada por membros das Ligas Camponesas e por integrantes do movimento estudantil. Esta organização se lançou na luta armada, inclusive compondo uma Frente Armada com a Aliança Nacional Libertadora (ALN), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR).

32. Poeta, militante e jornalista.

Manuscrítos Económico-Filosóficos de 1844, de Marx. Então, ali Chasin já começa a ler a *Ontologia do Ser Social* de Lukács. Começávamos a estudar em meados dos anos 70 os seus esboços da ontologia estatutária de Marx. Quer dizer, o tríptico lukácsiano de análise imanente, determinação social e função social já está amplamente desenvolvido no *Integralismo* defendido em 1977, na Sociologia e Política, mas Chasin fala disso bem antes da apresentação da tese doutoral. Então, começávamos aí a aprender essa questão do marxismo enquanto ontologia. Para mim, era uma coisa inteiramente nova e só foi ficar claro, se é que posso afirmar isso, muito tempo depois... Bem, retomando, do primeiro ao quarto ano, os professores integravam uma linha e isso vai tornando algo orgânico. E o estopim é quando Chasin prepara a implementação de um curso de pós-graduação. As próprias esquerdas começam a denunciar essa organicidade, pois, afirmavam, além de ter o curso da graduação uma hegemonia do “marxismo chasiniano”, você teria um pós-graduação como extensão da própria graduação, e Chasin já vislumbrava a feitura de vários trabalhos monográficos, sobre o pensamento conservador, movimentos sociais, industrialização hiper-tardia etc. E, mais ainda: o movimento estudantil, na época, desenvolvia aquela questão do centro acadêmico *versus* diretório acadêmico. No fundo, esse projeto marxista estava promovendo uma verdadeira formação de quadros...

Ester: E este era justamente o objetivo de Chasin ao chegar à Escola de Sociologia e Política. Quer dizer, naquela experiência que ele teve enquanto estudante, ele constatou logo de imediato a debilidade e mediocridade teóricas da esquerda tradicional... Quando ele passou a lecionar na Escola de Sociologia e Política, significou um momento especial, no qual ele encontrou jovens como Rago, Berriel, interessados, preparados... Exatamente para compor um grupo de pesquisa com pessoas formadas teoricamente para esse grande projeto de entender o Brasil, de pensar o Brasil sob as mais diferentes formas, mas, num primeiro momento, do ponto de vista ideológico, exatamente para suprir essa carência secular de uma perspectiva teórica consistente para a esquerda. Foi isso que significou a Escola de Sociologia e Política. E, rapidamente, os setores de direita e setores de esquerda perceberam, constataram o perigo que isso significava...

Rago: Bom, o que eu queria retomar é que há uma confluência de posições: quer dizer, a extrema-direita, a direita, a esquerda e a extrema-esquerda. Por incrível que pareça, o leque que vai de Unzer àqueles jovens Brum e Brissac...

Vânia: *Unzer era da diretoria?*

Ester: Vicente Unzer de Almeida era um alto executivo da Mercedes-Benz e professor da Escola de Sociologia e Política. Fazia o serviço de informações para a ditadura.

Rago: Veja, em todas as universidades existia uma rede vinculada à Assessoria Especial de Segurança e Informações (Aesi), ligada ao MEC. Então, essa confluência de esquerdas com a direita se põe contra uma dada hegemonia. De fato, o pensamento marxista era hegemônico no curso, e estava estruturado do primeiro ao quarto ano. O que Gramsci chamava de hegemonia, de formação de intelectuais orgânicos nas lutas de classes. E isso ia redundando na nossa própria formação. Ainda que alguns não percebessem, vamos dizer assim, que estavam se formando... Tanto é que, nesse processo, enquanto eu era músico, totalmente fora de uma estrutura, eu agia como se fosse do Práxis e isso fazia com que certos setores estudantis também me condenassem, atacassem, assim por diante. E eu fui dando uma guinada pessoal. Então, desta confluência, eles vão armar uma situação inverídica, falsa, de que Chasin intervinha diretamente no movimento estudantil. Inventam uma cena pitoresca, grotesca, inteiramente falsa! Eles falaram que Chasin subiu numa mesa, propondo a ocupação do prédio pelos estudantes do Práxis, sendo que – pequeno detalhe – nós vivíamos numa ditadura militar, nos anos 70, meados de 70, ainda sob a vigência do AI-5³³, ainda sob a vigência do Decreto-Lei 477³⁴, que é um decreto que pune radicalmente a interveniência do docente no movimento estudantil, entre outras coisas, como a própria militância política. Quer dizer, se um professor se imiscuísse nas atividades estudantis, ele era literalmente expulso da instituição. E a esquerda, então, monta com a direita esta acusação improcedente. Improcedente pelo próprio perfil de Chasin. Veja, não estou dizendo que ele não formava quadros de talhe marxista, mas Chasin jamais subiria numa mesa! Ainda mais, para propor “Todo poder aos soviets de estudantes!”. Esses setores da esquerda vêem como única saída a abertura de uma sindicância para forjar a expulsão de Chasin da [Escola de] Sociologia e Política. Nessa sindicância, eles procuram estudantes para depor que não fossem, obviamente, aqueles que eram supostamente implicados com ele ou coisa parecida. Aí, Chasin me pede para eu participar da sindicância. Outra depoente foi uma jovem chamada Anete. Quer dizer, fui um dos estudantes que depuseram e eu sofri muito

33. O Ato Institucional n. 5 (AI-5) foi baixado pelo presidente-ditador Artur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968. Este instrumento inaugurou o período mais duro da ditadura militar, dando ao regime poderes absolutos. Dentre suas determinações estava o fechamento do Congresso por tempo indeterminado, a cassação de mandatos de parlamentares, a intervenção nos estados e municípios, a possibilidade de decretação do Estado de sítio pelo presidente da República, a suspensão das reuniões políticas, a censura prévia, a suspensão do *habeas corpus* para os crimes políticos e outras. Foi suspenso dez anos depois.

34. O Decreto-Lei 477, de 26 de fevereiro de 1969, discriminava infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados da educação. Entre outras medidas, proibia o estudante considerado subversivo de se matricular em qualquer escola por um período de três anos.

com a pessoa que escrevia, porque eu falava uma coisa e ela escrevia outra. Eu fiquei profundamente irritado, tanto é que eu comecei a esbravejar, num certo sentido, com aquela senhora, porque quando eu ia ler o que ela havia anotado, o que dizia que eu tinha falado era dúbio, não era precisamente o que tinha falado. Mas eu repeti o que presenciei no dia do “Todo poder aos soviets...”: Chasin não estava no momento, no exato momento em que os estudantes fizeram a assembléia, não estava junto, e em nenhum momento nenhum professor se pronunciou. E muito menos Chasin subiu na mesa... Então, esse foi meu depoimento, com todas as manipulações dos inquisidores... Numa operação extraordinária, os estudantes “tomaram de assalto”, numa madrugada, a sala da diretoria da [Escola de] Sociologia e Política e encontraram uma documentação típica da pretensa Aesi. Descobriram nomes das pessoas tachadas como de esquerda, com a sigla de seu partido ou tendência, e outros que faziam o serviço de informantes, internamente, e também dos professores da direita que estavam ali. Veja que o quadro é complexo, porque na raiz dessa perseguição está também a proposta de Chasin para a criação, nesse ano de 1976, de um curso de pós-graduação.

Ester: É, esse que era um dos pontos delicados. Os professores se sentiram ameaçados.

Rago: Muito ameaçados.

Ester: Viram-se questionados e a ignorância e mediocridade se mostravam, assim, claramente.

Rago: Nesse processo de ficar debatendo, polemizando com os professores, eles ficavam numa situação muito delicada. A gente não tinha mais Maurício Tragtenberg, nem Moniz Bandeira e outros professores que deram a formação para nós. Mas esses professores [de direita], que eram iniciantes, também eram temerosos para dar aula, foram ficando cada vez mais... numa situação muito ruim. Bom, esse processo culmina, então, na expulsão de Chasin... Chegamos a falar com alguns professores que desejavam a sua expulsão, para mostrar onde estavam se metendo: que a saída de Chasin implicaria a demissão deles próprios. Estavam dando armas para a direita inscrustada na direção da ESP e que mantinha ligações com a seita do reverendo Moon.

Ester: Não foi só Chasin, mas também Hannah, Augusto e Flávia Cacciabava, Gildo [Marçal Brandão]... Os outros professores, que pensavam em se assegurar, que não iriam sofrer com a demissão de Chasin, também sofreram com a lâmina dos cortes.... Aí, Chasin falou: “Eu vou primeiro, mas tenham certeza de que vocês vão

também”. E foi o que aconteceu... O diretor, um liberal, ficou em cima do muro, chamava-se De Lorenzo. Nós pensávamos que ele ia acabar apoiando, evitando o pior, mas ele não evitou, deixou a coisa andar...

Rago: No processo da sindicância, eu fui conversar com ele, em seu apartamento, na Avenida Angélica, e De Lorenzo foi claro dizendo que Chasin tinha razão e tal, mas no processo ele acabou atuando de forma diferente. Inclusive, porque, nesse momento, ocorreria a defesa da tese de doutorado de Chasin, e aproveitando a maré repressiva tentaram impedir a todo o custo essa defesa... Chasin só a defendeu em 1977 – nesse episódio, há que destacar a intervenção positiva de Maurício Tragtenberg, de Antonio Candido, de Carlos Guilherme Mota, Reynaldo Carneio Pessoa...

Ester: Era para ter defendido em 1976... Houve toda uma batalha jurídica porque Vicente Unzer de Almeida, baseando-se em fatos que não existiram, alegou que Chasin não cumpriu o prazo estabelecido para entregar a tese. E, não tendo cumprido o prazo estabelecido para entregar a tese, ele não poderia defendê-la. Então, Chasin teve de brigar por um ano para ter o direito de defender a tese. Quer dizer, Vicente Unzer de Almeida, que era de extrema-direita, aliado com a “esquerda”, cuja liderança era um policial, Luiz Brum... Anos mais tarde, inclusive, revistas, jornais mostraram que o pessoal do PC do B estava sendo liderado por um policial, por um infiltrado... Além de hostilizar violentamente Chasin, eles fizeram um enterro simbólico dele, com caixão e tudo mais.

Rago: Aí um fato pitoresco para a história... Everton Capri tem, naquele momento, uma atitude maravilhosa... Porque os estudantes vêm com um caixão, passando pelo corredor da [Escola de] Sociologia [e Política], que era pequenininho, e logo na porta de entrada, Everton, simplesmente, coloca os dois pés neles... E ele era alto... Ele dá um voo rasante, assim, derruba todos e sai correndo... Nós atrás, mas nós éramos o mesmo que nada perto daquela massa, mas a massa sai correndo... Por isso foi pitoresco... E ele não era uma pessoa militante, mas ficou tão indignado...

Vânia: *Ele me disse que apoiava a chapa contrária à do grupo Práxis...*

Rago: Exatamente... Everton ficou tão indignado, porque sabia que Chasin era o melhor professor... Quer dizer, Chasin era uma potência dando aula, transbordava erudição e conhecimento de Marx... Então, esse é o processo, que é muito mais complexo, mas para nós era muito claro o equívoco da confluência de esquerda com direita... Então, aí desmorona o projeto da Sociologia e Política. É o ano de 1976.

Vânia: *Só para pegar o fio da meada, a defesa da tese ocorre...?*

Ester: No final de 77, ele consegue, finalmente, depois de muitas idas e vindas, jurídicas e administrativas, ele consegue vencer e ter o direito de defender para uma banca composta por Antonio Candido, Reinaldo Carneiro Xavier, Carlos Guilherme Mota, Maurício Tragtenberg, que era o orientador, e Braz José de Araújo. O salão da Escola de Sociologia e Política estava lotado, tinha gente pendurada na janela, gente tentando entrar... Foi realmente uma vitória emocionante, porque ele volta para a Escola de Sociologia por cima, defendendo uma tese brilhante, com uma banca que reconheceu esse mérito – foi uma espécie de desforra. Nós até organizamos uma festa para comemorar, na casa dele. Foi uma surpresa... Ele ganhou até uma placa de prata, dos alunos da Escola de Sociologia e Política, uma volta triunfal dele para a Escola depois de ser demitido daquele jeito...

Rago: E tem um fato, Ester, muito importante: sai na *Folha de S. Paulo* uma página inteira mostrando a revolução teórica contida em sua tese doutoral sobre o integralismo...

Ester: É uma entrevista com Getúlio Bittencourt... Uma entrevista de página inteira com Chasin, sobre a tese, que sai na *Folha de S. Paulo*, em fins de 77...³⁵ Foi cedida a Getúlio Bittencourt que, na época, era jornalista da *Folha de S. Paulo*.

Vânia: *E nesse ano em que ele foi demitido, entre a demissão e a defesa, o que Chasin fez? Como ele sobrevivia?*

Rago: Uma questão, sobre a qual até o grupo se dividiu, foi que Chasin começou a procurar emprego em outras universidades. Então, mais umas vez, surge a figura de Maurício Tragtenberg... Maurício foi genial... Vocês sabem que foi a pessoa que indicou Chasin, quando de sua volta de Moçambique, para João Pessoa. E ele indica Chasin, para a área de Educação, acho que lá da Unicamp.

Ester: Isso mesmo. Tragtenberg dava aula na Faculdade de Educação da Unicamp.

Rago: O que vai acontecer... Esses jovens, como Nelson Brissac, e outros professores começam a se articular para envenenar qualquer espaço com o objetivo de evitar que o Chasin trabalhasse... Então, Chasin começa a ter os espaços bloqueados e controlados. Porque as pessoas começavam a falar e falar que onde ele entrava, ele organiza quadros, “desmonta tudo...”.

35. CHASIN, J. O integralismo não é um fascismo. Entrevista de J. Chasin a G. Bittencourt. *Folha de S. Paulo*, 25 dez. 1977.

Ester: Chasin defendeu, por fim, a tese, que para ele tinha vários significados. Além desse significado que a gente enfatizou, que é o de abrir uma *linha de pesquisa* toda voltada ao entendimento do pensamento social brasileiro, do pensamento conservador brasileiro, embora ele não considerasse essa expressão a mais adequada, tinha também outro lado. Era o passaporte para ele ingressar em uma universidade pública, para se dedicar apenas à docência e à pesquisa, para acabar com aquela vida dupla, que ele foi obrigado a ter durante vários anos. Ele não suportava sequer pensar na idéia de voltar a trabalhar numa empresa. Ele queria lecionar e – como Rago, inclusive escreveu no necrológico, publicado na revista *Crítica Marxista*³⁶, logo depois a morte de Chasin –, ele se viu impedido de ingressar na Unicamp, não obstante todos os esforços de Maurício nesse sentido, e em outras universidades também... É preciso lembrar aqui que ele tentou, no início dos anos 70, ingressar na pós-graduação na USP. Ele foi impedido também. Por ex-colegas, como Weffort e companhia. A esposa tinha voltado a estudar, na época, no início dos anos 70. Foi quando eu a conheci. E ela achou que ele seria aceito na pós-graduação da USP. Ele foi até lá, conversou com várias pessoas, como Carlos Estevão Martins, o famoso *Capitão Ipanema*... Conversou também com Weffort e outros e simplesmente foi negado a ele o ingresso na USP. Então, ele foi, durante todo esse período, boicotado... perseguido pela direita e boicotado pela *soi disant* esquerda. E essa coisa ocorre novamente depois da defesa de tese, que foi um sacrifício terrível, de vida, inclusive de família, se privar da companhia da mulher, dos filhos, dos amigos, para se dedicar à pesquisa do integralismo de Plínio Salgado... Em suma, tinha esse sentido, que aqui já foi ressaltado por Rago, e tinha um sentido também de a tese ser um passaporte, afinal de contas, para se dedicar àquilo que era o talento dele, aquilo para que ele estava vocacionado, que era a atividade docente e de pesquisa. E ele se viu, novamente, impedido de realizar isso, sofreu vários boicotes, não obstante todos os esforços que Maurício Tragtenberg fez no sentido contrário.

Rago: Foi um período, só para vocês entenderem o que está ocorrendo, em que ele lança a *Revista Temas*. A *Temas* é de 77. O primeiro número sai, inclusive, com aquele material, a “Carta sobre o Stalinismo”, de Lukács. Sai o texto de Gramsci³⁷ e assim por diante. E o que vai acontecer? Chasin começa a realizar, na casa dele, uma organização desse grupo, que vai ser o grupo do *Movimento Ensaio*; ele começa

36. “Em Memória de J. Chasin: Luta pela Autenticidade Humana”, publicado na Revista Crítica Marxista n. 8, de junho de 1999.

37. Refere-se a “Alguns Temas da Questão Meridional”. No mesmo número ainda havia textos de Braz José de Araújo (“Caio Prado Júnior e a Questão Agrária no Brasil”), Nelson Werneck Sodré (“História do Iseb 1”), J. Chasin (“Sobre o Conceito de Totalitarismo”), Marco Aurélio Nogueira (“Max Weber: a Burocracia e as Armadilhas da Razão”) e Gildo Marçal Bezerra Brandão (“Totalidade e Determinação Econômica”), além do “Manifesto da Associação Industrial”, de 1881, com apresentação de Reynaldo Carneiro Pessoa.

a lecionar sobre a ontologia do ser social de Lukács, confrontando com as posições do próprio Marx...

Ester: Nós organizamos cursos livres, que foram, naquele momento, a única fonte de sobrevivência para ele e para a família.

Rago: A gente bancava em parte, mas ficou uma questão para nós: ou a gente bancaria isso até ele conseguir alguma coisa ou ele teria de fazer outra atividade. É esse processo que Ricardo Antunes, no livro sobre os sociólogos brasileiros³⁸, não sei se vocês leram, da Editora 34, conta desse momento, em que ele aprendeu com Chasin lineamentos da ontologia marxiana e lukacsiana. É esse o momento da nossa entrada no Partido Comunista. Quero mostrar que, nesses anos, Chasin convida a mim e a Cida³⁹, pessoalmente. E era um momento de muito risco, porque, por mais que a gente soubesse que tinha toda a crítica do mundo ao Partido Comunista, era um momento em que tinha ocorrido a morte de Herzog, havia a movimentação social... Havia desde 74 o movimento político da oposição democrática, o MDB, a ação conjugada do *movimento estudantil* com outros movimentos populares e em 76 morre Manuel Filho. Então, duas pessoas, um intelectual e outro operário, do mesmo Partido Comunista. E você sabe que, mesmo que o Partido Comunista não fosse uma ameaça, ele começa a ser perseguido e destruído.

Vânia: *Vladimir Herzog ainda era amigo de Chasin nesta época?*

Ester: Eles não tinham mais contato. Acho importante ressaltar o seguinte: esse movimento de reconstrução do PCB aqui no Brasil foi encetado por um grupo de pessoas que sobreviveram às prisões, às mortes, enfim... Pessoas que sobreviveram e que, em dado momento, resolveram isso. O Comitê Central estava fora. Então, foi um processo de reorganização do PCB que se fez meio que atabalhoadamente, a partir daqueles que restaram, literalmente. E, veja, há nesse período duas coisas: primeiro, o Partidão insistia em designar o *regime militar brasileiro* como *fascista*. Chasin era um violento crítico dessa designação, não por causa de algum purismo, algum florilégio intelectual, mas por um *rigor científico*. Não era fascista. Tá certo você sair na rua e xingar os milicos de fascistas. É um xingamento ótimo para causar efeito, mas não era uma *categoria científica*. Então, tudo bem, nós entramos para ajudar na reconstrução, mas, espera um pouco... Tratava-se da mesma discussão que Marx e Engels tiveram em 1848 com a Liga dos Comunistas. A gente vai entrar, mas espera um pouco: vamos sentar aqui para ver o diagnóstico da realidade para ver o que a sociedade

38. Trata-se de *Conversas com Sociólogos Brasileiros*, organizado por Elide Rugai Bastos, Fernando Abrucio, Maria Rita Loureiro e José Marcio Rego e publicado em 2006.

39. Maria Aparecida de Paula Rago é professora da PUC-SP.

capitalista... Enfim... havia essa questão. Nós entramos, desde que... Então, tinha uma coisa muito complicada... Sim, entramos, mas havia um “desde que”... Chasin estabeleceu condições para isso. E as condições eram claramente o abandono, por parte do Partido, dessa tese falsa de que nós estávamos vivendo sob fascismo; segundo, a discussão do politicismo, ou seja, de que a luta pelas liberdades democráticas, embora válida, não era a luta que deveria ser encetada a partir do ponto de vista do trabalho. Ou seja, a luta pelas liberdades democráticas, do ponto de vista do trabalho, implicava inserir um programa econômico, visava a estabelecer, identificar as bases econômicas de sustentação da ditadura militar. A política econômica da ditadura militar estava sobre um tripé: o arrocho salarial, a entrada de capital estrangeiro e o investimento estatal nas indústrias de base, e era isso que deveria ser questionado. Não era suficiente apenas reivindicar a volta do *estado de direito*. Qualquer mudança efetiva implicava a intervenção da perspectiva de um agente específico, que é o *agente do trabalho*. Eu me lembro das reuniões, pois eu também participei... O nosso contato não era um cara à altura, não tinha a menor dimensão intelectual, inclusive, para perceber o que estava em questão. Ele queria que nós ingressássemos porque para ele isso seria um trunfo, no interior da reorganização. Ele estava querendo ascender dentro da estrutura do poder. Bom, entrar gente como nós, especialmente Chasin, professor renomado, intelectual etc., para ele seria um grande trunfo. Mas Chasin deixou claro nas discussões que havia certas condições que deveriam ser aceitas para que nós ingressássemos... Isso é preciso ressaltar também. E essas condições passavam por esse tipo de discussão, o questionamento da atuação do PCB, da linha de diagnóstico da realidade brasileira, do programa. Isso porque, à época, simplesmente, o Partidão estava indo a reboque, que era a expressão utilizada, a reboque do Dr. Ulysses Guimarães⁴⁰ etc., a reboque de um princípio liberal, deixando de lado a perspectiva do trabalho, a democracia social. Ou seja, o que estava em jogo naquele momento não apenas a democracia política.

Rago: Isso que Ester está falando é decisivo. Porque, mesmo assim, tem um pessoal que era próximo à Ensaio, que era da Ensaio e que sai dizendo por aí afora que a gente era uma tendência que desejava deter as rédeas do Partido etc. Mas Chasin sempre levou à radicalidade aquilo que Ester colocou antes, a idéia de Caio Prado, de ter um pé dentro e outro fora. E conhecer essa realidade para saber o que fazer. Tanto é que aquela idéia que eu mencionei antes, de a gente buscar discutir

40. Ulysses Guimarães (1916-1992), político, presidente do Movimento Democrático Nacional (MDB) que, com o fim do bipartidarismo, em 1979, se tornaria Partido do Movimento Democrático Nacional (PMDB). Participou das campanhas pelo retorno do estado de direito, inclusive da luta pela anistia ampla, geral e irrestrita e pelas eleições diretas.

com outras parcelas da esquerda a construção de algo comum, uma espécie de fórum das esquerdas em que ficariam preservadas as suas diferenças, publicações e organizações... Eu lembro que houve um período em que a gente pensou isso... Chasin foi para Moçambique e, na volta, houve o encontro com Prestes. A idéia, então, era isso que Ester falou: ver as possibilidades; e não é à toa que Chasin publica então na *Temas* o artigo “Sobre o Conceito de Totalitarismo”, porque aí você primeiro faz uma crítica ao próprio Partido...

Ester: Crítica a Hannah Arendt e à teoria do autoritarismo também.

Rago: Exatamente. Então, aí vai aparecer com clareza esse tipo de explicação teórica e Chasin vai, vamos dizer... Se você pegar a número 3, em que sai o texto de Marx, sobre o *livre câmbio*⁴¹, você tem ali a dimensão de como o mercado dá as bases das liberdades formais. Quer dizer, você tem a idéia de Marx, Engels, Lênin... De Lênin, ele publica as atas do *Iskra*⁴². Quer dizer, qual a função de uma revista? A número 3 da *Temas*, ela é o *Iskra*. Isso é importantíssimo. Porque senão as pessoas pensam que nós estamos, assim, numa batalha meramente...

Ester: Teórica...

Rago: Tínhamos a consciência de que o PCB era reformista, politicista e obtuso teoricamente. A direção estava no exterior e aqui vivíamos a sua reconstrução. Você sabe que eles voltam em 1979, com a anistia restrita. Organizamo-nos para receber os anistiados ainda sob ameaças de prisões... Nesse retorno do exílio já se explicitam as rupturas, os rachas e a ideologia reformista e politicista do eurocomunismo como a ideologia do grupo que alijara Prestes e seu bloco do Comitê Central. Nosso embate se dá contra essa visão que priorizava a luta pela democracia política desconectada da programática da perspectiva do trabalho...

Ester: Com o *politicismo*⁴³, não é? Não é à toa que Chasin publica um artigo sobre os discursos do Saturnino Braga – “A Politização da Totalidade: Oposição e Discurso Econômico” – em que ele fala que a única figura da oposição a trazer para o debate a questão econômica era o senador Saturnino Braga.

41. “Troca, Liberdade, Igualdade”, publicada na *Revista Temas* n. 3.

42. Refere-se a “Projeto de Declaração da Redação de *Iskra* e de *Zaria*”, publicado no número 5 da *Temas*. *Iskra* foi um periódico operário criado por Lênin, Márto, Plekhânov, Vera Zassulich e outros. Foram publicados quatro números até agosto de 1902. O órgão desempenhou um importante papel na criação do Partido Bolchevique.

43. J. Chasin denomina de *politicismo* a subordinação analítica de todas as esferas da vida social, principalmente a econômica, à esfera política – como sendo preponderante sobre as outras. No artigo “A Politização da Totalidade: Oposição e Discurso Econômico” J. Chasin aponta os equívocos dessas análises, por impedirem a compreensão das relações sociais e da estrutura econômica instaurada. Com isso, enxerga-se apenas a esfera das questões políticas, reduzida às franquias democráticas, e por isso, ontologicamente parcializadora.

Rago: E o lance era o seguinte: como chegar ao movimento operário?

Ester: Chasin publica na *Temas* um texto que tinha escrito para ser lido e debatido no interior do Partidão, cujo título é “Conquistar a Democracia pela Base”. Foi publicado na *Temas*, mas antes esse artigo circulou e foi discutido exatamente porque é um artigo em que sintetiza as suas formulações e críticas, e essa proposta deveria ser disseminada para ser tematizada junto às esquerdas, para que esta não ficasse simplesmente a reboque de uma plataforma, ou de uma palavra de ordem, simplesmente liberal, que era a das liberdades democráticas. Assim, inserir nessa plataforma a questão econômica do ponto de vista do *trabalho*.

Rago: Nós tentamos irradiar esse documento para muitos setores. Desde o ressurgimento das greves operárias no ABC paulista e sua irradiação no movimento sindical até a formação da Conclat⁴⁴ e, mais adiante, dentro do PT. Então, nesse momento em que a gente está numa dada militância, qual que era o nosso intuito? Descobrir as fendas para o movimento operário, porque ele tinha uma fragilidade fantástica... Quando a gente se aproximou dos operários e operárias do Partido, quando fomos discutir com eles a teoria de Marx, Engels, Lênin, eles não sabiam nada. Eles não tinham lido sequer o *Manifesto Comunista*. Mas isso foi importante, porque nós começamos a ter uma militância nos movimentos dos professores, num dado momento, tornando-se referencial da categoria dos professores nessa luta contra a direção oportunista do sindicato. Fazíamos uma frente única de esquerdas e enfrentávamos resistência do próprio Partido. E tinha o Sr. Leopoldino, que era um pelego muito colado ao patronato...

Ester: De um lado era isso, e do outro era o pessoal que era do sindicato paralelo.

Rago: Isso, havia os trotskistas, que defendiam o sindicato paralelo. Tanto é que, não sei se você está lembrada, quando ocorrem as greves do ABC, certa corrente trotsquista tenta vender seu jornal estampado com a manchete “Lula traidor”. Isto porque Lula agia na estrutura sindical legal. E no maior momento em que a classe operária se põe, em seu ascenso, com a liderança de uma das principais greves do país contra a ditadura militar e que ia ao encontro dessa dimensão que Chasin inaugurava em seus escritos: a centralidade do trabalho. Então, é no bojo desse ressurgimento das ações de massa que Chasin já começa a ver o desmoronamento do “milagre econômico brasileiro”, da plataforma econômica sustentada na superexploração da força de trabalho que já vinha... Desde fins de 1974, já começam as dissensões do

44. Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras. A I Conclat, realizada em 1981, reuniu 5.030 delegados, na primeira grande reunião intersindical realizada no Brasil desde 1964.

capital, da base da própria autocracia burguesa bonapartista... Ele cita no texto dele, da *Temas*, em 1977, a Conclap⁴⁵, o encontro dos empresários que começam a gritar por “abertura”, a fim de não arcarem com o ônus da crise do “milagre”. Porque, nessa Conferência, no que tange à questão democrática, a burguesia punha barreiras à democracia. Chasin já sinalizava para os limites do ser social dos proprietários no Brasil. Então, o que ele analisava vai se comprovando e, a cada momento, Chasin concretiza as determinações essenciais, ontológicas, da *via colonial*. Obviamente, era algo já discutido na tese e que já estava em aulas, sobre a natureza autocrática do capital atrofico. Para nós, ficava claro o distanciamento do Partido ante a irrupção das greves operárias e seu significado concreto. E é no bojo desta compreensão que atuamos no MDB...

Ester: No Departamento Trabalhista do MDB. Nós criamos um fundo de greve no porão da Câmara Municipal de São Paulo.

Rago: Uma coisa que nunca alardeamos, mas conseguimos uma irradiação em toda a cidade. A população contribuiu de várias maneiras, conseguimos uma grande quantidade de caminhões com arroz, latas de óleo, sal... foi fantástico esse apoio. Ainda que nossa atuação se regesse pela análise chasiniana, segundo a qual a greve deveria ampliar suas bases sociais, com as diversas categorias que compõem a classe operária.

Lúcia: *Vocês que fizeram aquele cartão que tinha um cara desempregado e a gente vendia para contribuir com o Fundo?*

Ester: Esse é o segundo Fundo de Greve, da Igreja de São Bernardo... Nós fizemos o primeiro.

Rago: Há que lembrar, então, que, uma vez que nós não demos sustentação com aqueles cursos, que não davam o suficiente para manter sua família, avaliamos que a proposta de morar em Moçambique, num certo sentido, era positiva. E Chasin, já pensando alto, quer dizer, pensou na possibilidade de o grupo ir para lá, participar de uma revolução dita socialista, num país extremamente pobre e ver as possibilidades revolucionárias...

Ester: É preciso chamar a atenção: ele fica dividido, completamente indeciso. Se tivesse surgido qualquer alternativa aqui, ele teria ficado. Ele só partiu para Moçambique porque ele não teve alternativa. Foi, como ele dizia, um auto-exílio. Isso não significou, no entanto, que de início ele não tenha ficado entusiasmado com o que encontrou por lá logo que chegou a Maputo. Ao contrário...

45. Refere-se à IV Conferência das Classes Produtoras do Brasil (Conclap), realizada em fins de 1977.

Vânia: *Essa proposta veio de quem?*

Ester: O convite para ir para Moçambique partiu de um ex-aluno da Escola de Sociologia e Política e Chasin consultou o grupo sobre se era o caso de ir ou não ir. O casal Augusto e Flávia Cacciabava também foi convidado – eles viajaram primeiro e depois Chasin foi com a família... Bom, Chasin ficou muito indeciso, muito desconfiado... Afinal, não havia muitas informações disponíveis. Viajar, ir com a família para um país desconhecido, um país que apenas três anos antes era uma colônia portuguesa, que havia enfrentado uma violenta guerra de libertação... E Chasin ponderava: “Eu vou como, fazer o quê?” Como era bem típico dele, acabou por afirmar “vamos tirar o melhor do pior. Eu não tenho alternativa a não sei ir para lá... Ir para Moçambique pode significar algo positivo para mim, para minha família, mas também algo positivo para todos, para o projeto.” Ou seja, Chasin acabou por chegar à conclusão de que a viagem para Moçambique poderia criar as condições para se desenvolver aquilo que havia se tornado impossível no Brasil. Parecia ser, naquele momento, uma experiência importante, mas ele realmente ficou muito indeciso, muito, muito indeciso. Depois da decisão, todos os preparativos da viagem... Eu me lembro até hoje o que foi desmontar aquela biblioteca, porque ele levou parte da biblioteca para Moçambique, e a outra parte ficou na casa de um amigo nosso, em São Paulo, José Luiz... Foi uma coisa muito triste para ele sair daqui do Brasil, deixar a casa, viajar com os filhos adolescentes, sem saber o que ia encontrar, de fato, pela frente... Ele sabia perfeitamente que corria um grande risco. Num primeiro momento, ele, ao chegar lá, ficou muito extasiado com tudo o que estava ocorrendo, com a disposição, com o papel que Eduardo Mondlane, que já havia morrido – a universidade levava o nome dele – tinha desempenhado. O que chamou muito a atenção, também, foi a atuação da Frelimo – Frente de Libertação de Moçambique – que, ao lado de uma guerrilha contra o colonialismo português, desenvolveu uma batalha diplomática extremamente bem pensada e eficiente. Diga-se de passagem, pois poucos sabem, que talvez o colonialismo português tenha sido um dos mais devastadores. Foi absolutamente terrível. E é óbvio que a perda das colônias enfraqueceu a ditadura Salazar e, então, Chasin chamava a atenção para a atuação da Frelimo por esses dois tipos de atuação conjugada: a guerrilha, de um lado, e de outro uma atuação diplomática com intelectuais de peso. Outra característica da atuação da Frelimo para a qual ele chamava a atenção era a vontade, a disposição, o projeto da Frelimo de se tornar independente... Seja da União Soviética, seja da China... O projeto de fazer o próprio caminho, sem seguir nenhum modelo... É óbvio que depois as coisas degingolaram e ele tristemente constatou esse processo. Mas o fato é que havia também uma dimensão de certa ingenuidade que depois ele veio a reconhecer. Vejam, ele viajou

para Moçambique desconhecendo completamente a situação. Chasin viajou sem saber que embarcara com aval do Partido. Quando ele tomou conhecimento disso, foi terrível... porque ele não queria ter ido com o aval do Partido, como se ele fosse um militante do PCB. Ele não queria ter viajado nessas condições. Ao chegar lá, ele constatou isso. Mas aí não podia voltar mais, não podia. E naquela época tinha o maldito depósito compulsório. Quer dizer, a ditadura inventou uma forma de impedir a evasão de divisas: só saía do país quem depositasse um valor astronômico para a época, então, só a fatia mais privilegiada da população, que está no ápice da pirâmide, conseguia... Além disso, Chasin teve de cancelar CPF, tudo... desmontou tudo, a casa toda... tudo... Eu chorei quando vi a casa se desmontando. E, ao chegar lá, ele, primeiro, constatou que aquele casal que ele considerava amigo, que foi um casal no qual ele apostou, que foi um casal que passou a dar aula na Escola de Sociologia e Política pelas mãos dele... Ao chegar lá, em Moçambique, ele constatou que esse casal tinha criado uma rede de intrigas... Tinham divulgado coisas do mais baixo nível que se possa imaginar contra ele, contra a família dele... E ele teve de chegar lá e desfazer todo o lixo. Foi um susto de cara... O tempo que ele perdeu para desfazer tudo isso! Imaginem! E nós aqui, sem saber exatamente o que aconteceu... A correspondência era toda cifrada, porque havia violação de correspondência aqui no Brasil, era óbvio. Imagina se uma carta de Moçambique não seria violada. Então, Chasin teve uma boa impressão da experiência logo no primeiro momento de Moçambique, mas rapidamente ele viu, ele constatou a inviabilidade que é sair de uma sociedade tribal para o socialismo, constatou todas as desconfiças, as restrições que ele tinha ao marxismo soviético, ao marxismo vulgar, ao marxismo de plantão etc., ali foi confirmado tudo... Então, a experiência em Moçambique foi a experiência de confirmação de que da miséria não se vai ao socialismo de forma nenhuma. Foi a constatação de todas as desconfiças, restrições que ele tinha em relação às transições intentadas, às transições que não resultaram efetivamente no socialismo. E ele resolve voltar, mas, antes de voltar, como ele tinha aval do Partido sem saber, ele participa das discussões das organizações dos brasileiros lá em Moçambique... Do Partido Brasileiro filiado ao Partido Comunista lá em Moçambique e ele sabe, então, do racha que está ocorrendo no Comitê Central, em que Prestes, no “undécimo gorjeio do labor”, como ele dizia... Bom, a gente ficou um tempão para decifrar o que era o “undécimo gorjeio do labor”... Era o décimo primeiro número do jornal *Voz Operária*... “*Gorjeio do labor*” é *voz operária*... Até a gente descobrir tudo aquilo! Era tudo cifrado... “Leiam o undécimo gorjeio do labor...” Então, o que está lá é a fala de Prestes, a fala que vem ao encontro... Com todas as restrições a Prestes, mas era a único... Ele já havia sido expulso, ele estava neutralizado no PC. A maioria do Comitê Central já tinha



Foto de J. Chasin em Moçambique

abraçado o eurocomunismo... E Prestes é o único que fala: “Espera um pouco, não é assim...”. E que ele fala “preste atenção” etc... E nós, aqui, no Brasil... Cometemos um grande equívoco. A gente deveria ter “ingressado” no Partido como tendência, sem se deixar sufocar, contaminar pelo veneno que há numa organização partidária do tipo do Partidão aqui. E nós, infelizmente, não agimos desse modo no setor dos professores, no qual atuávamos. É verdade que nós brigamos, nós lutamos etc., mas passamos a agir... A coisa era tão violenta que nós passamos a agir sob a diretriz do Partidão!! Nós éramos *militantes* do Partidão. Como se isso fosse uma grande coisa, uma grande vitória... nós invertemos tudo. Nós cometemos erros colossais. Brigando dentro etc. etc., tentando levar as coisas. Havia uma grande ambigüidade de nossa parte. No caso da *Temas*, por exemplo, nós tentamos impedir o Sr. Raul e Marco Aurélio Nogueira de *italianizarem* a *Temas*, ou seja, de abraçarem o eurocomunismo, impedir que a *Temas* se transformasse em uma espécie de moeda de troca de interesse pessoal... Chasin, eu tenho toda essa correspondência, enviou inúmeras cartas para Raul, para Gildo [Marçal Brandão], para Nelson Werneck Sodré... “Por favor, não deixem que a *Temas* vire moeda de troca para o italianismo...”. Porque, o pessoal que voltava voltava sob influência do eurocomunismo. Berriel até escreveu um artigo na *Ensaio*, “Gramsci e eles”⁴⁶, contra o artigo “Gramsci e nós”⁴⁷. Quer dizer, Berriel denunciava a leitura de Gramsci a partir de um viés liberal, ao resgatar os nódulos crocianos⁴⁸ ali presentes. Criticamos, assim, a noção de *democracia como valor universal*. Foi uma briga muito violenta, mas, contraditoriamente, ironicamente, assumindo o Partido; quando nós devíamos ser uma tendência dentro do Partido, brigando contra o Partido, nós o assumimos, caímos no ardil do partido.

Rago: Então, eu queria só recuperar o momento que romperam as greves metalúrgicas do ABC. Chasin está em Moçambique. Nesse período, a gente propõe uma revista no MDB. E Chasin faria o texto principal. Cida simplesmente reuniu e catalogou todos os documentos das greves, o dia-a-dia das greves e enviava para Maputo. Então, a gente comprava a *Folha*, o *Jornal do Brasil*, o *Diário do Grande ABC*, coletava os boletins sindicais, tudo quanto era material... E Cida tinha esse papel de mandar caixas e caixas de jornais para Maputo. E Chasin escreve, de lá “As Máquinas Param, Germina a Democracia!”⁴⁹...

46. Publicado na *Nova Escrita Ensaio* n. 9.

47. In: COUTINHO, Carlos Nelson. *A Democracia como Valor Universal*. São Paulo, Ciências Humanas, 1980.

48. Referência a Benedetto Croce (1866-1952), filósofo idealista italiano que exerceu grande influência nos estudos estéticos do início do século.

49. CHASIN, J. “As Máquinas Páram: Germina a Democracia!”. *Revista Escrita/Ensaio*. São Paulo, Ed. Escrita, ano IV, n. 7, 1980.

Ester: ... com base nas informações que a gente manda daqui. Chasin tinha mais informações sobre o Brasil que a embaixada brasileira em Moçambique.

Rago: Nesse momento, já tínhamos produzido dois números sobre o movimento operário, a *Escrita/Ensaio* n.º6 sobre Movimento Operário: Novas e Velhas Lutas e a n.º 7, O Arrocho Treme nas Bases do ABC. Na verdade, era para ser um único número, mas o editor, Wladyr Nader, considerou melhor seu desdobramento. Quando Chasin volta de Moçambique pontua que a *Escrita/Ensaio* deveria se diferenciar da linha anterior. Chasin propõe: “Vai ser a *Nova Escrita Ensaio*”. A *Escrita/Ensaio*, como pensada por Wladyr Nader, tratava de temas abrangentes e diferenciados. Sobre a mulher, ele dava para um setor de mulher... Sobre literatura, sobre *underground*... Ele dava para grupos especializados naqueles assuntos. A partir, portanto, dos números 6 e 7, direcionamos a revista para o movimento operário. Porque este é o momento da irrupção das greves operárias no ABC. O que eu queria colocar é que isso está ocorrendo simultaneamente. Num dado momento, a gente estava achando que ia para Moçambique e, portanto, ia ser outra a história das nossas vidas...

Ester: Nós mandamos o *curriculum vitae*...

Rago: E eu ia para a área de música, trabalhar com o maestro Martinho Lutero, que hoje, diga-se de passagem, é regente em Milão. Até que Chasin falou: “Olha, a situação aqui está difícil.” Mas o que eu queria colocar é que, nesse quadro... Chasin tinha nos ensinado que “sem teoria revolucionária não há praxis revolucionária”, que a teoria tinha de ir ao encontro das massas; de repente, imagina, a nossa geração vê aquilo na prática, um volume de massas impressionante, que a gente nem tinha dimensão... Chasin falava que uma greve na Europa não reunia o número de 60 mil pessoas, 70 mil numa praça – veja, aqui os metalúrgicos e metalúrgicas da região do ABC tomavam conta do gramado e das arquibancadas de um estádio de futebol. E era uma fração do movimento operário. Não era uma assembleia de classe, uma mobilização da classe operária. Enquanto isso, Chasin nos enviava cartas de Moçambique contando as barbaridades de nossos “camaradas”. Por exemplo, aquela família de búlgaros que estava preocupada não com o desenlace do processo revolucionário, mas em fazer o enxoval da filha... E a gente ficava escandalizado, porque, o “nosso camarada” búlgaro deveria estar preocupado com a revolução... E não se preocupar em ganhar dinheiro... E Chasin falava: “Vocês não vão acreditar... O pessoal está aqui para ganhar dinheiro e a corrupção começa a rolar na direção da Frelimo.” Nós achávamos que um cara que lutou pela libertação de Moçambique – a gente divulgou aqui em São Paulo um filme *Essas São as Armas*, um filme que acompanha Samora Machel nas zonas libertadas, mostrando a necessidade da luta armada, flagra

a barbárie, o genocídio do exército português, mostra cenas dos enfrentamentos dos moçambicanos, cenas do cotidiano do trabalho etc. –, imaginar, portanto, que um revolucionário seja corrupto... E Chasin falava: “Constataram vários processos internos de corrupção no Estado...”. Então, Chasin foi dando armas para a gente repensar o mundo dito socialista. E os próprios limites de Lukács... Chasin começa, como era do seu feitio, a procurar entender essa figura imprevista das formas sociais pós-revolucionárias, mas que não transitaram para uma formação autenticamente comunista...

Ester: Das inviabilidades...

Rago: Isso, inviabilidades... E o que acontece aqui com a Revista que ele criou: a *Temas*. Chasin perde a *Temas* a partir do número 8... A anistia é de 1979, tem a vinda das pessoas para cá e nós já sabíamos, num certo sentido, que a coisa não estava tranqüila... Chasin falou para Prestes, pessoalmente, que ele não tinha base alguma em São Paulo, não tinha base no Brasil... Prestes respondeu: “Fique no seu lugar... Não se intrometa...”. Ele não quis ouvir... E quando a gente sabia que aqui vigorava essa linha democratista, a teoria da *democracia como valor universal*... Daí em diante, até sua falência, editando poucos números depois da saída de Chasin, a *Temas* envereda para o eurocomunismo...

Ester: Exato! E é preciso retomar aqui o que dissemos agora há pouco. Toda a concepção inicial da revista foi de responsabilidade de Chasin, ou seja, não apenas a concepção da capa da *Temas*, mudando de cor a cada número, mas a própria concepção inicial da revista, tanto em termos teóricos quanto ideológicos.

Rago: É, nesse período, então, que surge a possibilidade e o convite do Maurício Tragtenberg.

Ester: É... Maurício Tragtenberg, num evento de que participou, conheceu o pró-reitor de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba e, conversa vai, conversa vem... novamente, Maurício, que era uma pessoa excepcional, uma figura humana excepcionalíssima... Eu tenho as cartas, inclusive, que Maurício mandou para Chasin, dizendo: “Olha, Zezinho, conheci fulano de tal, está interessado em te contratar... Vai lá para criar o curso de pós-graduação de filosofia da UFPB”. Enfim, Chasin pensou em voltar, não por conta desse convite. Ele pensou em voltar porque era impossível continuar em Moçambique, em função dessas inviabilidades originárias que já referimos. Assim, ele voltou para o Brasil 22 meses depois de partir para Moçambique.

Vânia: Em 1980, já?

Ester: No início de 80.

Vânia: *Só para entender... Nesse ínterim, então, quando ele estava fora, foi perdida a Te-mas e feita a Nova Escrita/Ensaio, muito próximo um evento do outro... E aí então, ele recebe esse convite...*

Ester: É, mas ele não resolve voltar para o Brasil por causa do convite. Independentemente do convite, ele queria voltar para o Brasil. Exatamente por causa da experiência que ele vivenciou por lá. A volta ao Brasil era necessária sob todos os pontos de vista, e o velho dilema retornou com mais força agora. Onde Chasin ia trabalhar? Ele tentou inserção em São Paulo, não conseguiu e, assim, ele foi para a Paraíba, para João Pessoa, por conta desse contato que Maurício Tragtenberg havia feito e, depois, por correspondências, que eu tenho também, entre Chasin e o pessoal da UFPb para criar lá a pós-graduação em filosofia na universidade, que havia sido criada... Era gigantesca... eram sete *campi*, coisa assim, imensa. Eu fiquei impressionada. A gente não sabia se a universidade estava dentro da cidade ou o contrário, dado o impacto que o primeiro câmpus, que ficava em João Pessoa, tinha sobre a cidade. Mas eram sete *campi*, *campi* que se localizavam desde o litoral até o interior, quase limite com o Ceará, o último na cidade de Cajazeiras.

Vânia: *E no retorno para o Brasil Chasin teve nenhum problema com a repressão, ou ele voltou tranqüilamente?*

Ester: Voltou tranqüilamente. Lembre-se, eram os inícios dos anos 80. Nós organizamos uma vinda, distribuimos convites etc. e ele, logo ao chegar ao aeroporto de Congonhas, ele se pronunciou sobre o Brasil. Nós conseguimos que ele fosse recebido na sala VIP do aeroporto de Congonhas, na época, e, ao chegar, ele fez um belo discurso... Não apenas porque se tratava de alguém que voltava e nunca deveria ter ido, mas porque voltava para lutar... E ali havia mais de 100 pessoas esperando por ele. Ele, imediatamente ao chegar, já faz um belo discurso.

Rago: Com o retorno de Chasin ele fez a crítica ao nosso comportamento, pois considerava absurdo que ainda estivéssemos com um pé dentro do partido. Era hora de romper com o Partidão. Então, com a volta de Chasin de Moçambique, o nosso contato com as lideranças do movimento operário, que víamos com olhos deslumbrados, foram questionados por Chasin. Eu digo, em tom pessoal, que acreditava ilusoriamente que, o simples fato de um indivíduo ser da classe operária, participar de ações de massa tão expressivas, o levaria à consciência revolucionária...

Ester: Eu também... aliás, todo mundo.

Rago: Eu dei o *Manifesto Comunista* para Lula. Eu lhe dei várias [Revistas] *Ensaio*... Depois nós fizemos uma matéria com Lula na capa, foi a *Ensaio* número 9... A gente achava que poderia influir no movimento operário. E Chasin, então, distante dessa realidade, em terra moçambicana, fez uma análise crítica dos limites do movimento operário... Ao ler “As Máquinas Param, Germina a Democracia!”, Eder Sader afirmou: “Como Chasin pode ousar escrever sobre uma realidade que ele não está vivenciando?”.

Ester: Seguindo esse raciocínio, Marx não poderia escrever sobre a Comuna de Paris⁵⁰ vivendo na Inglaterra...

Rago: Exatamente. Nem Lênin poderia escrever nada sobre a Rússia, porque ele passou o século XX todo, até chegar abril de 1917, para entrar em solo russo, no exterior. Então, por esse critério... Mas, retomando, naquele momento, Chasin volta e quer conhecer esses operários. Nós falávamos muito sobre isso. A gente ia para Osasco, ia para lá e para cá. Nós tentamos depois realizar esse alargamento das bases sociais do movimento grevista. Tentando conectar lideranças de várias regiões, uma confluência do movimento operário, quando Chasin vai mostrar as debilidades da direção sindical... Não sei se Ester está lembrada do evento em São José dos Campos... Nós fizemos um encontro com lideranças da classe operária... Com Lula, Zé Pedro, Arnaldo Gonçalves, entre outros. Chasin mostrava que o movimento operário só teria força se ele se transformasse de ações de *frações* em ações de *classe*. Quer dizer, em movimento social, se alargassem as bases sociais de modo permanente, a começar pelos metalúrgicos. Se os metalúrgicos de São Paulo e do ABC paulista tinham os dissídios diferenciados, um era em março e o outro em outubro, ou a outra categoria em novembro, a idéia era fazer a confluência. Que a classe operária fizesse uma grande greve e não isolasse o ABC, como era o risco. E quando Chasin veio para São Paulo, e a gente o levou ao movimento grevista, às assembleias multitudinárias, ele pôde conversar com o pessoal da base, com o pessoal do comando de greve. Nós nos reunimos com *Melão*, hoje um grande amigo, Wagner Lino, Osmarzinho, *Alemão*, que depois adentrou no MR-8 e hoje coordena a central ligada à social-democracia...

Ester: Nós vimos, nós assistimos à ascensão do MR-8, nós vimos isso. Eu assisti a isso...

Rago: E está na [Revista Nova Escrita/Ensaio] número 8 o registro com o comando de greve. Então, nós acreditávamos que seria possível influir no movimento...

50. Comuna de Paris de 1871, evento em que, pela primeira vez na história, a classe operária toma o poder, no qual permanece durante 72 dias.

Ester: E Chasin faz uma crítica violenta à nossa atuação... E foi pesado...

Vânia: *O texto ele escreveu ainda em Moçambique...*

Rago: Sim, o texto crítico sobre nossa atuação ele escreveu em Moçambique. É bom lembrar que a número 8 inaugura a *Nova Escrita/Ensaio*, que contém o texto “Carta a um Camarada” de Lênin e a homenagem a Florestan Fernandes. A entrevista com o nosso sociólogo foi um verdadeiro marco. Porque Florestan atravessava um momento difícil em sua vida e era escanteado pela própria esquerda. Nesse momento, Chasin morava na Rua Nebraska, no Brooklin. Chasin propôs que realizássemos um grande ato de homenagem a Florestan Fernandes, no Sindicato dos Jornalistas.

Ester: Antigos alunos dele, assistentes dele, também não lhe davam a mínima atenção...

Rago: Convidamos o jornalista Alípio Freire para nos ajudar, Carlos Guilherme Mota e outros companheiros. Chasin dizia: “Nós vamos trazer Florestan à tona”. E foi uma homenagem verdadeiramente linda!

Lúcia: *E foi aí que ele saiu candidato?*

Rago: Não, não. Estamos em 80... Florestan sai [candidato] em 1986. E nós fazemos, então, esse grande encontro no Sindicato dos Jornalistas... Nós convidamos para compor a mesa, além do homenageado, Alípio Freire, Almino Afonso, Ricardo Antunes e Chasin... Até tem uma foto em um livro de homenagem a Florestan Fernandes na qual aparece no lugar do nome de Chasin o de Chico de Oliveira. As pessoas nem conhecem, nem sabem o que estão escrevendo... Então, quer dizer, neste momento, Chasin fala: “Vamos contatar os alunos, os amigos...”. Por exemplo, o historiador Carlos Guilherme Mota conseguiu uma carta de Julio Le Riverend, de Cuba. O historiador cubano prestou uma bela homenagem a Florestan. Chasin publicou essa carta na revista n.º 9⁵¹. Fora isso, tem também a entrevista⁵²... Essa entrevista com Florestan foi um marco, porque as pessoas desconheciam a vida, a sua origem, suas concepções etc. e acho que nesse período é que a gente se aproxima muito de Florestan. Então, esse período dos anos 1980 é que vai, aí sim, matizar o nascimento da *Ensaio*. É no bojo disso que Chasin propõe publicar “Carta a um Camarada”, que tem dimensões muito importantes para o grupo. Porque Chasin vai mostrar que essa

51. LE RIVEREND, Julio. “Florestan Fernandes: la história y la sociología como conciencia”. *Revista Nova Escrita/Ensaio*. São Paulo, Escrita, ano IV, n. 9, pp. 161-3, 1982.

52. Refere-se a “Florestan Fernandes: a Pessoa e o Político”, entrevista publicada na *Revista Nova Escrita Ensaio* n. 8.



Da esquerda para direita: Florestan Fernandes, Ricardo Antunes, J. Chasin, Almino Afonso e Alípio Freire



Homenagem

A equipe de produção da revista Escrita Ensaio, de circulação nacional (coordenada pelo professor da UFPb J. Chassin) homenageou o escritor e sociólogo Florestan Fernandes com um almoço, no último dia da visita quatro dias que ele fez a João Pessoa. Ontem, antes de voltar a São Paulo, onde ensina na Pontifícia Universidade Católica, Florestan encontrou-se

com D. José Maria Pires. A convite do Mestrado de Filosofia da UFPb, o sociólogo fez palestras, deu entrevistas e ao comentar a paralisação dos professores das universidades autárquicas disse estar solidário com o movimento que os aproxima mais das reivindicações das classes trabalhadoras brasileiras.

Correio da Paraíba, 14 de novembro de 1982

idéia de um partido não é universal, o partido não é modelo e que nós não seríamos um partido. O que seria uma tendência, um bloco, para exemplificar, assim como há um bloco leniniano, trotsquista... Nós seríamos uma *tendência*. Mas com a compreensão de uma orgânica distribuída por funções, porque Chasin colocava exatamente as atribuições de cada qual, com responsabilidade. Quer dizer, então, cada pessoa ali teria sua função e responsabilidade. Produção teórica, reprodução e disseminação no corpo social eram atividades que qualquer grupo revolucionário deveria cumprir. No que concerne à produção teórica – prioritária, dadas as características da tendência Ensaio –, infelizmente, Chasin depois ponderou que imaginava que em poucos anos a gente cumpriria o processo de fazer muita produção. Ele não imaginava, da nossa parte, tanta debilidade, tantos tropeços, tantas frustrações, fracassos etc... Ele não imaginava...

Ester: ... que esse processo fosse tão demorado.

Rago: Porque, na cabeça dele, deveríamos pegar essa dimensão de Lênin, das funções, das atribuições, responsabilidades, e também estar colado ao movimento social, mas não enquanto partido. E, mais uma vez, a gente trocou os pés pelas mãos, ou melhor, o cérebro pelos pés... Eu vou só comentar isso, Ester, porque a gente começa a ter uma atividade prática exacerbada. A gente inverte, mais uma vez, as coisas. Veja, na Fundação Santo André, Chasin nunca concordou com o taticismo aplicado ao movimento estudantil e com as disputas de poder. A prática deveria ser direcionada para formar, para irradiar idéias. Por isso aquela questão de movimento de idéias e idéias em movimento.

Ester: Nós não tínhamos de elaborar proposta para o movimento sindical, proposta para tal sindicato, proposta para isso... para aquilo... Não éramos partido... Isso é muito difícil de entender. Foram anos e anos que as pessoas entendiam o Movimento Ensaio como um partido. Era uma loucura!

Rago: As pessoas agiam como se fôssemos um movimento prático.

Ester: E se comportavam como tal.

Rago: De outra parte, há também a incompreensão dos críticos do Movimento Ensaio. Para elas, o que vem a ser um movimento de idéias e idéias em movimento? Que nós éramos hegelianos!!! Ou, então, algumas pessoas entendem assim: “ah, vocês eram uma tendência para quebrar os partidos”. E, nesse processo, Chasin tenta mostrar: “nós temos de edificar um movimento. Esse movimento tem na filosofia de Marx a sua centralidade...”. Então, aí fica muito evidente para nós que teríamos de estudar, voltar-nos para o exame da realidade nacional e mundial, fazer uma produ-

ção teórica – e Chasin, de certo modo, fez uma programação dessa produção. Então, havia uma programação do que cada qual iria pesquisar. Pense em nossa *Ideologia Brasileira*, parodiando *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels... Desse projeto saíram várias pesquisas sobre o pensamento social brasileiro, entre elas, Oliveira Vianna, Francisco Campos, Gustavo Barroso, Azevedo Amaral, Roberto Simonsen, Hélio Jaguaribe, Guerreiro Ramos, Golbery do Couto e Silva e tantos outros pensadores. Chasin projetava, com essa produção sobre o pensamento brasileiro – somada à das classes sociais, do movimento sindical, da esquerda, dos discursos presidenciais dos generais da ditadura militar etc. – que: “Talvez daqui a alguns anos, dois, três anos, nós teremos vários trabalhos, livros...”. Essa imagem que ele tinha, com a produção teórica, a resposta à carência teórica do marxismo brasileiro... As pessoas passariam a nos confrontar com posições no plano teórico, não mais no plano do boca a boca ou coisa parecida.

Ester: Ele pensava que, com a evolução, com o desenvolvimento da editora, daí saísse um instituto de pesquisa.

Rago: Chasin pensava num instituto que permitisse o fluir dessa produção teórica. Então, quando surge o Movimento Ensaio, desde a origem, Chasin tem muita clareza de um trabalho nucleado em Marx, mas que compreenda aquilo que Lukács falava, do renascimento do marxismo. Há que fazer um novo *O Capital*. Há que entender a realidade brasileira, a formação histórica brasileira, a mundialização do capital. E há que recordar que Chasin incluía também estudos sobre arte, estética, história social da arte. E o nosso papel seria o da produção teórica, sua reprodução e disseminação, apoiando os movimentos sociais. Mas não como partido. No fundo, a gente pensava com cabeça de partido. E Chasin, quando volta de Moçambique, fica estarrecido, literalmente estarrecido com as nossas debilidades, com as nossas crenças: “Poxa, mas tudo aquilo que eu falei vocês jogaram no buraco?” Nós manifestamos várias debilidades que vão se revelar de modo até ostensivo, uma debilidade de caráter... Perdidos, muitas vezes, ora em taticismos, ora em oportunismos...

Ester: Também uma debilidade teórica, uma debilidade de compreensão, uma imaturidade conjugada com ingenuidade etc. etc... Outra coisa completamente diferente é uma debilidade de caráter que já tinha se manifestado naquele casal que foi para Moçambique antes de Chasin e família e depois também veio a se manifestar em outras pessoas nos momentos de dificuldade da Ensaio.

Lúcia: *Eu só queria retomar, bem rapidamente, quando Ester fala que nós não tínhamos clareza ou achávamos que era momento de revolução, tamanha a efervescência do movimento: nós temos de lembrar que realmente existia na América Latina algo acontecendo. Revolução da Nica-*

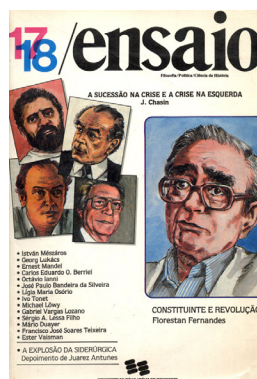
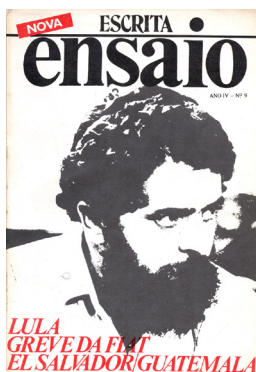
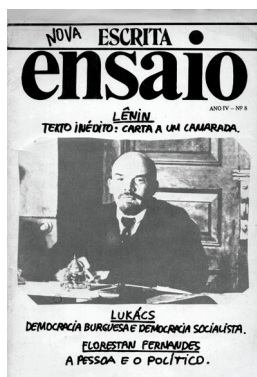
rágua, depois o movimento Sendero Luminoso... E no Brasil, antes da formação do PT, havia, sim, movimentos no campo, muitos assassinatos, sem falar em todo aquele apoio de vocês ao movimento operário e dos muitos núcleos que existiam. Até 84 foi a Conclat, antes da formação da CUT⁵³. Então, eram muito intensos os movimentos sociais. E qual era o lema? “CUT pela base.” Era tudo organização pela base. No momento em que surge o PT, quando o PT de fato vai se fortalecer, isso tudo vai sendo mingüado, mas, naquele momento, não era equivocado, não era ilusório...

Rago: Sim, mas o que nós estávamos falando era da nossa ilusão de que o operário, por ser operário, tinha uma estrutura diferenciada. E Chasin, sempre, num certo sentido, estava um passo à frente da realidade. Ele antecipava o que poderia acontecer. Quer dizer, quando você ainda estava tentando entender uma dada análise de realidade, ele já apresentava outros desdobramentos, porque ele pesquisava permanentemente. E, como a realidade é processual, Chasin ia adicionando, concretando sua análise da via colonial, com a intensificação ontológica. Ele ia se aproximando da concretude a cada determinação especificada. Chasin começava a mostrar traços da estrutura ontológica da personalidade operária. Analisava traços de debilidade dessas lideranças. Porque, tradicionalmente, a esquerda não trabalha com essa questão. A esquerda trabalha com a idéia de que a classe operária é uma massa que, movida por seus interesses econômicos, tendo uma direção, uma vanguarda consciente, segue a estratégia revolucionária. E Chasin mostrava que, para além da disseminação da consciência revolucionária, havia uma estrutura ontológica do caráter desses operários que fazia expandir seu arrivismo. Quando Chasin, no Editorial da *Ensaio* n.º 9, examina o perfil de Lula,⁵⁴ apontam para a grande liderança sindical que ele era, mas, quando escreveu que Lula não poderia ser um grande estadista, muitos de nós nos assustamos. “Mas, Chasin, como é que vou defender isso? Como nós vamos difundir o que você está falando?”. E Chasin diferenciava “Lula” de “Luiz Inácio da Silva”.

Ester: Ele nunca incluiu o “Lula” dentro do nome de Luiz Inácio. Ele diferenciava o dirigente sindical daquele que havia sido eleito deputado federal e que teve uma atuação pífia...

53. Central Única dos Trabalhadores, criada no I Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras, em 1983.

54. CHASIN, J. “Nota da Coordenação”. *Revista Nova Escrita/Ensaio*. São Paulo, Escrita, ano IV, n. 9, pp. 5-11, 1981.



Capas da Revista “Nova Escrita Ensaio” nº 8, 9 e – já como “Ensaio” – o número duplo 17/18.

Lúcia: *Acho também que era uma sedução pelo mundo burguês... Não conseguem fazer a crítica, porque o mundo burguês seduz de tal forma que as pessoas querem fazer parte...*

Rago: Mas eu acho que é mais do que isso que Chasin está falando. Ele está falando de uma determinação ontológica do ser social. Quer dizer, é uma determinação específica de um tipo social de classe operária...

Ester: É o fenômeno da alienação traduzido para uma situação mais específica. Se é um traço do caráter, ele não é inato. Faz parte da condição de ser daquele indivíduo em determinadas condições sociais, específicas. Em termos gerais, é alienação, mas alienação em um país retardatário.

Rago: Há que grifar também a influência da Igreja. Acredito que a maioria dos dirigentes metalúrgicos do ABC estava afinada com a doutrina anticomunista disseminada pela Igreja. Daí o combate permanente ao marxismo no interior do PT por parte desses setores religiosos e da “nova esquerda” não-marxista. Então, havia, de um lado, o marxismo vulgar, pois na gênese do PT, tanto o PCB como o PC do B foram contrários ao nascimento de um partido da classe operária. Então, quando Chasin começa a bater permanentemente nisso – nas ilusões dessa “nova esquerda” destituída de teoria revolucionária, que não repensou as experiências fracassadas do movimento operário, que fazia a apologia do “novo sindicalismo”, apagando as lutas passadas identificadas como “populismo”, sem possuir projeto social que articulasse a classe operária da cidade e do campo, não só no plano nacional –, vai se tornando cada vez mais clara na cabeça dele, mais uma vez, a necessidade da compreensão

dos lineamentos ontológicos de Marx. Haveria que mergulhar nos escritos de Marx. Pensar os esforços de Lukács em sua monumental *Ontologia do Ser Social*. A necessidade de um novo *O Capital* para o século XX. Nesse seu embate, a crítica ao Leste Europeu vai se expandindo... E quando tem a homenagem a Marx e sai aquele livro especial⁵⁵, e ele publica “Marx – Da Razão do Mundo ao Mundo sem Razão”, ali já começam a ficar claros, para nós, os complexos categoriais que expõem e há uma confluência com Mészáros muito importante sobre o estatuto ontológico do capital. Desde seu retorno de Moçambique ao Brasil, Chasin debruçou-se sobre a organização de um evento marcante no Brasil, que foi o centenário do falecimento de Marx, em 1983. Já instalado em João Pessoa, Chasin torna públicas suas reflexões sobre o significado essencial das determinações concretas do “socialismo num só país”. É obvio que o arrimo teórico se encontra em Marx. Chasin desenvolve um termo para designar a transição impossível. Trata-se, tematizava, de um *capital coletivo/não-social*. Forma imprevista de sociabilidade que não teria condições objetivas de superar o metabolismo social do capital em sua forma universalizada. Da mesma forma que Mészáros, para Chasin há que distinguir *capital* de *capitalismo*. Desse modo, não é gratuito que a primeira vinda de Mészáros ao Brasil seja pelas mãos de Chasin, que fez o possível para divulgar os resultados teóricos da obra *Para Além do Capital* em nosso país. A revolução política nascida de uma mobilização efetiva da classe trabalhadora, em virtude da ausência dos pressupostos práticos que Marx havia explicitado em sua obra com Engels, *A Ideologia Alemã*, impossibilitava o trânsito para a revolução social. Chasin sempre acentuou o *télos* da emancipação humana, da revolução do trabalho que abriria a possibilidade de um novo metabolismo social onde o processo de individuação social estaria aberto sem as barragens do trabalho alienado e estranhado. Daí o seu empenho em decifrar a imanência histórica dessa tragédia humano-societária, uma “transição que se autoperpetua”, como ele escrevia. De posse de uma ontologia estatutária extraída da produção filosófica de Marx, uma ontologia sempre de natureza histórica, Chasin passa a desenvolver a determinação ontonegativa da politicidade. Cabem à revolução política as tarefas negativas, destrutivas, a tarefa de pôr abaixo os pilares; à revolução social, os passos da construção sem barragens do trabalho alienado. A esquerda confundiu e me parece ainda confundir estatismo com socialismo. Veja, a “transição que se autoperpetua” engendrou uma nova barbárie social, uma vez que não ultrapassou o próprio capital, e a esquerda deposita sua fé ou na ausência da democracia (daí o paradoxo do “socialismo democrático” que preserva o mercado, as classes sociais, o próprio estado) ou pensa em se valer

55. Marx Hoje, edição especial da *Revista Escrita/Ensaio* (nº 11/12), de 1983. A republicação ocorreu em forma de livro: CHASIN, J. (Org.). *Marx Hoje*. São Paulo, Ensaio, 1988. “Da Razão do Mundo ao Mundo sem Razão”, de Chasin, consta de ambas as edições.

das experiências passadas sem a autocrítica devida. A grande questão, como Chasin repetia, era a de pensar a passagem de uma sociabilidade assentada no estatuto organizador do trabalho sob a lógica de uma metapolítica. Como seria possível o trabalho vivo passar à condição de regente do trabalho morto? Então, esse momento é muito importante, porque, ao mesmo tempo em que desenvolve a crítica ao pseudo-socialismo, são os anos em que Chasin vai cada vez mais compreendendo *a lógica concreta da particularidade brasileira*. O que vai acontecer com antevisão do processo de *auto-reforma* da autocracia e ele mostra aquela realidade pendular, entre a autocracia burguesa bonapartista e as suas formas de institucionalização, que era aquilo a que a ditadura militar estava induzindo a oposição democrática. O politicismo, como ardil, é próprio do ser da burguesia. Isso vai ficando cada vez mais claro e nos momentos concretos. Se você examinar os editoriais que escreve durante a década de 1980, são análises coladas à realidade nacional e à realidade mundial. Essa era a importância e significado do lema “movimento de idéias/idéias em movimento”. Era necessário fecundar a reflexão nacional...

Lúcia: *Não confundir com o que dizem, muitos acusam Chasin de ser hegeliano: “Olha o que ele defende, a razão, a racionalidade”. Porém, não se trata da racionalidade transcendente de Hegel.*

Rago: Obviamente, é uma racionalidade a partir do reconhecimento do primado do ser, da crítica ontológica do mundo. Então, Chasin vai deixando muito claro para nós que tínhamos de captar essa racionalidade extraída do mundo, e, inclusive, compreender a hierarquia dos valores humanos. Isso que eu acho que se perdeu, porque hoje, como dizia o velho Lukács, “tudo vale!”. Tudo se equivale, e a mediocridade, aliada à desumanização, rege o irracionalismo contemporâneo e dá forma ao reino do capital. Quer dizer, a gente tinha de ter o rigor teórico de conhecer o mundo pela *imanência histórica*. Há os que dizem que nós temos a perspectiva de um humanismo abstrato. Estamos presos ao jovem Marx... É bom repetir que não é uma razão em geral, mas é uma consciência concreta da lógica onímoda do trabalho, que se posiciona com relação à emancipação humana. “Sem teoria revolucionária, não há práxis revolucionária”. Da compreensão do mundo, mas da *posição da emancipação*, da liberdade. Aí está a diferença específica...

Ester: Aquilo que Chasin fala no texto inacabado “Rota e Prospectiva”⁵⁶: sem essa visão da *revolução social*, como norte, como orientação, você se perde... Esse é o ponto que dá a direção, esse é o norte: a *revolução social*, a *emancipação humana*. Se não

56. CHASIN, J. “Rota e Prospectiva de um Projeto Marxista”. *Revista Ensaios Ad Hominem*. Santo André, Ad Hominem, tomo 1, n. 1, 1999. Reproduzido nos tomos II, III e IV da mesma Revista.

tiver esse norte a orientar todos os seus momentos – seja nas relações humanas, seja o momento *cognitivo*, seja o momento da prática, o momento da atuação etc. – você se perde. Quer dizer, nós vivemos um momento que... Veja, no “Rota e Prospectiva”, que é o texto inacabado que foi publicado nos quatro tomos da *Ad Hominem*, que tem uma parte inicial, na qual ele fala da *analítica paulista*, quer dizer, no momento inicial do texto, que ele não acabou, ele morreu antes de terminar, ele tentava compreender e expor as razões do fracasso do projeto Ensaio. São duas ordens de motivações: uma é de ordem interna – nós fracassamos diante do projeto –, e outra de ordem externa, é um marxismo vulgar e a analítica paulista, de ordem externa. Ou seja, o projeto Ensaio fracassou por suas próprias debilidades internas, mas, sobretudo, pelo fato de ter suas propostas violentamente criticadas pelo marxismo vulgar no Brasil e não ter sido compreendido e aceito pelos representantes da “analítica paulista”. Rago está se referindo exatamente à questão de ordem interna, que diz respeito à inconsistência do ponto de vista humano, essa falta de caráter, ou falta de um suporte efetivamente humano para um projeto. Quer dizer, o projeto era muito mais pesado, muito mais importante do que as pessoas que estavam ali eram capazes de suportar. Não somente porque eram débeis teoricamente, ou porque não estudavam ou porque não se dedicavam à venda dos livros... Porque a questão se mostrou uma questão essencialmente *humana*. Uma coisa que Chasin sempre dizia em todas as intervenções, e que era muito cara a ele, era o problema da *autoconstrução* individual. Em que medida, a cada momento, eu estou me revolucionando, eu estou me indagando, eu estou me tornando melhor no *estercó das contradições*, para usar uma expressão de Marx e, depois, de Lukács? Em que medida, em meio ao estercó das contradições, eu estou, apesar disso, não obstante isso, e por isso, me tornando melhor? Quer dizer, esse fracasso de ordem interna diz respeito a um processo de apodrecimento, de velhacaria pessoal que chegou a um ponto que eu nunca imaginei que fosse testemunhar uma coisa dessa natureza. E, efetivamente, isso, para Chasin, foi algo muito violento, mais do que a falência da Ensaio. Porque, logo na imediatividade da falência da Ensaio, ele falou: “Faliu? Vamos partir para outra, a *Ad Hominem*”. O problema não está em a editora falir, a gente pode constituir outra. O problema foi o apodrecimento das pessoas, a que ponto a velhacaria, o mau-caratismo chegou. Foi baixo, foi o fundo do poço, e foi isso que eu pessoalmente testemunhei, e que derrubou Chasin. O que derrubou Chasin não foi a falência da editora... Porque uma característica fundamental dele – e isso ninguém compreende, porque eu não conheço outra pessoa que tivesse essas características – é o rigor. Mesmo porque Lukács, nos *Prolegômenos*⁵⁷, que eu trabalhei muito, que descobri... Foi um

57. LUKÁCS, G. *Prolegômenos à Ontologia do Ser Social*, texto inédito no Brasil, deixado incompleto por Lukács, que faleceu em 1971.

texto que Chasin não leu, porque os textos que ele lia, ele deixava rastros, anotações... Os *Prolegômenos à Ontologia do Ser Social* ele não leu. Estava lá na estante, mas ele não leu. Quando eu comecei a fazer a revisão técnica da tradução⁵⁸ – que, na verdade, foi outra tradução – eu encontrei outro Lukács, um Lukács um pouco diferente do da *Ontologia*. E eu encontrei lá em Lukács coisas que Chasin dizia antes de morrer e que ele não tinha lido em Lukács. Não é à toa que justamente nos *Prolegômenos* a questão que eu acho mais importante, que eu considero mais importante é a relação indivíduo e gênero... Indivíduo e sociabilidade. Então, essa preocupação com a individualidade era permanente. Tanto no sentido teórico quanto no interior das relações humanas que ele estabelecia... A individualidade dele mesmo, e a individualidade das pessoas que o cercavam, que trabalhavam com ele. Por isso é possível entender porque ele sempre apostava no outro... Porque há muitos que dizem: “Bom, Chasin se dedicou tanto, se esfacelou...”. Morreu, afinal de contas, por conta daquilo que ele fez. Do sangue que ele deu, do trabalho, das horas, da preocupação que o consumiram... Ele podia muito bem ter ficado em casa sozinho e escrito uma dezena de livros. Aí, eu pergunto: “Para quê? Para a ‘crítica roedora dos ratos’?” Que editora ia editar alguma coisa de Chasin? Para três ou quatro lerem os seus textos? Não era isso que ele queria. E eu acho que ele estava certo. Ele só pensava na possibilidade de um trabalho coletivo, com os outros, pelos outros, e era um trabalho coletivo em que até, como diz Rago, até o indivíduo levantar o punhal, ele continuava apostando. Ele não se equivocou com as pessoas, ele sabia muito bem quem eram. Dos lados débeis, das qualidades, defeitos. Mas ele sempre falava: “Eu me auto-intitulo otimista ponderado”. Ele sempre apostava na dimensão positiva das individualidades. Ele apostava que essa dimensão positiva viesse a prevalecer sobre as dimensões negativas que todos nós temos, ele inclusive. Por mais brilhante que ele tenha sido em todos os aspectos, ele não era onisciente e nem perfeito. Ele tinha as contradições individuais e pessoais dele também... Então, primeiro, ele não foi ingênuo, não se equivocou. Na verdade, ele não tinha a noção concreta do ponto a que as coisas tinham chegado [na direção da Editora Ensaio] aqui em São Paulo. Tinha exata noção do que acontecia com as pessoas que eram responsáveis pela Editora e pelo movimento Ensaio. Agora, é verdade que vários encaminhamentos, decisões, atitudes e comportamentos lhe foram propositalmente omitidos. Aqui em São Paulo valia o argumento de autoridade; aqui valia instrumentalizar o outro para que o interesse pessoal de alguns prevalecesse. Instrumentalizar a editora; instrumentalizar a secretária da editora; instrumentalizar a sede da editora; fazer com que a editora fosse trampolim para a satisfação, propensão de fins puramente egoístas, pequenos, medíocres. É óbvio que

58. A Profa. Ester Vaisman realizou a revisão técnica do texto de Lukács, cuja edição está sendo preparada pela Boitempo Editorial.

ele não tinha percebido que a coisa chegou tão fundo, tão baixo. Mas ele não se equivocou, ele sabia perfeitamente com quem ele estava lidando. Mas sabia, também, que corria um risco. Ele não via, não concebia um projeto teórico a não ser por meio de um grupo, a não ser por uma forma coletiva de trabalho. Que isso, em nossos tempos, seja impossível, isso não é culpa de Chasin, não é responsabilidade dele, mas é por conta mesmo dos tempos que nós estamos vivendo, que produz as individualidades às vezes as mais pútridas possíveis. Não foi ele que criou essas individualidades, mas foram os nossos tempos. O projeto dele está inacabado. Nenhum de nós soube, nesses dez anos, dar o devido prosseguimento para aquilo que ele iniciou e desenvolveu do ponto de vista teórico... Nenhum de nós deu prosseguimento àquilo que ele fazia em termos de análise de realidade, embora existam por aí pessoas que se autodenominem os verdadeiros herdeiros de Chasin, não é? Quer dizer, todo o tipo de bizarrice ou de bisonhice é possível nos dias de hoje. Nada mais me espanta. É comum se afirmar que ninguém é insubstituível. Eu acho que, no caso de Chasin, ninguém pode substituí-lo. Não fomos capazes de dar prosseguimento ao seu trabalho de pesquisa de modo consequente. De todo modo, todos nós, dentro das nossas possibilidades, procuramos levar à frente orientações, artigos, teses. E o mais importante: levar uma vida minimamente digna, contudo, poderíamos ter feito muito mais – e não fizemos. No que diz respeito ao projeto Ensaio, é preciso levar em conta que várias vezes ele teve que lembrar as pessoas da necessidade da venda de *mão em mão*, e que agora outras editoras estão seguindo a mesma direção. Caso contrário, certas publicações não sobrevivem... Ele teve de vencer muitas resistências à base da argumentação, à base da prova, à base da demonstração. Até que chegou o momento em que não era mais possível continuar daquela forma e ele teve de denunciar publicamente aquela pessoa que visivelmente... visivelmente... havia muito tempo, vinha solapando todo o projeto de uma maneira absolutamente evidente e sórdida. Então, vamos lá! Chasin era um ingênuo? Era um utopista? Era um bobo? Chasin podia ter qualquer defeito, mas ele não era utopista, não era ingênuo, não era bobo, ele sabia exatamente com quem ele estava lidando, volto a repetir. Mas a gente lida e trabalha com as pessoas possíveis. Agora, que no final das contas todo o projeto tenha fracassado, e que isso tenha, infelizmente, coincidido com a morte dele, é uma coincidência infeliz, mas uma coincidência. Isso não estava “escrito nas estrelas”. E eu considero essa entrevista um momento não só de esclarecer determinadas mistificações e calúnias que se montaram em torno da figura dele, mas também de mostrar que não é ingenuidade, não é utopismo... Se orientar, ter como norte, ter como objetivo e ter como ponto de orientação a emancipação humana, porque, do contrário, é a total capitulação, é a total submersão naquilo que o mundo do capital produziu de pior.

Vânia: *E é interessante como Chasin combatia teórica e praticamente, na sua vida pessoal, lutando contra essa fragmentação, contra esse egoísmo...*

Ester: Essa manipulação, essa instrumentalização do outro, que é o que passou a ocorrer [no grupo Ensaio] aqui em São Paulo. Uma instrumentalização atroz do outro. A ponto de se calar o outro, a ponto de se aterrorizar o outro. A ponto de se manipular os sentimentos mais autênticos do outro.

Lúcia: *Tudo isso afastou muita gente que estava envolvida naquele trabalho*

Rago: A regência em nosso trabalho se punha no interior de uma hierarquia de valores. Quer dizer, havia regramento no sentido da autoconstrução, a crítica profunda não era no sentido destrutivo, mas de elevação humana. Chasin sempre dava a postura exemplar, também aqui regia o princípio segundo o qual “o indivíduo é o que faz e como faz”. Basta pensar que poderia ter se dedicado a uma “carreira-solo”, talvez ganhasse muito com isso, mas sempre tentava mostrar que era no trabalho conjunto, um potencializando o outro, que as individualidades poderiam se expandir humanamente, os indivíduos poderiam se potencializar mutuamente, sem aqueles indivíduos dissimulados, cínicos, sem relações...

Ester: Sem relações hipócritas...

Rago: Exato. Chasin dizia que as contradições também nos pegavam. Isto pode provocar risos... mas é que algumas pessoas começaram a pensar que estavam imunes, dada a sua consciência revolucionária, dotadas de “ontologia”, resguardadas, porque detinham a “sabedoria”... As pessoas pensavam que elas tinham a verdade e o mundo não as respeitava. E Chasin falava: “Ao contrário, as contradições sociais estão em nós”...

Lúcia: *Seria interessante retomarmos as reflexões chasinianas acerca do Leste Europeu, porque, me parece, Chasin vai se diferenciando inteiramente das análises de Lukács...*

Ester: Chasin, entre outras coisas, procurou mostrar o Leste Europeu como forma ainda de manutenção do capital, mas uma forma de capital coletivo/não-social, no qual não se tem a apropriação social do mundo produzido pelo trabalho. E nesta relação de continuidade... Ainda que a forma do Leste Europeu tenha sido imprevista historicamente, quer dizer, nem Marx, nem o próprio Lênin, nem Trotsky puderam imaginar que aquilo daria esse monstro, inclusive no seu gigantismo. Quer pense o que foi o terrorismo de *estado* nesse período, de massacre de milhões e milhões de vidas... E Chasin falava da *liberdade* do *trabalho*. Isso é uma coisa muito

importante, porque em tudo o que você faz na vida, se você não tiver a responsabilização e... fazendo aquilo para a sua autoconstrução, aquilo não lhe diz respeito.

Rago: Chasin começa a capturar as determinações ontológicas do processo do Leste Europeu e daí essa necessidade visceral da compreensão de Marx. Quer dizer, há um ritmo muito mais acentuado da compreensão das passagens de Marx, este projeto da “redescoberta do pensamento de Marx”, destrinchando as três críticas ontológicas: crítica ao pensamento especulativo, à politicidade e às formas materiais e ideais do capital. Porém, isto não significa um mero estudo dos lineamentos ontológicos inscritos na obra de Marx, mas também compreender as novas determinações dos mundos do capital. E, desse modo, compreender ontologicamente essa forma social imprevista, quer dizer, Marx especificou a impossibilidade de transição sem os pressupostos práticos para a consumação da revolução social e colocou nas páginas de *A Ideologia Alemã* que, se a revolução comunista ocorresse num país sem esses pressupostos práticos, o comunismo local, mantendo relações com países com forças produtivas mais desenvolvidas, seria inevitavelmente esmagado. Quer dizer, qualquer país ou conjunto de países com a estrutura produtiva mais desenvolvida, a formação mais desenvolvida captura a de menor desenvolvimento das forças produtivas, que é da lógica histórica que Marx detectou no século XIX, e a história e o fim do Leste Europeu comprovaram isso. Então, quando Chasin desenvolve essa categoria do *capital coletivo/não-social*... quer dizer, não era uma forma de socialismo. O socialismo de acumulação... Era uma impropriedade o uso do termo.

Vânia: *Ou capitalismo de estado...*

Ester: *Ou socialismo realmente existente...*

Rago: Então, isso faz com que haja um desenvolvimento da nossa compreensão e Chasin anuncia a *derrocada* do Leste... Eu nunca me esqueço quando o Leste desaba, no ano de 1989 para 1990, e Chasin afirmava: “nações que não existem mais; classes se foram, partidos se foram e pessoas se foram!”. Quer dizer, a quebra das possibilidades históricas, no fundo, atingia a nós próprios. E Chasin aventa o nosso fim. Lembre-se da celeuma do tópico sobre a “morte da esquerda”. Para mim, 1989 é um divisor também. Porque 1989 é um mundo que Chasin antecipa naquela nossa reunião de meados do ano de 1989 – eu não me lembro se é maio –, quando ele fala que Collor iria vencer [as eleições presidenciais]. Quer dizer, se dariam em novembro, e Chasin falava: “Se não houver uma confluência eleitoral Brizola/Lula, tirem o cavalinho da chuva. A direita volta ao poder depois de a última eleição ter ocorrido nos anos 1960 e no início de 1961, termos como vitorioso Jânio [Quadros]

e desde lá não houve eleições democráticas. Essas eleições ocorrendo, vão dar a vitória para a *direita*". Brizola e Lula não mudariam o país, mas poderiam revolver a lógica produtiva assentada na superexploração da força de trabalho, uma transição conectada com México e Argentina. É claro, se houvesse disposição e estruturas da esquerda para pensar uma transição. Então, nesse momento em que Chasin expõe que nações se modificam, outras acabaram, classes se acabaram e indivíduos se acabaram, é que ele coloca a nossa própria situação, pois deveríamos nos modificar para sobreviver. Não é à toa, então, que essa parte da "morte da esquerda" aparece num texto belíssimo de Chasin, "A Sucessão na Crise e a Crise na Esquerda"⁵⁹, quando ele demonstra ali radicalmente o fim de possibilidades, que a esquerda precisaria repensar inteiramente as derrotas sucessivas do movimento operário, as transições impossíveis e a velocidade das mutações intrínsecas à mundialização do capital. E Chasin colocava também que muitos de nós poderiam dar um passo atrás, sabendo que nossos esforços seriam redobrados. E no "Rota e Prospectiva..." ele fala muito claramente desses intelectuais que, na universidade, continuam a falar do proletariado, mas agora na condição de *mercador do proletariado*. Então, é a desfiguração do intelectual... Chasin faz uma análise ali do que é um intelectual, é uma coisa que ele sempre colocava para nós. Chasin decifrava o perfil do intelectual que não tinha a mesma responsabilidade, a mesma disciplina do operário, não tinha essa dimensão prática, de gerar um produto concreto, controlado pelo capitalista ou seus gestores. Daí, na universidade, o intelectual ficar surrupiando o pensamento marxista enquanto *mercador na universidade*. Então, Chasin colocava que a pesquisa é sem fim; a possibilidade da realização do conhecimento é um processo humano revolucionário. Daí, novamente, a importância dada por ele a essa urgência histórica e à necessidade premente da produção teórica. O que é a razão revolucionária? O que Gramsci quer dizer com a expressão "a verdade é concreta"? Por que as pessoas não falam que Gramsci é *hegeliano*? Por que as pessoas não falam que Lênin é hegeliano quando ele sintetiza a máxima marxiana: "Sem teoria revolucionária não há prática revolucionária"? Certamente, não é a "identidade da identidade e da não-identidade" de Hegel, não se trata, nos lineamentos ontológicos do pensamento marxiano, de uma razão que sobrevoa a história num processo histórico para examinar os seus feitos. Chasin está falando de um tólos da emancipação humana, não num confronto especulativo, mas nas contradições do mundo societário, onde viscejam possibilidades históricas para as respostas dos indivíduos socialmente determinados. Portanto, trata-se de possibilidades genéricas que o indivíduo tem de se autoconstruir, naquilo que Ester falou: no *auto-revolucionamento permanente*, ainda que sob o capital. Uma conduta éti-

59. Publicado na *Revista Ensaio* 18/19, de 1989.

ca. Quer dizer, se a ética não é possível enquanto possibilidade humano-societária de indivíduos se realizarem plenamente sob o metabolismo social do capital, uma pseudo-revolução é o que a esquerda pensa: a ética na política...

Ester: A revolução como apelo ético...

Lúcia: *Voltando às possibilidades do quadro brasileiro, como fica a questão da teoria chasiana da via colonial de objetivação do capital?*

Rago: Chasin já alertava para o uso indevido que as pessoas estavam fazendo da teoria da *via colonial*. O capital industrial já estava materializado. O capital chegou a essa forma *monopólica de capital incompleto* – e, por favor, com desenvolvimento das forças produtivas materiais. Não era mais sustentável uma *teoria do subdesenvolvimento*, sobre a qual a esquerda se debruçava... Torna-se inadequado para os tempos atuais o uso da categoria de *capitalismo híper-tardio*...

Ester: Exatamente, porque a via colonial chegou à sua finalização. No meu modo de pensar, insistir na análise da situação brasileira atual a partir da categoria da via colonial é um erro. Um saudosismo teórico, na ausência de um novo feixe categorial para entender o que se passa nesse exato momento. O próprio Chasin, antes de morrer, se pronunciou sobre isso, inclusive por escrito.

Rago: Acabou nessa configuração, na configuração da *modernização* excludente e com alto desenvolvimento das forças produtivas, com um mercado interno ampliado e diversificado. E era sobre isso que a gente tinha de se debruçar, porque as *forças produtivas são expressão do trabalho humano*...

Ester: São *capacitação humana*...

Rago: Sim, capacitação humana. E Chasin deixa isso claro nas reflexões do “Rota e Prospectiva...”, segundo as quais o homem vem se tornando demiurgo da natureza, falta ser demiurgo de si mesmo... resolver a saída da pré-história humana de que Marx falava e norte do humanismo radical, a capacidade de produção de uma vida humana, livre e plena, ainda que no sentido histórico do termo. Implica o quê? Que, para nós, é cada vez mais claro que *a história em Marx é aberta*, é autoconstituição social da própria individualidade – caso contrário, temos a “impotência”, o “apodrecimento sob a própria pele”. Então, nós temos de repensar o que está acarretando o fenômeno de *desenvolvimento universal das forças produtivas*. Porque hoje o capital se depara com uma crise sem precedentes. E é notável que se fala todo dia na crise e nos aportes financeiros para o sistema ficar de pé e pouco se diz acerca das demissões volumosas que já põem o navio à deriva, e tendencialmente tendem

a crescer... Chasin se valia dessa imagem, o capital como um navio à deriva. Porém, há que ressaltar que a universalização do capital é também universalização das forças do trabalho. Os críticos de Marx acentuam que sua teoria faliu quando o ser social da classe trabalhadora se fragmentou. Com isso, torna-se impossível uma consciência revolucionária da totalidade social. Esta teoria reformista se esquece de dizer que a universalização das forças produtivas materiais não faz desaparecer como um passe de mágica a *lógica onímoda do trabalho*. Se você pensar que o *trabalho se universalizou*, que a cooperação social do trabalho se potencializa graças a sua universalização, significa que não é só o capital que está universalizado, enquanto mercado globalizado, mas significa que a classe trabalhadora que se configura nessa nova quadra é também *uma nova classe operária*. Marx, naquela famosa “Carta a Annenkov”, diz o seguinte: “O que é história? O que dá continuidade ao processo histórico? O desenvolvimento das forças produtivas materiais. E o que é o desenvolvimento dessas forças produtivas materiais? O desenvolvimento do indivíduo. O que é a história senão a produção dos próprios indivíduos na história?” E nós chegamos a um momento em que se dá aquilo que Marx havia colocado como tendência do capital, se não houvesse nenhuma barreira, a sua mundialização. A *mundialização* nada mais é do que o domínio planetário do capital sobre o trabalho. Mas é também, de modo contraditório, a *universalização do trabalho*...

Ester: E do indivíduo social também...

Rago: E do *indivíduo social*, que é a chave para Chasin. É estranho como parte da esquerda começa a negar o desenvolvimento das forças produtivas, que é capacidade ilimitada de produção material, e, portanto, de nós próprios, sopesando formas de organização social que têm como base a pequena produção rural, a economia solidária, a economia ecológica etc. E o legado politicista da *analítica paulista* continua a dar o tom. Chasin escreveu que a Ensaio foi espremida por dois pólos: o pólo que ele chama de *nobre*⁶⁰ e o pólo do *baixo clero*. Esse pólo nobre simplesmente foi arrogante. Desconsiderou as questões que Chasin abria para o debate. Mas não tinha outro jeito, porque a crítica de Chasin é visceral.

Ester: Agora, um aspecto que deve ser lembrado é o seguinte: ainda... Eu acho que é preciso fazer algumas referências ao texto de 1989. Não só por conta das elei-

60. J. Chasin se referia aos intelectuais do PSDB como “nobres”, e aos do PT como “baixo clero”, porque a extração dos intelectuais dos partidos era a mesma: conviviam e produziam suas teorias na USP e no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap): José Arthur Giannotti, Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso e outros, filiados ao PSDB; Marilena Chauí, Francisco de Oliveira, Francisco Weffort e outros, filiados ao PT. Enfim, os dois partidos, embora divergentes no campo eleitoral, comungavam as mesmas idéias, realizavam as mesmas análises sobre a realidade brasileira, ancoradas nas teorias da dependência, do autoritarismo, do populismo e da marginalidade.

ções, não só por conta de que em 1989 ocorre a implosão do Leste Europeu, mas porque 89 significou para o Brasil e para a América Latina em geral a última chance de um revolucionamento, de uma mudança. Foi o último momento, a última chance histórica para uma mudança. Mas que tipo de mudança? Naquele momento, Chasin propunha uma mudança na estrutura da produção, sem revolucionar ainda o próprio modo de produção. Tal mudança implicava a alteração completa do relacionamento com o capital estrangeiro, uma redefinição cabal da relação com o capital financeiro etc. Agora, há alguns ex-alunos de Chasin lá de Belo Horizonte que afirmam peremptoriamente que ele errou. Bom, *post festum* eu posso dizer uma série de coisas... Eu posso até dizer que Marx errou, *post festum!* Agora, naquelas condições, naquele momento, realmente era a última possibilidade. Não deu, como Rago falou, Brizola/Lula, Collor venceu, acabou! Quer dizer, encerrou, terminou... A oportunidade histórica foi perdida. Não foi Chasin que errou. A história entrou por um caminho que afastou qualquer possibilidade de transformação efetiva no sentido de uma *democracia social*, de uma *república social* no Brasil e, por conseqüência, na América Latina.

Vânia: *Para retomar o fio da meada: estávamos com Chasin em João Pessoa, por ocasião da celebração do centenário de Marx. Que atividades Chasin desenvolveu por lá?*

Ester: No Nordeste em geral, as atividades foram muito promissoras. Num primeiro momento a carência era, ao mesmo tempo, a força. Assim, ele desenvolveu um trabalho incansável; ele viajava, orientava, dava palestras, dava cursos – a ponto de Giannotti ironicamente referir-se a ele como o “vice-rei do Nordeste”. Pouco tempo depois, o que veio a acontecer na universidade? Ao mesmo tempo em que se abriu o processo de democratização, eleições para todos os tipos de cargo: para chefe de departamento, coordenador de colegiado de curso, para diretor de centro, reitor etc. etc., a “Paraíba profunda”, que é como nós denominávamos as velhas oligarquias – que, até aquele momento, não tinham o controle da universidade, e por isso várias vezes dirigiam ataques violentos à universidade, porque grande parte dos professores era de fora, eram professores estrangeiros ou da região Centro-Sul e que, por isso... Havia uma coluna no jornal chamada *Linha Direta* em que diariamente o colunista atacava, fazia uma campanha xenófoba... Rubens Pinto Lyra, que era professor, num dos números da *Nova Escrita/Ensaio*, publicou um artigo sobre essa questão⁶¹... Enfim, a *Paraíba profunda* finalmente conseguiu se apoderar da universidade à base do *velho clientelismo*, que ela é sábia em utilizar, e tornou a nossa situação insuportável. A gota d’água disso foi uma defesa de dissertação do chamado Frei Marcelino, que havia participado, segundo ele próprio, de um movimento camponês

61. LYRA, Rubens Pinto. “Reacionarismo e Xenofobia na Paraíba: o caso da UFBp”. *Revista Nova Escrita/Ensaio*. São Paulo, Escrita, ano IV, n. 8, pp. 51-68, 1981.

em Catolé do Rocha. Queria aplicar Foucault na análise daquele movimento. E um dos professores que iam participar da banca – não havia naquele momento exame de qualificação – disse: “Isso não tem condições de ir para defesa”. Chasin era, então, o coordenador do Colegiado e tentou pedir para o orientador, que era Jean Robert Weisshaupt, convencer Frei Marcelino de não ir à defesa, porque ele seria, muito provavelmente, reprovado. Apesar de todos os esforços para convencê-lo, Frei Marcelino insistiu e disse: “Quero ir à defesa”. Agora, imaginem fazer uma dissertação sobre si mesmo com base nas categorias da *Microfísica do Poder*, tendo em vista analisar o movimento camponês de Catolé do Rocha!!! Sabendo que havia, entre os membros da banca, professores que tinham levantado restrições ao seu trabalho, ele resolveu levar um grupo de camponeses para o auditório. Iniciada a argüição, os camponeses batiam o pé no chão e não deixavam os argüidores se pronunciarem, principalmente, a professora Tereza Calvet, que tinha levantado a impossibilidade de aprovar a dissertação. A dissertação foi reprovada. Inconformado com a decisão, ele resolveu, em seu programa de rádio, “denunciar” o ocorrido. No entanto, toda a carga do tal Frei Marcelino foi dirigida contra Chasin, porque Chasin era comunista. Frei Marcelino se valeu de todos os recursos possíveis e imagináveis. Foi até o Conselho Universitário, mas, no final, ele perdeu...

Vânia: *Chasin estava na banca?*

Ester: Não. Ele era coordenador do Colegiado. Apenas isso. Mas, aí, o que aconteceu? De repente, aquilo que Chasin chamou de “os muitos marcelinos” que havia em João Pessoa resolveram se “vingar” e aparece em público, publicado em um jornal, a notícia de que Chasin não era doutor! Veja... Nós falamos há pouco que Vicente Unzer de Almeida tentou impedir a defesa da tese de Chasin. Mesmo assim, depois de muita batalha jurídica, Chasin defendeu. Inconformado, Vicente Unzer de Almeida tentou anular a defesa, entrando com um recurso no Conselho Federal de Educação. Nós não sabíamos disso! Então, alguém... algum “Marcelino” foi procurar algo que pudesse prejudicar Chasin e localizou o tal processo. Como eu disse, Chasin não tinha conhecimento disso! Mas, em seguida, procuramos verificar o que realmente havia acontecido com ajuda de um advogado. Constatamos que, mais uma vez, Unzer havia perdido. De fato, ele havia interposto um recurso, mas, mais uma vez, ele perdeu.

Rago: Mas como isso apareceu em João Pessoa?

Ester: Não conseguimos saber, mas o fato que eu quero aqui ressaltar é que isso foi aos jornais, com uma manchete intitulada: “Chasin Doutor?”. Mas Chasin não

esmoreceu! Pesquisou o que realmente havia ocorrido e sentiu-se obrigado a vir a público divulgar todo o processo, acrescentando a informação mais importante, que havia sido – propositalmente, é óbvio – sonogada. Ou seja, que existiu o recurso, mas que o parecer do CFE foi contrário, o CFE não acatou o recurso de Unzer, que àquela altura já tinha morrido. Essa tentativa de desmoralizar Chasin publicamente havia mostrado o seguinte: nossa situação na UFPb havia se tornado insuportável. Aí surgiu o convite de nos transferirmos para a UFMG e, naquele momento, achamos que era a melhor coisa a fazer, porque a *Paraíba profunda* já tinha, com seus tentáculos, asfixiado a vida universitária, pelo menos para nós! Já tinha tomado conta da universidade, impedindo qualquer trabalho mais conseqüente. Agora, em 1980, Chasin desenvolveu uma participação importante na universidade, esteve presente em vários debates e encaminhou soluções para problemas muito graves que tinham surgido, por exemplo, perseguição de professores. E, dada a visibilidade que ele adquiriu, a forma, a facilidade com que ele se expressava em público, o seu carisma, a argumentação que ele desenvolvia... Ele foi logo proposto para ser candidato da Associação Docente. Ele veio a ser presidente da Associação Docente em 1980 e liderou a memorável greve de 80, que foi a primeira grande greve das Ifes, das Instituições Federais de Ensino Superior. O resultado dessa greve foi muito importante, pois não apenas criou a carreira de professor, que depois foi reformulada etc... Mas o fato é que não existia carreira, a maioria dos professores era contratada como professor visitante, como era o caso dele, ou como professor colaborador. Foi uma greve que, então, não apenas gerou a carreira, mas foi uma greve que acompanhou toda a movimentação social grevista, agora no campo dos professores do ensino federal superior. Então, ele lidera essa movimentação. O comando de greve se instala, primeiramente, em Goiânia. E disso depois é criado o Andes⁶² e o próprio movimento docente, enquanto tal, do ensino superior. Pouca gente sabe dessa história, por isso é importante registrar. Mas logo surgiram problemas, porque existiam lá em João Pessoa as vestais, não é? Aquelas pessoas que não assumiam... não tinham essa condição de aparecer em público, de falar em público, de liderar assembléia, mas que fazem esse trabalho por trás; que são consultadas. E os petismos, vamos dizer, nascentes... já ali presentes, o que tornou, também, os anos de direção dele na Associação Docente bastante complicados. Mas, por outro lado, havia também o intenso trabalho lá a *Escrita/Ensaio*, por exemplo, a entrevista com D. Zumbi, ex-D. Pelé, a entrevista com Adam Schaff e assim por diante⁶³... Nós trouxemos Mészáros para o evento de 1983, o seminário sobre Marx, fizemos a entrevista... Bom, o seminário foi

62. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior.

63. “De D. Pelé a D. Zumbi: a prática política da fé”, entrevista com D. José Maria Pires, e “Contra o Stalinismo e a Alienação”, entrevista com Adam Schaff. *Revista Nova Escrita Ensaio*. São Paulo, Escrita, n. 10, 1982. Mencionem-se, também, as entrevistas com Mészáros (*Revista Ensaio* n. 13) e Paulo Freire (n. 14).

algo inesquecível. Primeiro, é preciso lembrar que, bem ou mal, nós ainda estávamos com Figueiredo⁶⁴ no poder. No entanto, Chasin conseguiu o envolvimento de várias entidades de fomento à pesquisa: do CNPq, da Capes, da própria UFPb, de forma que foi levantado um financiamento para um evento de caráter internacional, porque veio Mészáros participar. Participaram também Michel Debrun, Gerd Bornheim e muitos outros... E disso resultou aquele número especial que já mencionamos⁶⁵. Padre Vaz, embora não tenha ido, colaborou com o caderno sobre Marx⁶⁶ e assim por diante. E todas as atividades se realizaram num local construído pelo governador da época, Tarcísio Burity⁶⁷, no Bairro dos Estados, lá em João Pessoa, o Espaço Cultural. Lá havia dois anfiteatros divididos por uma espécie de tapume... Na abertura do evento, essa grande divisória do palco foi suspensa e a Orquestra Sinfônica da Paraíba, que na época era uma das principais orquestras do país, abriu o evento. Então, os dois anfiteatros, e a orquestra no centro, com uma abertura dos trabalhos; toda uma secretaria montada. As coisas funcionaram perfeitamente bem, com comunicações, mesas redondas, palestras etc. Evidentemente que o convidado principal foi Mészáros, mas havia intelectuais de peso, não necessariamente marxistas, mas estudiosos de Marx, ou que tinham alguma relação com ele.



Da esquerda para direita: Michel Debrun, J. Chasin, Isteván Mészáros e Giuseppe Sttacone. Durante o I Congresso de Filosofia do Nordeste promovido pelo SEAF-ordeste em outubro de 1983.

64. João Batista de Oliveira Figueiredo assumiu o governo federal em 1979 e saiu em 1985, quando foi substituído por José Sarney.

65. *Revista Nova Escrita Ensaio* n. 10/11, Edição Especial – Marx Hoje, republicada posteriormente em formato de livro.

66. VAZ, Henrique Lima. “Sobre as Fontes Filosóficas do Pensamento de Karl Marx”. *Revista Nova Escrita/Ensaio*. São Paulo, Escrita, ano V, n. 10/11, pp. 247-160, 1983.

67. Tarcísio de Miranda Burity (1938-2003), político, escritor e professor.

Rago: E a Orquestra toca Antonín Dvořák, a *Sinfonia do Novo Mundo*⁶⁸...

Ester: Exato! Eu me lembro do jeito de Gerd Bornheim, ele estava ao lado, em uma das frisas, olhando para aquilo sem acreditar que uma coisa daquela envergadura pudesse acontecer em João Pessoa, na Paraíba. E aconteceu. Inacreditável, mas aconteceu. E foi um acontecimento memorável. E isso tudo incomodou. Incomodou a oligarquia, a *Paraíba profunda*. De forma que, de 1980, quando Chasin foi para lá, até o início de 1986, ele teve uma atividade intensa em Maceió, em Natal, em Fortaleza, ele não parava de viajar. E, ao mesmo tempo, orientava a linha editorial da *Ensaio*, sempre preocupado, produzindo material, escrevendo... incentivando outros a escreverem; conseguindo textos para publicação; idéias novas etc. Então, foram anos de atividade muito intensa e febril lá em João Pessoa.

Rago: A Anpof⁶⁹ é desse período?

Ester: A Anpof foi criada em 1983, em Diamantina, e Chasin foi um de seus fundadores. Foi membro da diretoria por duas vezes.

Vânia: *Vocês foram convidados por quem para irem para Belo Horizonte?*

Ester: Por José de Anchieta Correia, que era o coordenador da pós-graduação.

Rago: É nesse momento que é formado o Grupo de Pesquisa em Marxologia⁷⁰?

Ester: Isso foi por iniciativa dele, criar esse grupo de caráter multidisciplinar; daí o título: *Marxologia, Filosofia e Estudos Confluentes*. Chasin queria que professores, pesquisadores de outras áreas participassem do grupo. Trata-se da velha característica dele, ele nunca se viu trabalhando no isolamento. Nunca se viu nessa condição. A Seaf – a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas – também foi um momento importante, que precedeu a criação da Anpof, ainda durante a ditadura, que ele também participou, ajudou a desenvolver as atividades. Ela foi muito atuante em Belo Horizonte também.. Enfim, eu tentei levar lá, sozinha, essa atividade, mas é praticamente impossível. Quando Chasin morreu a *Ad Hominem* não existia ainda. Estava tudo projetado e , quando me vi naquela situação, pensei nesses termos: “Bom. Em homenagem à memória dele, o mínimo que eu posso fazer... O mínimo que a gente pode fazer é publicar esses quatro tomos...”. Publicamos o *Pensamento Vivido*, publi-

68. Antonín Dvořák (1841-1904), compositor tcheco, escreveu a *Sinfonia do Novo Mundo* em 1893.

69. Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia.

70. Grupo de Pesquisa: Marxologia, Filosofia e Estudos Confluentes da UFMG, acessível pelo site: < http://plsql1.cnpq.br/dwdiretorio/pr_detalhe_bt_grupos?strPNroIdGrupo=0333701CJFCKHN&strPQuery=&strPConector=ALL>. Parte significativa da produção do Grupo está disponível na página da Verinotio, no setor de Publicações (teses e dissertações).

camos *A Miséria*⁷¹ e o *Integralismo* de novo. De fato, antes de morrer Chasin estava pensando em publicar novamente o *Integralismo*, mas numa versão mais sintética. Um pouco antes de falecer, Chasin elaborou um grande projeto de pesquisa que visava a resgatar, a partir da história da filosofia, todas as tentativas, todas as propostas de constituição de uma ontologia etc. Mas, novamente, não se tratava de um projeto que ele pensava levar a cabo de modo individual, não se tratava, volto a insistir, de uma pesquisa pessoal, porque individualmente era inexequível. Ele tinha em mente também fazer os devidos ajustes de contas com Lukács. É pena ele não tenha chegado a ler os *Prolegômenos*, pois eu acho que ali há algumas coisas muito preciosas, como ele deixou escrito no “Rota e Prospectiva”, ou, como eu por diversas vezes reiterei em sala de aula, Lukács atinou para isso no final da vida, quando tudo já estava desmoronando... embora Lukács tenha sido enfático ao afirmar que o *retorno às coisas mesmas* só poderia se dar a partir do Marx, por meio do pensamento de Marx.

Lúcia: *Já que falamos em Lukács, por que não está correto dizer ontologia do trabalho?*

Ester: *Ontologia* só pode ser referente a uma entificação ou a um ser. Ou seja, para deixar claro o que interessou a Marx... Sobre o que Marx se debruçou foi uma forma de ser específica, que é a *sociabilidade*.

Vânia: *Chasin denunciava com muita veemência o modismo de usar o termo “ontologia”, bem como o uso disseminado e banal de práxis, de ideologia, difundidas de maneira vulgarizada, como argumento de autoridade, como pretexto para não estudar e explicar corretamente a realidade. Para escapar de um problema, você simplesmente tacha de ideologia, diz que é ontológico, que é dialético etc., cola o rótulo e deixa de explicar...*

Ester: Exato. Esse é o problema que o preocupava muito. Passa-se a utilizar, a se expressar, a veicular essa categoria, sem ter a mínima noção do quão é espinhosa e essa questão no interior da filosofia.

Vânia: *Que autores atuais Chasin respeitava?*

Ester: Olha, eu não me lembro de nenhum, sinceramente. Nem nas anotações dele... Ele tinha reservas... Ele começou a desenvolver reservas com relação a Mészáros etc. Então... eu não me lembro... Não. A coisa era estudar Marx... Ele tem algumas anotações. No “Rota e Prospectiva”, ele estava lendo o *Ressentimento da Dialética* de Paulo Arantes... Determinadas colocações que Paulo Arantes fazia e que ele pegou como ponto de referência, como pretexto para desenvolvimento. Ele

71. *A Miséria Brasileira*, lançado em 2000, reuniu todos os artigos desenvolvidos por Chasin sobre a realidade brasileira.

estava lendo, quando morreu, o *Ressentimento da Dialética* de Paulo Arantes, parecia que aquele livro estava fazendo ele pensar algumas coisas.

Vânia: *Caminhando para o fim dessa entrevista, poderíamos falar algumas palavras finais. Eu queria ressaltar a importância de uma personagem como Chasin no mundo de hoje. Diante da vulgaridade teórica, do hedonismo que justifica as mais profundas degenerações, do pleito irracionalista pela incoerência – Chasin, sem dúvida, destoa. Eu pouco convivi com ele, mas ainda assim ele me impressionou profundamente, e não apenas em termos teóricos, é preciso registrar. É da figura humana que se trata aqui. E duas frases dele me são muito caras: aquela já citada por Rago, que diz que manter a lucidez é o ato mais revolucionário possível hoje – de um poder de síntese e de um acerto fenomenais nessa usina do falso que é o mundo contemporâneo. E a outra é: quando há urgência social, não se pode ter pressa. Por isso, apesar de tudo, eu acho que é possível recuperar a importância dele. Eu acho que, mesmo com a “guerra do silêncio” que ele sofreu... Marx falava da mesma questão em relação a O Capital, da guerra do silêncio que ele enfrentou. E Marx, parece que ele tende a retomar, volta e meia... sem querer... Com todos os problemas das “interpretações” e reducionismos, ele acaba se fazendo presente. Até pelos ataques que sofre: ninguém chuta cachorro morto...*

Lúcia: *Eu acho que sim... Eu tenho certeza...*

Ester: *Eu não sei... Eu sou mais pessimista...*

Rago: *Eu também. Veja as ruínas do mundo universitário, da proibidade do intelectual. Veja a tendência irracionalista que ganha hegemonia e se distancia cada vez mais do humanismo radical, que põe de modo mais agudo a depleção da consciência e as lutas insanas na academia... Chasin criticava a usina do falso que a contemporaneidade se meteu...*

Ester: *Uma mediocrização... Na verdade, quanto mais se afastava a possibilidade de transformação social, mais Chasin é afastado, mais ele é esquecido. São coisas que estão correlacionadas.*

Vânia: *De todo modo, acho que a herança que ele deixou é grandiosa. Veja, vocês fizeram uma análise, uma autocrítica, que eu acho corretíssima, claro. As individualidades que conviveram conosco no período da *Ensaio* demonstraram uma podridão que eu não era capaz de imaginar. Basta olhar os acontecimentos dos últimos anos da Fundação Santo André, com toda a bandalheira que ocorreu lá. Crimes, inclusive, no sentido jurídico mesmo, e um rebaixamento extraordinário no sentido humano. E nós, que não chegamos a tal nível, também demonstramos fraquezas mil em momentos fundamentais, no sentido pessoal e grupal. Chasin fazia questão de mostrar como isso estava relacionado ao próprio contexto histórico, ou seja, ele não via a questão pelo aspecto moral,*

mas a remetia à própria objetividade e às suas determinações. O já mencionado estercor das contradições que é o real, que nos determina positiva e negativamente, sem que, com isso, evidentemente, estejamos desculpados por nossos erros e fraquezas. Entretanto, acho que houve também momentos extremamente positivos. Em termos de atuação prática, vocês mencionaram a intervenção durante as greves do ABC, a celebração dos cem anos de Marx... Em relação à Ensaio, que é do que mais posso falar: quando eu vou a uma biblioteca, a um sebo, e eu vejo alguns daqueles títulos que publicamos... História do Estruturalismo, O Modernismo Reacionário, História da Comuna de 1871, Por que não Somos Nietzscheanos e tantos outros que, à parte o sucesso comercial (que quase nunca veio!), são marcantes nas respectivas áreas e se tornaram de leitura obrigatória. O mesmo eu acho que se aplica à produção acadêmica: as teses e dissertações produzidas sob orientação direta de Chasin ou sob sua influência, como as que foram feitas pelo pessoal do Grupo de Marxologia, têm uma importância muito grande. São de uma excepcional qualidade! Enfim, quero apenas salientar esse aspecto também, para que não pareça que a experiência Ensaio (como a Senzala, a Temas, a Ad Hominem) se resumiu a uma sucessão de equívocos e fracassos. Esses também houve, em número maior do que gostaríamos, mas os acertos e sucessos também estão presentes e não poderiam deixar de ser mencionados, mesmo recheados de autocríticas, em nome da verdade histórica. E é claro que Chasin foi determinante para que eles ocorressem.

Ester: Antes de finalizar essa entrevista, seria interessante aviar um balanço rápido da herança que Chasin nos legou. Em primeiro, lugar, na minha opinião, emerge a sua figura humana. É óbvio que não se trata aqui de mitificar pessoas ou coisa do tipo, mesmo porque já fomos acusados de cultuar a figura dele, mesmo em vida! Grupo Chasin para cá, grupo Chasin para lá e assim por diante... Quem teve a rara oportunidade de conviver como ele de perto, como é meu caso, durante 25 anos aproximadamente, primeiro como aluna, amiga, admiradora e depois como mulher e interlocutora, tem condições de formular um testemunho concreto acerca de sua figura, de seu modo de viver, de sua maneira de se relacionar com as pessoas e lidar com as dificuldades. De fato, não conheço ninguém que tenha apresentado as mesmas características, tanto pessoais quanto intelectuais. Morreu cedo, é verdade, lamentavelmente... mas teve uma vida com sentido. Quem de nós pode em sua consciência afirmar que teve condições de nortejar sua vida segundo um projeto, ao qual se dedicou integralmente e sem desânimo? Digam, quem? Isso não significa, é óbvio, que ele não enfrentou, do ponto de vista íntimo, altos e baixos, como qualquer um de nós, isso não significa que, diante de dificuldades que pareciam insuperáveis, ele não tenha reagido negativamente sob o ímpeto do desespero...



J. Chasin em debate realizado no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo em 1982.

Não! Mas o que o diferencia é que, apesar desses momentos de extremo desânimo e até desespero, como disse, ele possuía uma força, uma convicção, um desejo de viver e lutar que acabava por vencer esses momentos negativos que foram muito frequentes em sua vida, em todos os níveis, desde o familiar até o acadêmico, passando pelo político e ideológico. Foi um homem íntegro, coerente, mas, ao mesmo tempo, carinhoso e capaz de nutrir sentimentos monumentais como marido, pai e amigo! Ele era tido como demasiadamente sério, racional e até arrogante. Tinha que sê-lo, como poderia ser diferente diante das lutas que abraçou? Mas, no convívio familiar e com os amigos próximos, tinha um senso de humor inigualável, preocupava-se com os filhos de maneira cotidiana e me amou como ninguém é capaz de amar! Tudo nele era grandioso, intenso, coerente, essencialmente humano, como humano podemos ser ao limite máximo de nossas possibilidades. Do ponto de vista intelectual deixou-nos uma série de contribuições fundamentais, seja no plano da filosofia, seja no plano da análise da realidade contemporânea, principalmente, a brasileira. Deixou também em seus arquivos um ambicioso projeto de pesquisa que tem como objetivo fundamental resgatar a questão ontológica ao longo da história da filosofia, com o objetivo de chegar à resolução marxiana de questão tão vital. Que o reconhecimento de tal contribuição não tenha se dado é puro sinal dos tempos. E aqui vai uma confissão: tenho a sensação de que o mundo havia se tornado insuportável para um homem como Chasin. Isso era visível em seus comentários e avaliações de todo o tipo: desde aqueles que o traíram até as pessoas mais próximas; chegou mesmo a denominar um *réveillon* que passamos em São Paulo, logo depois da quebra da Ensaio, como a festa dos derrotados! Nada e ninguém escapavam de sua perspicácia, de seu

olhar arguto, nada e ninguém chegaram a iludi-lo, enganá-lo. Nada que era humano
lhe era estranho!



J. Chasin em 1996.